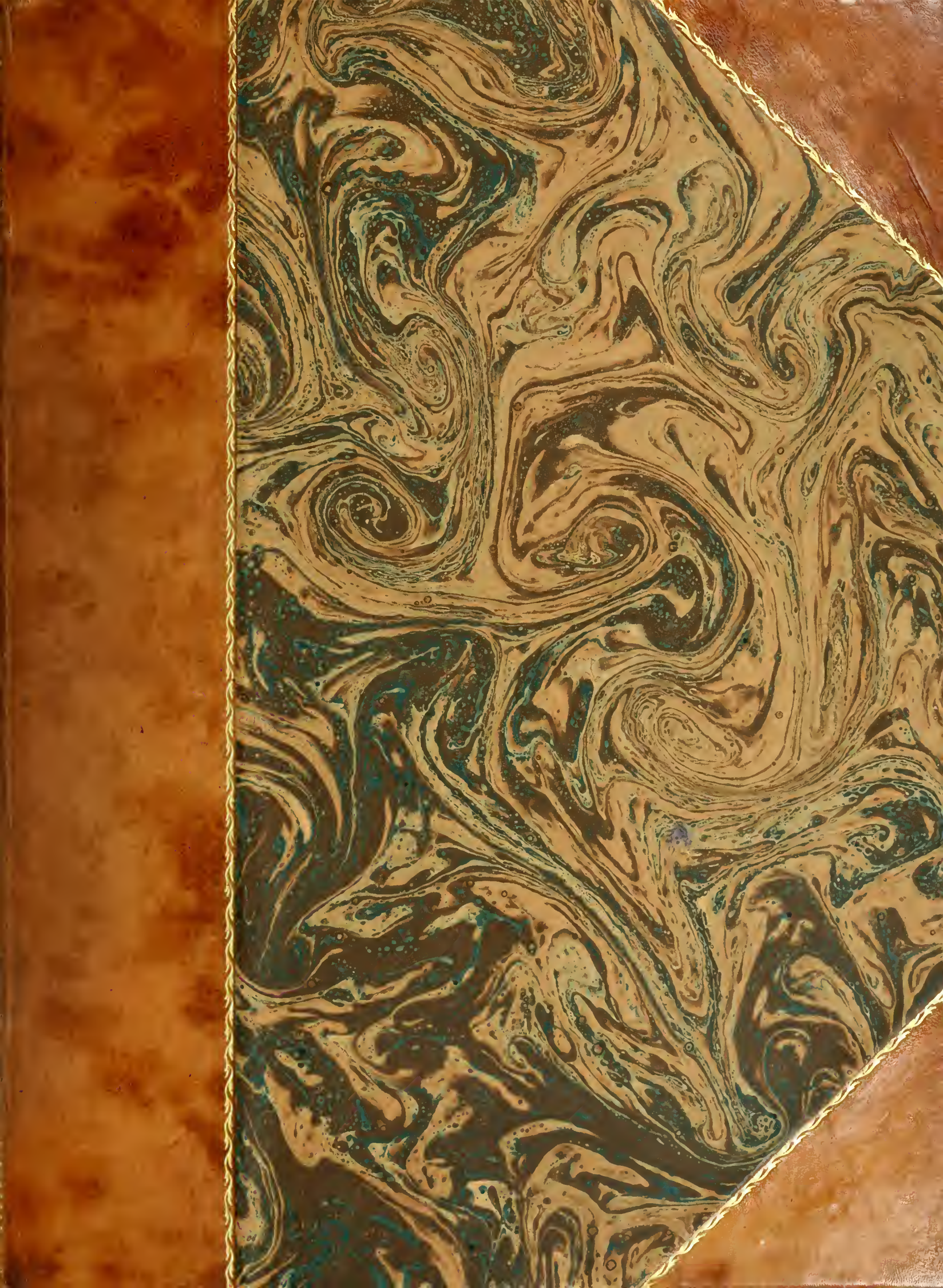


Why ask for the moon
when we have the stars?

AS

Typ. e ofi. de grav. do «Com. do Porto»

Typ. e off. de grav. do «Com. do Porto»

REVISTA DE GUIMARÃES

PUBLICAÇÃO

DA

SOCIEDADE MARTINS SARMENTO

PROMOTORA DA INSTRUCÇÃO POPULAR

NO

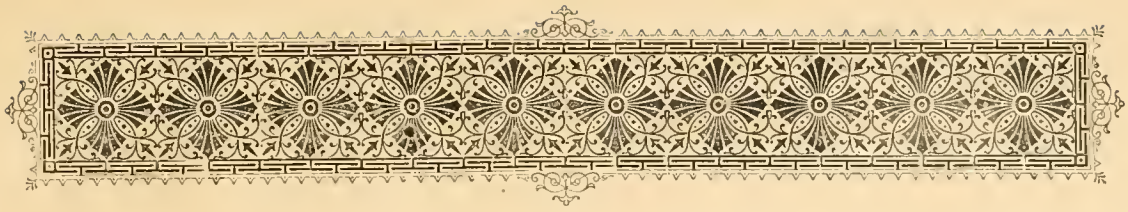
CONCELHO DE GUIMARÃES

REVISTA DE GUIMARÃES

NUMERO ESPECIAL

Francisco Martins Sarmento

PORTO
TYPOGRAPHIA DE ANTONIO JOSÉ DA SILVA TEIXEIRA
Rua da Cancella Velha, 70
MCM



Em 9 de agosto do anno findo, falleceu n'esta cidade, no seu palacete do largo do Carmo (hoje largo de Martins Sarmento), o sabio archeologo e nosso illustre socio honorario, Francisco Martins Sarmento.

Este luctuoso desenlace, embora previsto e desde muito esperado, causou profunda e geral consternação.

A noticia correu rapidamente, e era de vêr como em todas as classes da população vimaranense se desenhava vivo e sincero o pezar e a saudade que de subito ferira todos os corações.

E caso notavel, aquelle homem, cujo doloroso passamento havia originado tão pungentes impressões, era pessoalmente pouco conhecido.

O isolamento em que se collocára, ou em que o collocaram os seus estudos e a sua saude ultimamente bastante melindrosa, era de certo pouco adequado para lhe grangear e consolidar popularidades que elle nunca ambicionou.

E no emtanto a consciencia publica teve uma verdadeira explosão de intensa e funda magoa ao ser-lhe dada a noticia d'aquelle previsto e esperado accidente.

É que n'esse doloroso e solemne momento ao espirito geral d'esta cidade tinha acudido nitida e distinctamente accentuada a comprehensão de que a morte do eminente sabio e inclito cidadão equivalia ao desapparecimento da mais elevada e genuina gloria que ella produzira no presente seculo.

Se era certo que os seus habitos de vida o tornavam pessoalmente pouco conhecido da maioria dos seus concidadãos, não era menos certo que ninguem desconhecia a sua poderosa es-

tatura intellectual, e a consideração e o respeito de que justamente gozava entre os mais notaveis homens de sciencia do paiz e do estrangeiro.

E sobretudo ninguem ignorava que junto com o sabio vivia o mais perfeito e immaculado caracter, e palpitava um coração ardente de patriota, que amava apaixonadamente a sua terra e estremecia de enthusiasmo com os seus reaes e legitimos progressos.

O sentimento publico precisava de expandir-se.

Á Sociedade Martins Sarmento, que se formou ha perto de vinte annos n'um impulso de justiça patriotica, para render homenagem á privilegiada associação d'um grande talento, d'um grande saber e d'uma bella e admiravel estructura moral, qualidades que tão caracteristicamente assignalavam a sympathica individualidade do nosso primeiro socio honorario, cumpria dirigir a corrente d'este sentimento.

Pertencia-lhe justamente pagar á memoria do grande sabio a sua divida de gratidão.

Pertencia-lhe a iniciativa de demonstrar quanto a cidade e concelho de Guimarães sentira viva e profundamente a perda d'aquelle espirito radioso e incomparavel que tão poderosa e benefica influencia tinha exercido na vida local.

No cumprimento d'esse dever indeclinavel, a direcção da Sociedade Martins Sarmento, de commum accordo com os seus socios mais prestantes e seus antigos iniciadores, promoveu desde logo, em homenagem ao saudoso extincto, as demonstrações publicas que se julgaram mais proprias para traduzir o seu sentimento e o sentimento unanime da cidade.

Mas era evidente que a perda irreparavel que tão fundo nos feriu não interessava exclusivamente esta instituição, nem tão pouco unicamente esta cidade e concelho; o golpe cortou

por mais largo e affectou profundamente a sciencia portugueza que elle tanto honrou, e tanto podia continuar a honrar.

Pertencia, pois, tambem a esta sociedade, que do seu espirito recebera as suas melhores inspirações, que pretende ser no decorrer dos tempos uma permanente consagração do seu nome venerando, solicitar dos amigos de Martins Sarmento, dos sabios que o conheceram e apreciaram a justa homenagem devida ao incançavel, vigoroso e desinteressado homem de sciencia.

Por isso foi que entre as diversas deliberações adoptadas figurou o projecto da publicação d'um numero especial da Revista de Guimarães, exclusivamente destinado a servir este ultimo e imprescindivel intuito.

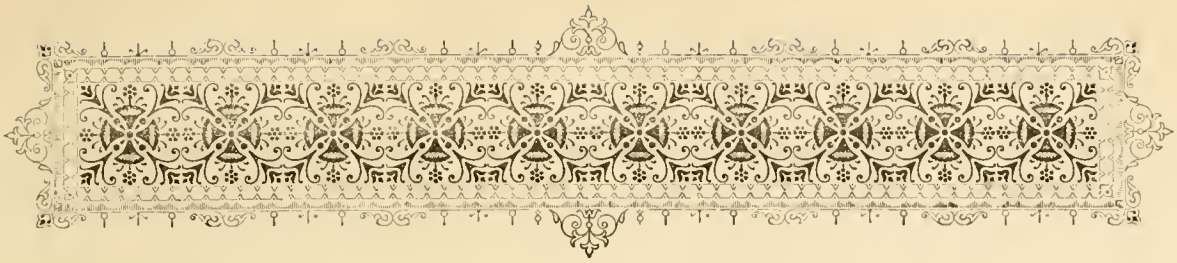
Assim o resolvemos, e assim o cumprimos.

Guimarães e Sociedade Martins Sarmento, 9 de março de 1900.

A direcção.

Joaquim José de Meira.
Domingos de Sousa Junior.
Simão Eduardo Alves Neves.
João Gualdino Pereira.
Manoel Martins Barbosa d'Oliveira.
Pedro Pereira da Silva Guimarães Junior.
Padre José Maria Fiuza.

CITANIA DE BRITEIROS



Francisco Martins de Gouvêa Moraes Sarmento [1]

O snr. Francisco Martins de Gouvêa Moraes Sarmento foi proclamado socio honorario da Sociedade Martins Sarmento em assembléa geral de 29 de janeiro de 1882.

*

Nasceu em Guimarães a 9 de março de 1833. Seus paes Francisco Joaquim Gouvêa de Moraes Sarmento e D. Joaquina Rosa d'Araujo Martins podiam, se confiassem tudo da sua abastada fortuna, esquecer a educação litteraria do filho: mas a sua distincção e nobreza de sentimentos fizeram-lhes vêr que seria um erro deixal-o n'aquella proverbial ignorancia, que tornou quasi legendarios os morgados de provincia, e que mais que a riqueza valeria a distincção das letras.

Tinha o snr. Sarmento oito annos quando entrou na escóla primaria e aos quinze concluia os preparatorios, matriculando-se logo depois na faculdade de direito da Universidade de Coimbra, onde terminou a sua formatura em 1853, aos vinte annos de idade.

O enfado d'esse curso que, estreitando a intelligencia do alumno no circulo apertado d'uns compendios officiaes, lhe não deixava vêr os largos horisontes da sciencia, não teve n'elle a influencia destruidora, que faz de tantos outros uma desastrosa inutilidade: a sua forte organisação intellectual e a sua viva imaginação resistiram ao perigo. Importou-se pouco do ensino offi-

[1] Da Revista de Guimarães n.º 1 — Janeiro de 1884.

cial, o bastante apenas para satisfazer ás exigencias do curso. Na leitura de bons livros fortaleceu a intelligencia, e deixou a imaginação correr a par dos affectos da alma; de fórma que ao sahir de Coimbra não era perfeitamente um bacharel, mas um poeta.

*

N'essa época estava á moda em Portugal a litteratura romantica, que espalhava por toda a parte os seus reflexos apaixonados. Eram romanticos todos os nossos poetas e escriptores, desde o primeiro ao ultimo por toda a hierarchia litteraria. Do sentimentalismo exagerado d'esta escóla irradiavam essas vivas e fortes commoções, que ora embalavam a alma no sôpro tepido da melancolia, ora a envolviam n'uma tempestade revolta de descrenças e maldições.

O snr. Sarmento, vivendo n'esta atmosphera litteraria, moço e apaixonado, — para os doentes do coração tinha o romanticismo uma attracção irresistivel, não podia evitar a influencia do ar que respirava: os vôos da sua imaginação levaram-no fatalmente para esse lado e em 1855 publicava um volume de versos intitulado *Poesias*, tendo já anteriormente apparecido no *Bardo* e na *Miscellanea* alguns versos seus.

A feição das *Poesias* é essencialmente romantica. Cantam com uma forte paixão os pezares da alma: a attitude a da época, — os cabellos esparsos ao vento, as mãos crispadas pela desesperança. Mas não é um canto de mera imitação ou de phantasia especulativa: conhece-se através d'esses versos ardentes e, por vezes, ironicos a historia da alma do poeta n'aquella época da vida.

A fórma, essa é aqui ou alli um tanto incorrecta, como devêra acontecer n'uma obra dos vinte e tres annos, se bem que não faltem versos torneados e cadentes. Mas se ha na fórma ligeiras incorrecções, ha no fundo um estro vigoroso, uma elevação tal de pensamento que distingue o auctor da vulgaridade dos poetas sem alma, e que denuncía emfim um robusto talento.

A publicação d'este livro deu logar a um incidente, que magoou o auctor e põe em relevo a feição pundonorosa do seu caracter.

Um patricio do snr. Sarmento e sua frequente visita, a quem offerecera um exemplar do seu livro, publicou, em seguida á obsequiosa offerta, n'um periodico de Valença e sob um pseudonymo, aliás conhecido, umas impertinentes graçolas a respeito dos versos. O auctor, tomado de espanto, escreveu-lhe e na carta estranhava a patifaria, exigindo que desfizesse a má impressão produzida em alguns leitores pela sua atrevida chocarrice. A resposta pela imprensa foi, — que sim, que retirava as suas apreciações, porque *elle era pobre e o auctor era rico*, etc. A esta deslealdade affrontosa respondeu o auctor como em taes casos é de justiça: bateu-lhe publicamente.

A correcção assanhou o critico e, em desforra, dirigiu-se ao jornalismo, clamando que o auctor atacára a liberdade da imprensa, da critica e de mais não sabemos quantas liberdades: e o facto é que o jornalismo, santamente indignado, reproduziu o clamor. Um dos jornaes chegou mesmo a equiparar o auctor das *Poesias* ao assassino do redactor do *Setubalense*, esfaqueado lá por causa de certa questão!

O snr. Sarmento teve nojo de tudo isto, e ficou profundamente abalado na sua fé sobre a

missão da imprensa e da critica. Retirou então da circulação quasi todos os exemplares da sua obra (para o que talvez concorressem outros motivos intimos) e lavrou protesto de não querer mais nada com os typos.

Mas que?! Appareceram-lhe, como costuma dizer aos seus amigos, dois diabos, qual d'elles peor, — o Sêcco e a archeologia, e lá se quebrou o protesto. Voltou á imprensa; mas agora empunhando, em vez da tiorba do poeta, a penna do jornalista e do archeologo.

*

E' forçoso dizer que já antes d'isto o snr. Sarmento havia quebrado aquelle protesto.

Em fins de 1856 publicava o *Vimaranense* uns folhetins intitulados *Tres dias em Guimarães*. O snr. Sarmento não os subscreveu; mas, sabe-se, eram obra sua. O assumpto é — um viajante passa aqui tres dias, corre a cidade inteira, guiado por um cicerone boçal, e vai notando todos os ridiculos da terra, o estado dos seus monumentos e do espirito publico.

Traçados ao correr da penna, são muito descuidados na fórma; no dialogo sobretudo a que falta elegancia; mas d'uma critica fina e mordaz. Ha n'elles o sentir do patriota desejoso de vêr a sua terra adiantada em civilisação: é que o snr. Sarmento não escreve sem que o agite um pensamento elevado e generoso.

Não parou aqui o folhetinista.

Em maio de 1859 teve o *Vimaranense* uma resurreição e, ao que parece, foi ainda d'esta vez o snr. Sarmento quem lhe soprou a vida, prestando á nova empreza o prelo e materiaes da officina, que eram seus, e para coadjuvar a redacção escreveu uma serie de folhetins.

A satyra é n'este genero de litteratura a sua arma de predilecção: toma-a com valentia e investe contra todos os ridiculos, contra o mau gosto, contra tudo que lhe pârece mau.

Nos folhetins sobre o theatro, *Zigues-zagues* e *Um punhado de verdades*, desfaz á ponta de epigramma a opinião de certa gente d'aquelle tempo, que tinha em horror o theatro por ser *a casa do diabo*. Ralha ao publico, que applaude o que devia reprovar; e indigna-o o bocejo de certos espectadores nos pontos mais delicados do espectaculo.

As mulheres deram assumpto á maior parte dos folhetins. Revive n'elles a alma do poeta. Idealisa-se a mulher e o seu ideal é, — que ella se eleve a um amor puro pela energia das aspirações sentimentaes, reagindo contra tudo que possa manchar a sua candura e a sua nobreza. Ainda o romanticismo.

Era de vêr que esta delicadeza de sentimentos lhe devia ser origem de muita desillusão; e foi-o ao que parece das suas satyras.

Condemna o adulterio como degradação vilissima e a este proposito escreve um conto em dois folhetins, *Elle e Ella*, em que dá á mulher, uma *coquette* de provincia, a parte principal do crime. Responde-lhe *Justa* n'um *Conto contra conto* em que se vê a medalha pelo reverso; é então o homem o diabo tentador. Depois de tudo isto uma discussão physiologica sobre a natureza da mulher.

Ha uma grande vida e muita luz em todas estas paginas moldadas com arte ao geito da litteratura franceza, de que o snr. Sarmento é um perfeito conhecedor. Mas, é forçoso dizel-o, a phrase, ainda que correcta e vernacula, não tem a flexibilidade, a ligeireza encantadora do ver-

dadeiro folhetim, que passa de leve tocando delicadamente em tudo quanto encontra sem produzir uma tempestade.

Estava contrafeito n'este genero de litteratura. A sua organisação pede a violencia d'um combate, em que se ataque o assumpto por todos os lados, varrendo as objecções e derrubando os argumentos do adversario.

Desde 1860 não o tornámos a vêr no folhetim.

*

Veio depois a questão de caçadores 7. É interessante.

Certo lavrador dos arredores da cidade estropeou um soldado, castigando aggravos que elle provocára. Soube d'isto o coronel e pediu tragicamente *as tripas do lavrador*. A esta voz desencadeou-se o furor da soldadesca que, não encontrando o pobre homem, lhe destruiu quanto tinha em casa, fazendo em seguida, de dia, uma entrada triumphal na cidade, batendo e ameaçando. Pouco depois uma pequena rixa provocou nova desordem, e os sargentos sahiam em rondas nocturnas a desancar quantos paizanos encontravam na rua.

Tomou-se de terror toda a gente e só uma voz se levantou a protestar, a do snr. Sarmento, que verberou na imprensa a inepcia do commandante e a ferocidade da sua tropa. Ameaçado, respondeu á ameaça sahindo, contra os seus habitos, a passear no terreiro mais concorrido da cidade. Os pacificos cidadãos espreitavam por detraz das portas o desenlace do repto: um unico homem, o snr. Lourenço Leite de Castro, se lhe foi pôr ao lado, como quem desejava compartilhar da lucta, travada, não por uma questão pessoal, mas em desaffronta dos brios offendidos da sua terra.

A soldadesca passou de largo.

Desde 1868 em diante publicou o *Vimaranense* muitos artigos de polemica da lavra do snr. Sarmento, taes como: *As biblias protestantes*, discussão com a *Religião e Patria*; *A Santa Inquisição* e *Os frades*, discussão com a *Sentinella*; *Á Religião e Patria* e *Ao Argus*, discussão sobre os frades; *Delenda Cartago*, discussão com o cabido d'esta cidade sobre a remoção da oliveira; *Vejam e meditem*, sobre os milagres da agua de Lourdes; *O protesto do snr. Padre Casimiro*, a proposito das declarações d'este celebre miguelista; *O snr. Padre Lourenço e os cemiterios*, discussão sobre os cemiterios.

Annos depois publicou a *Religião e Patria* outros, como: *Caldas de Vizella*, defendendo a camara e a empreza vimaranense; e uma serie de brilhantes artigos sobre uma pendencia com os redactores do *Imparcial*.

São um modelo do genero. O snr. Sarmento está ahi perfeitamente á sua vontade. Toma as questões com firmeza, agita-as habilmente em todos os sentidos, e ao passo que discute deixa-nos vêr, sem pretenções immodestas, os seus vastos conhecimentos definindo perfeitamente as suas idéas e convicções d'um liberalismo illustrado e ao par do movimento social da sua época.

Nunca perde o sangue frio em frente do adversario, apara-lhe os golpes e fere-o depois com a firmeza d'um bom esgrimidor, e sem sahir da linha de combate. É grave e sério quando o assumpto o é tambem; cheio de graça e de *verve* quando apanha o ridiculo da questão.

Um distincto polemista.

*

A questão «Sècco» appareceu em 1872: uma lucta esforçada e vigorosa contra o despotismo insolente e a iniqua administração d'um juiz, que fazia leis da sua vontade e do seu capricho.

O juiz atropellava a justiça, recebia emolumentos indevidos e não cumpria a decisão d'um tribunal superior a mandal-os restituir; negava os recursos dos seus despachos; insultava e suspendia os advogados, mandando riscar nos seus escriptos forenses o que lhe parecia offensivo: emfim, uma desordem na administração da justiça.

O snr. Sarmento preoccupava-se muito com isto: affligiam-no os excessos e a altivez do tyrannete, e a posição melindrosa dos dois advogados seus amigos, que tinham feito rosto aos atrevimentos do juiz, defendendo energicamente o direito dos seus constituintes.

Um dia o snr. dr. Rodrigo de Menezes mostrou-lhe, como curiosidade, o processo instaurado pelo juiz contra o advogado Avelino da Silva Guimarães: depois da leitura das primeiras paginas arremessou-o contra as paredes do seu gabinete, e ergueu-se, como se ergue um homem ferido pela lamina aguda d'uma affronta.

Estava decidido a luctar. O amor da justiça, uma das feições mais salientes do seu caracter, tinha sido tocado pela tyrannia da auctoridade: não era preciso mais para o transformar n'um luctador.

Eram graves as difficuldades da jornada. Tinha o juiz pelo seu lado o favor das secretarias do Estado, nos tribunaes superiores o espirito de classe e no publico o medo. Era preciso fazer face a tudo isto. Nada porém acobardou o snr. Sarmento, antes os previstos obstaculos serviram apenas a estimular-lhe o animo.

Reuniu em volta de si cinco amigos, fundou um jornal — *A Justiça de Guimarães* —, de que foi o principal collaborador durante os quatro mezes da sua publicação.

O juiz sahiu-se, em defeza, com um folheto, e o snr. Sarmento, á frente dos redactores da *Justiça de Guimarães*, respondeu-lhe com um livro — *Os redactores da Justiça de Guimarães e o juiz de direito F. H. de S. S.*

Jornal e livro foram impressos exclusivamente a expensas suas e distribuidos gratuitamente em todo o paiz.

A causa venceu-se.

Os artigos de sua lavra n'essas duas publicações distinguem-se dos outros pela viveza da idéa, e pelos traços firmes d'um estylo de combate. A crença na justiça da causa que perfilhou, a dedicação pelos amigos, dão-lhe uma bella energia. É um gosto vêr como a idéa lhe sahe luminosa, como os periodos se ageitam formando um circulo, que se vai apertando mais e mais até esmagar o adversario; umas vezes pela força do syllogismo que o faz emmudecer, outras pela ironia que o fere no coração. Mas, diga-se tudo, dotado d'uma verdadeira delicadeza de sentimentos, nunca fere o adversario na sua vida intima.

Os seus trabalhos n'esta contenda bastariam a fazer-lhe uma justa reputação de jornalista distinctissimo e a exaltar o seu caracter.

A transferencia do juiz terminou a contenda e não sabemos se no publico, indifferente a

tudo, resta memoria d'ella; sabemos apenas que no coração de alguns, que se acharam na refrega ao lado do snr. Sarmento, vive ainda uma recordação.

*

Este incidente veio desviar por um pouco o snr. Sarmento dos seus estudos, mas logo voltou a elles com a persistencia propria da sua organisação.

Deu-se ao estudo das linguas: conhece a allemã, ingleza, franceza, italiana, hespanhola e perfeitamente o latim.

Fallando dos seus estudos convém dizer: o romanticismo não satisfez completamente a curiosidade do seu espirito: ao lado da imaginação estava a intelligencia e esta queria alimento mais nutritivo. Mas por falta d'uma orientação bem dirigida nos seus primeiros annos, vacillante e indeciso, vagueou percorrendo em leituras successivas muitos ramos dos conhecimentos humanos. Esta indecisão — a de muitos homens cultos d'aquella época, fez-lhe perder um tempo precioso em leituras, senão inuteis, pouco proveitosas.

Emfim a historia prendeu-o mais vivamente, e dos historiadores mereciam-lhe especial attenção os que tratavam de coisas portuguezas, ou que mencionavam factos relacionados com ellas.

A sua imaginação, alguma coisa ainda do poeta, levava-o para as épocas mais afastadas, envoltas no espesso nevoeiro do passado. Surgiu então o archeologo, votado á exploração e ao estudo dos monumentos antigos, querendo lêr nos vestigios ahi encontrados a origem das gerações remotas.

Tinha subido muitas vezes o monte de S. Romão, fronteiro ao antigo solar da sua familia paterna, e ficava sempre enredado em mil cogitações sobre as ruinas d'essa cidade morta — a *Citania*.

Resolveu-se um dia, e em 10 de julho de 1874 deu principio aos trabalhos d'uma exploração methodica e scientifica. Descobriu as ruas ladeadas de edificações, recompoz algumas d'estas, pôz á vista as vias e as calçadas, as muralhas e os fossos d'essa cidade fortificada: colligiu as pedras de fórma ou lavor mais ou menos significativos, as inscripções, as moedas, os fragmentos ceramicos e muitos outros objectos encontrados no entulho. Fez transportar ao alto do monte a celebre *pedra formosa* que d'alli tinha ido para o adro da egreja de Santo Estevão de Briteiros e sobre a qual tanto se tem discutido. Coordenou methodicamente todos esses valiosos elementos de modo a poder-se lêr n'elles alguma coisa do passado.

Foi assim que o snr. Sarmento iniciou investigações methodicas sobre a archeologia de Entre Douro e Minho, que logo proseguiu, explorando em 1877 as ruinas de Sabroso, monte fronteiro á Citania.

Comparando a architectura das duas estações, os seus ornamentos, gravuras e signaes symbolicos, achou n'ellas as feições caracteristicas da mesma época: mas notou que em Sabroso não houve vestigios de influencia romana, emquanto eram mais que manifestos na Citania. D'isto, de um sem numero de pequenas, mas muito engenhosas observações e dos seus conhecimentos ethnographicos e mythologicos, concluiu que vivera alli uma civilisação pre-romana.

O incansavel explorador quiz generalisar a conclusão a todo este lado do paiz, e para isso

era-lhe necessario examinar as ruinas dispersas no Minho que, no seu parecer, encerra um thesouro archeologico.

Para qualquer outro seria isto uma fadiga, para o snr. Sarmento foi um prazer: percorreu em épocas successivas toda a faixa que se abeira do littoral desde o rio Minho até ao Leça, encontrando por toda a parte dolmens e ruinas de construcções iguaes á de Sabroso e da Citania.

Confirmou assim a sua opinião que, no fim de contas, era apenas um ponto de partida; pois convinha agora saber que povos constituiram essa civilisação pre-romana.

Seria um mundo celtico ou pre-celtico?

Eis o alto problema pre-historico que o snr. Sarmento se tem proposto a resolver, procurando-lhe uma nova solução com o auxilio das suas investigações archeologicas.

Até hoje passavam como pontos assentes a invasão e influencia celticas em toda a Iberia; mas o snr. Sarmento acha n'isso um erro, e mostra que ellas se não fizeram sentir n'este canto da peninsula; que não chegou cá essa irrupção de barbaros, que se annunciavam com um cortejo de guerras e devastações, pondo em fugida, ou aniquilando os povos que encontravam.

Mostra que essa civilisação pre-romana, denunciada pelas ruinas das cidades mortas, era tambem pre-celtica, formada pelas primeiras migrações arianas que, muito antes dos celtas, se tinham estabelecido aqui, como em todo o occidente da Europa.

Cheio de crença nos seus estudos, e com o coração a palpitar de patriotismo chega a esta conclusão: — «os lusitanos, ao contrario do que geralmente se pensa, teem, graças á sua posição geographica, uma das mais puras arvores genealogicas dos povos antigos».

É admiravel a erudição e o rigor de critica com que o snr. Sarmento nas suas duas publicações mais importantes — *Os Lusitanos* e *Ora maritima, estudo do poema d'Avieno na parte relativa á Galliza e Portugal,* desenvolve aquella sua opinião.

Póde avaliar-se das difficuldades que venceu, considerando que no *Ora maritima* teve de fazer restituições ao antigo roteiro phenicio, base do poema d'Avieno, e de mostrar, contra a opinião d'alguns, não ser elle *um acerro d'enigmas burlescos, mas um documento ethno-geographico do mais alto valor.*

Os Lusitanos, esses constituem uma formosa publicação; formosa pelo seu valor scientifico, pelo estylo d'uma lucidez, que põe em relevo o pensamento, e pela deducção logica das idéas que nos prende o espirito da primeira á ultima linha. Traduzidos já em francez devem fazer parte do Relatorio do congresso anthropologico de Lisboa.

*

Escreveu mais o snr. Sarmento outro opusculo *Observações á Citania do snr. dr. Emilio Hübner,* no qual aponta e emenda as inexactidões que sobre as coisas da Citania escrevera o douto archeologo de Berlim, enganado por falsos materiaes, — noticias colhidas no jornalismo portuguez e n'um jornal madrileno. O douto archeologo escreveu ao snr. Sarmento dando-se por convencido e, em seguida, escreveu um opusculo mais augmentado e, d'esta vez, correcto. O primeiro tinha sido traduzido pelo snr. Joaquim de Vasconcellos.

No periodico do Instituto de Coimbra, de que foi nomeado socio correspondente, escreveu o snr. Sarmento — *Os gregos no noroeste da Iberia;* e depois, a pedido, diversos artigos em varios

jornaes, como: — *Museu Illustrado* (Porto), *Renascença* (Porto), *Pantheon* (Porto), *Revista Scientifica* (Porto), *Vida Moderna* (Porto), *Occidente* (Lisboa), *Pero Gallego* (Vianna do Castello), *Tirocinio* (Barcellos), *Panorama Illustrado* (Coimbra), *Arte Portugueza* (Porto).

Escreveu, emfim, o *Relatorio da secção archeologica* da expedição scientifica á Serra da Estrella, publicado pela sociedade de geographia, mas ainda não distribuido.

*

A exploração das ruinas da Citania foi um acontecimento archeologico muito notavel, vista a sua valiosa importancia para a solução d'altos problemas pre-historicos.

Deu o jornalismo rebate d'elle e, em 1876, o snr. marquez de Sousa Holstein noticiava-o perante a Academia real das sciencias de Lisboa, n'um discurso que então proferira, mostrando a importancia das ruinas, que já tinha visitado.

Por esse tempo o erudito e distinctissimo professor do lyceu de Braga, o snr. dr. José Joaquim da Silva Pereira Caldas, visitou as ruinas exploradas em companhia dos snrs. Joaquim Possidonio e Narciso da Silva, e mais tarde dos snrs. Luciano Cordeiro e Gabriel Pereira, e de tal importancia lhes pareceram que o snr. Pereira Caldas se aventurou a indicar ao seu amigo, o snr. Sarmento, a conveniencia de fazer d'ellas assumpto d'uma conferencia pelos mais distinctos archeologos do paiz.

A lembrança do erudito professor foi adiante e, em 10 de junho, chegaram os conferentes ás Caldas das Taypas, onde os esperava o snr. Sarmento e a commissão que, representando a cidade de Guimarães, ia convidal-os para um baile.

Seguiram d'ahi em direcção á Citania. Examinaram attenciosamente as ruinas e ficaram enleiados no vivo interesse, que despertam os restos d'uma cidade, cuja origem se occulta na escuridão dos tempos.

Não lhes era de certo facil, no curto espaço de poucas horas, criticar os vestigios que alli deixaram as velhas gerações, e formar uma opinião concisa e clara de tão importante descoberta. Ainda assim muito discretearam os conferentes e, mais tarde, appareceram espalhadas em todo o jornalismo do paiz descripções mais ou menos exactas, que provocaram um verdadeiro debate. Seria longo mencionar quanto se disse e escreveu.

Servido o *lunch*, que o snr. Sarmento offereceu nas Taypas aos conferentes, dirigiram-se para aqui, onde na noite d'esse mesmo dia, assistiram ao baile offerecido pela cidade.

Foi na casa do snr. Sarmento: uma festa de gala tão animada e tão brilhante como convinha aos brios tradicionaes d'esta velha fidalga e ao merecimento dos convidados.

Os conferentes enviaram ao snr. Sarmento uma mensagem escripta aqui mesmo, em que lhe significam o vivo sentimento de estima e, ao mesmo tempo, de consideração pelos seus dotes intellectuaes e nobres qualidades. É assignada pelos snrs. Marquez de Sousa Holstein, Dr. Augusto Filippe Simões, José Joaquim da Silva Pereira Caldas, Augusto Carlos Teixeira d'Aragão, Joaquim Filippe Nery Delgado, Luciano Cordeiro, Visconde da Torre das Donas, Dr. Antonio d'Assis Teixeira de Magalhães, José Alfredo da Camara Leme, Augusto Soromenho, Gervasio Lobato, Manoel Maria Rodrigues, Apolino da Costa Reis e Magalhães Lima.

*

Esta visita foi seguida d'outra.

Em 20 de setembro de 1880 reunira-se em Lisboa o congresso anthropologico.

Muitos dos congressistas, tendo conhecimento das ruinas da Citania, desejavam verificar o seu alto valor, e o snr. Sarmento desejava tambem ouvir a sua opinião auctorisada. E, como era do programma do congresso visitar a Citania e Sabroso, vieram os seguintes snrs.: Andrade Corvo, capitão Adsersen, Emilio Alglave, Capellini, Adolpho Ceuleneer, Emilio Cartailhac, Delgado, Estacio da Veiga, Gonçalves Vianna, Emilio Guimet, Girard, Henri Martin, Harrisson, Langerhans, Julio Laurière, Dr. Magitot, Henrique Nodet, Olin, Pawinski, Pouchet, Joaquim de Vasconcellos, D. João Villa Nova, Wirchow, Ricardo Wittnich, Ward Bauclerk, Condessa Beausacq.

Chegaram a Briteiros na manhã do 1.º d'outubro, sendo recebidos pelo snr. Sarmento, camara de Guimarães, administrador do concelho e outras pessoas.

Houve uma festa: musicas, foguetes, bandeiras, arcos de murta e flôres. Subiram o monte de S. Romão, passando por entre duas alas de bellas e fortes camponezas, que os cobriram de flôres e que o snr. Sarmento alli tinha disposto muito de proposito como quem queria mostrar aos sabios as filhas, talvez, da nobre familia que n'outras éras alli vivera e os trajes da localidade. Não passou isto desapercebido ao olhar penetrante do illustre Wirchow, que pediu ás camponezas uns fios das suas madeixas. Não era um simples galanteio,—que um sabio não sabe d'isso, mas um elemento d'estudo, pois é bem sabido que a côr e as diversas fórmas do cabello servem a definir a raça. Satisfez-se a custo o pedido; a custo pelo receio dos feitiços.

Havia o snr. Sarmento cuidadosamente demarcado o mais notavel das ruinas, e disposto em grupos methodicos os objectos alli encontrados e em Sabroso. Tudo examinaram com viva curiosidade os congressistas.

Estes homens, vindos de paizes tão diversos e tão longinquos, tendo visto antes tanta ruina, tantos monumentos de grande importancia archeologica, ficaram *frappés*, como, por vezes, exclamou H. Martin.

Não temos que accrescentar a esta palavra, senão o modo como exprimiram a sua admiração n'um valioso manuscripto, que deixaram em poder do snr. Sarmento.

É assim o documento:

«Les membres du congrès international d'archéologie et d'anthropologie pre-historique de Lisbonne de 1880 réunis le premier octobre 1880 ont visité avec le plus grand intérêt les ruines découvertes et étudiées par Mr. Sarmento et expriment à la fois leur satisfaction et leur admiration pour les travaux qu'il a acomplis.

João d'Andrade Corvo.»

«Je pars d'ici étonné, ébloui de ce qui j'ai vu; qu'est-ce que cette cité inconnue qui se révèle tout-à-coup à nous au sommet de ces montagnes? Occupée par les Romains à une époque relativement moderne, elle l'a été longtemps par les Celtes comme l'indique une ceramique toute analogue à celle de Gaule et des Iles Britaniques: mais qu'y avait-il avant les Celtes? Ils ne sont pas ici les fondateurs? Cette grande pierre sculptée et toutes ces autres sculptures si extraordinaires, à qui sont-elles? Les Pelasges sont-ils les premiers

fondateurs de Citania? Il semble qu'il y a ici de cela bien des indices, et dans ces sculptures tout orientales, et dans une partie au moins des appareils. Il y a ici un des plus intéressantes problèmes de l'archéologie européenne.

H. Martin.»

«Juan Villanova y Piera, Delegado d'el gobierno español, felicita cordialmente al snr. Sarmento por sus felices hallagos.»

«Rudolf Wirchow, professeur à Berlin, Allemagne, félicite Mr. Sarmento dans cette ancienne région de ses compatriotes, les Suèves, de ses belles découvertes.»

«Je voudrais passer ici du moins une semaine.

Emile Cartailhac.»

«Je partage entièrement les sentiments expressés par nos collègues.

Magitot.»

«Le Musée Guimet de Lyon salue avec enthusiasme le Musée Martins de Sarmento à Citania.
G. Pouchet remercie également Mr. Sarmento.

Dr. Langerhans, de Berlin.
Professeur *Alfred Girard,* de Lille.»

«Aniceto dos Reis Gonçalves. — J'admire le talent et la persévérance de Mr. Martins Sarmento, je le félicite des résultats et je le remercie par son hospitalité.»

«Attiré par l'importance des découvertes à Citania, je viens d'un pays bien éloigné d'ici, pour admirer et étudier ces monuments du passé.

Adolphe Pawinski, professeur à l'Université à Varsovie.»

«ÆMULE, SIQUI POTES, NOSTROS IMITARE LABORES. Inscription trouvée en Algérie sur les ruines d'une ville inconnue, et qui semble faite pour les travaux si remarquables de Mr. Sarmento.

J. de Laurière.»

«Charles Harrison. Membre de la Société des antiquaires.»

«Amelius Francis Ward Banclerk. — We have to thank Mr. Sarmento for his hospitality. From his scientific excavations, he has shown us especimens of late Phœnicien work, imported probably trough Oporto, and especimens of late Roman civilisation as also of the early prehistoric period.»

«Un nouvel examen des pierres à inscriptions me fait ajouter un mot: j'exprimais l'hypothèse d'une origine pelasgique et pre-celtique: les sculptures ornamentales dont le caractère me frappait se retrouve sur des pierres qui portent des inscriptions en caractères latins, où le nom du dieu gaulois Camal se trouve répeté; ces combinaisons symboliques étaient donc encore en usage chez les populations du nord-ouest de l'Iberie à l'époque romaine et ne démontreraient pas l'origine pre-celtique; que de questions! mais rien ne peut diminuer l'immense intérêt de Citania.

H. Martin.»

«Leonce de Quatrefages, Ingénieur civil.

«Dr. Adolph de Ceuleneer, Liège.

«Henri Nodel, architecte.

«Em. Alglave, professeur à la faculté de droit de Paris.

«N. Olin, professeur à l'Université de Bruxelles.»

«Quoique non initié dans ces études, qu'il me soit permis de joindre mes chaleureuses félicitations et sincères remerciments à Mr. Francisco de Moraes Sarmento.

Joaquim Filippe Nery Delgado.
Ricardo H. Wittnich.
Sebastião Philippe Martins Estacio da Veiga.
Joaquim de Vasconcellos.»

Terminou esta importante visita por um *lunch* volante, offerecido pelo snr. Sarmento aos congressistas no proprio local das ruinas.

*

Fallaram ácerca da Citania depois da sua visita:

Henri Martin nas correspondencias para o *Siècle* e na *Revue Archéologique*, discutindo a origem da ornamentação em pedra, encontrada em Sabroso e na Citania e dando-a como post-romana e germanica, de accordo com A. Bertrand, redactor da Revista. O snr. Sarmento replicou por carta, acompanhando-a da outra que havia recebido do dr. Hübner. O snr. H. Martin, por carta tambem, deu-se por convencido, acceitando a opinião do snr. Sarmento de que tal ornamentação era pre-romana e não post-romana. A *Revue Archéologique*, porém, não respondeu. O snr. Sarmento resumiu toda a questão na — *Arte Portugueza* — em um artigo intitulado — *Se antes da conquista romana houve uma arte entre nós.*

Cartailhac no Relatorio ao ministro respectivo sobre os trabalhos do congresso anthropologico de Lisboa; foi publicado avulso e reproduzido no periodico do mesmo. Cartailhac *Matériaux pour l'étude de l'histoire de l'homme.*

Wirchow no Relatorio á Sociedade anthropologica de Berlim.

Ceuleneer, belga, no Relatorio ao governo.

Em alguns jornaes francezes e em muitos portuguezes appareceram correspondencias de varios excursionistas; mas fallece-nos o espaço para os mencionarmos todos.

Já antes tinha escripto sobre a Citania, em inglez, Oswald Crawford, — sendo a parte relativa á Citania e Guimarães traduzida pelo snr. Alberto Sampaio e publicada na *Religião e Patria.*

*

O snr. Sarmento tem os seguintes diplomas honorificos:

Medalha de bronze, concedida pela Real Associação dos Architectos e Archeologos Portu-

guezes, pelos serviços prestados na restauração da egreja de S. Miguel do Castello, em 14 de junho de 1876. Esta egreja, d'um alto valor historico e architectonico, foi restaurada por iniciativa sua e debaixo da sua intelligente direcção.

Portaria de louvor do governo pelas explorações da Citania, em 15 de setembro de 1876.

Officio da camara de Guimarães com extracto da acta da sessão, pelas explorações da Citania, em 15 de novembro de 1876.

Officio da camara de Vianna, com a acta da sessão extraordinaria, agradecendo a consideração com que tinham sido recebidos José Alfredo da Camara Leme e Visconde da Torre das Donas, que como delegados d'aquella cidade examinaram as ruinas da Citania no dia da primeira conferencia archeologica, datado de 14 de junho de 1877.

Socio effectivo da Real Associação dos Architectos e Archeologos Portuguezes, em 14 de maio de 1877.

Socio honorario do Instituto de Coimbra, em 30 de junho de 1877.

Socio correspondente da Academia Real das Sciencias, em 4 de abril de 1878.

Socio correspondente do Instituto Archeologico de Berlim, em 21 de abril de 1879.

Socio honorario da Sociedade Democratica Recreativa, de Braga, em 31 de dezembro de 1879.

Medalha de prata, conferida pela Associação dos Architectos e Archeologos Portuguezes em attenção ás explorações archeologicas, em 25 de maio de 1879.

Em 10 de dezembro de 1876 foi nomeado socio correspondente da Sociedade de Geographia de Lisboa e, em maio de 1883, foi-lhe conferido o diploma de socio ordinario.

Depois da visita dos archeologos estrangeiros á Citania foi nomeado pelo governo francez *Cavalleiro da Legião de Honra.*

Em 29 de janeiro de 1882 foi proclamado socio honorario da Sociedade Martins Sarmento.

Foi esta Sociedade organisada para prestar homenagem ás suas elevadas qualidades, promovendo a instrucção da classe trabalhadora n'uma terra rica pelas suas tradicionaes industrias, mas inteiramente carecida de instituições de ensino. O nome d'um trabalhador incansavel e respeitado é o estimulo mais efficaz para o bom resultado da empreza de dar luz aos que precisam de vêr para trabalhar.

Além dos diplomas mencionados foi-lhe concedido o Habito de S. Thiago, mas não o acceitou. Quando os seus amigos lhe perguntam a razão da recusa, responde: — Como queriam que eu acceitasse, se já não cabia no cofre dos meus diplomas?

O motivo foi outro; mas não trahiremos a sua discrição. A recusa foi maior honra que o diploma.

*

O snr. Sarmento casou em 5 de fevereiro de 1876 com a exc.ma snr.a D. Maria da Madre de Deus Freitas Aguiar, senhora de virtudes exemplares e filha d'uma familia nobre d'esta terra.

Estando na cidade vive quasi sempre no seu gabinete: raras vezes frequenta os passeios, mas é conhecido de toda a gente. Quando, no dia 9 de março de 1882, um grupo de amadores solemnisou o seu anniversario natalicio com uma representação theatral em beneficio da Sociedade, que tem por timbre o seu nome, o publico saudou-o calorosamente e fez-lhe uma tão es-

pontanea e calorosa manifestação de sympathia e respeito, como se não tinha ainda visto n'esta cidade.

Estando no campo ou á beira-mar passeia sempre.

Nos seus tempos romanticos era caçador de perdizes; gostava de subir á cumiada dos montes e contemplar os largos panoramas, ou abeirar-se dos grandes despenhadeiros. Alto, magro, de cabellos pretos, ficava-lhe bem o traje de caça; mas era mau atirador. O espirito sempre enleiado em sonhos de phantasia, sempre perdido em vagas contemplações, não lhe deixava livre a rapidez de movimentos para apontar a caça com precisão.

Deixou-se d'isso: agora prefere a mansidão dos regatos, onde pesca trutas com notavel felicidade; é um amador eximio da pesca á linha.

Quando a gente o vai procurar fica preso na affabilidade das suas maneiras e no interesse d'uma variada conversação: e d'este modo soffre o snr. Sarmento de quando em quando a sua massada.

Ainda no vigor da idade e acceso no vivo interesse dos estudos archeologicos, possuindo um fundo de conhecimentos que de dia a dia se vai enriquecendo, é de crêr que nos dê valiosas producções sobre os problemas que o preoccupam.

*

Deixámos assim esboçado apenas o perfil do nosso primeiro socio honorario.

José Sampaio.

Os ultimos quinze annos

Pertencia por direito ao primeiro presidente d'esta Sociedade continuar a biographia de F. Martins Sarmento; competia-lhe, incontestavelmente, completar o magistral perfil, que nos deixou no primeiro numero da Revista de Guimarães, enumerando e apreciando, com o seu muito saber, as soluções que deu aos problemas, que continuamente o preoccuparam, o infatigavel trabalhador, o illustre sabio a quem esta Sociedade, organisando-se, se propôz prestar homenagem; infelizmente o biographo seguiu muito de perto no tumulo o amigo, que o prendia, como a todos a quem honrava com a sua convivencia, na affabilidade das suas maneiras, e no interesse da sua variada conversação.

Deveria ser preferido outrem para continuar o escripto de José da Cunha Sampaio e não quem, para o desempenho d'esta missão, apenas póde contar com o predicado da admiração, muito sincera e muito respeitosa, que dedicou ao mestre e ao amigo, cujas lições muitas vezes escutou e cujos conselhos, sempre buscados e estimados, muito apreciou. Oxalá estes fossem sempre seguidos! — não adviriam, por certo, os *desgostos pela rasa velha,* como elle augurava.

Mas, para longe o que a releição d'uma sua carta agora nos suggeria, e que os bicos da penna queriam, parece, transmittir ao papel; façamos por cumprir a tarefa, que a amizade e o dever nos impozeram.

E para contraste vem já a pello dizer que se a conversação de F. Sarmento, sempre instructiva e accommodada á capacidade do interlocutor, interessava pela sua variedade, a sua correspondencia encantava, attrahia pela graça, pelo chiste de que elle sabia entremear as suas cartas, embora se occupassem d'assumptos em extremo graves. Alguma formosa moura, a quem elle quebrára o encanto em fresca manhã de S. João, ao seguir pelo rio abaixo, toda contente por ir para a sua Mouramia, transmittiu-lhe, pela certa, parte da alegria de que trasbordava o seu coração agradecido: alguma boa fada, com que elle estava devéras familiarisado, confiou-lhe a varinha do condão de que elle se serviu para adquirir thesouros opimos de profundo saber, que communicava liberalmente e com tão irresistivel encanto a ponto de forçar os amigos a dizerem com A. Soromenho: «A sua carta veio muito a proposito. Deu-me uns agradaveis momentos de bom humor que lhe agradeço.»

Uma ou outra phrase, colhida a esmo d'algumas das suas inestimaveis cartas, que possuo, comprova o meu dizer.

Fallando-me d'um artigo em que eu noticiava o apparecimento d'umas quaesquer velharias, terminava: «O Possidonio é que já o não póde lêr. Coitado! Li a noticia do seu fallecimento de envolta com a de outro Silva, tudo em duas linhas. Pelo menos cheguemos nós á sua idade, ainda que não seja senão para vêr os progressistas outra vez no poleiro.»

Em resposta á noticia da descoberta d'uma sepultura archaica: Bemdito seja Deus! se o anno continuar assim, deixar vir a bancarrota. Primeiro a archeologia.

Communicando-me que sómente tinha ido uma vez á Citania, apesar de trazer lá trabalhadores: «Tenho medo do calor que me péllo e da mulher ainda mais, que está sempre á espreita das asneiras, que faço, para sublinhar qualquer incommodo que ellas possam parir.»

A proposito d'uns braceletes d'ouro, que foram encontrados, algures, por um sapateiro: «Só os sapateiros é que têm d'estas fortunas. Quando vierem dias maiores, talvez vá praticar com o Sossorêta, se a varinha do condão se faz nas officinas dos ourives da sola.»

E nem o desanimo, que por vezes se apoderava do seu espirito vendo os seus trabalhos mal apreciados, ou contradictadas sem fundamento solido as conclusões a que o seu estudo, tenaz e perseverante, o levaram; nem a enfermidade, que ha muito o ia consumindo, poderam jámais apagar a nota alegre com que matizava o seu dizer. D'uma carta, escripta menos de dois mezes antes do seu fallecimento, ainda transluz esta sua feição caracteristica: «Estou um mexilhão agarrado ao penedo e depois do penedo de Briteiros vou agarrar-me ao penedo da Povoa, sem ir a Guimarães...»

O homem põe, mas Deus dispõe. Veio a Guimarães e não pôde ir á Povoa; fez sim uma viagem, a grande e derradeira viagem, legando-nos, ao partir, o exemplo, que nos incita a conservar, já que não podemos continuar, a sua obra, e deixando-nos o coração immerso n'esse *delicioso pungir de acerbo espinho,* que sempre nol-o fará lembrado.

Façamos a resenha dos seus trabalhos nos ultimos quinze annos.

*

Em 1884 e 1885 percorreu em explorações archeologicas, primeiramente as freguezias das margens do Vizella, quer no concelho de Guimarães, quer nos de Felgueiras, Louzada e Santo Thyrso, depois fez uma excursão ao Marco de Canavezes e em seguida continuou os seus trabalhos em grande parte do nosso concelho. Aqui esquadrinha uma tradição, alli explora um Castro, além um dolmen; procura, descobre, adquire vetustos monumentos e tudo reune para ir formando, pouco a pouco, o nucleo do museu archeologico que traz na mente. Como o arabe, que quer adquirir cabedal de conhecimentos, imita a areia do deserto, que recolhe todas as gottas da chuva, sem deixar perder uma só, assim F. Martins Sarmento tudo averigua, tudo collige e de tudo toma nota, com olhos de vêr, para o estudo comparativo d'onde havia de resultar um dos mais ponderosos argumentos para a comprovação da these a que por fim chegou.

E como, segundo o pensamento d'um distincto escriptor, sem culto do passado não ha verdadeiro patriotismo, é de justiça consignar aqui, para seguirmos chronologicamente, que esse homem, que se impôz a rude tarefa d'exhumar dos escombros, em que jaziam soterrados, os vestigios da civilisação dos nossos maiores, tinha, por isso mesmo, profundamente arraigado no intimo da alma o amor a este Guimarães querido, do qual elle em 1855 cantava:

«Fui valente entre os mais fortes,
Dos bellos o mais gentil;
Não achei rivaes na terra,
Ao menos um entre mil.»

Assim, quando em fins de 1885 surgiu o malfadado conflicto bracharo-vimaranense, deixou em repouso os seus livros e estudos predilectos e quer nos comicios, quer na imprensa, ou no gabinete, onde se procurava e debatia a solução mais honrosa para o litigio, F. Sarmento animava, aconselhava a todos e até, para que escondel-o? uma ou outra vez lembrava expedientes, que nem sempre eram exequiveis, mas que demonstravam o seu patriotismo, o ardor com que perfilhou a causa da sua terra.

São da sua penna, forte e incisiva, entre outros, os artigos publicados no *28 de Novembro* sob as epigraphes *Por honra de Braga, Scripta manent, As satisfações de Braga.*

Não devemos esquecer que, se o caracter de F. Sarmento se manifestou, nas suas intransigencias inexequiveis, um pouco medieval, como de quem acostumado a lidar com as velharias das gerações mortas, nunca, porém, deixou d'aspirar á unanimidade de vontades, nunca levou a bem as aberrações populares, que

*

podem trazer seriissimos desgostos. Foi no seu gabinete de leitura que se resolveu, a instancias d'alguns, especialmente d'elle, deputar dois vogaes da commissão de vigilancia para acalmar os animos irritados por occasião d'uma celebre noite em que se lançavam á circulação boatos de ameaças graves. Era o homem tão justo e tão ordeiro quanto exaltado patriota!

Não foi demorado este parenthesis nos seus labores quotidianos. Em 1 de maio de 1886, ainda o pleito não tivera solução completa, já elle continuava a interrompida peregrinação ás freguezias do concelho á cata das suas queridas antigualhas, com as quaes, n'este mesmo anno ainda, renovou no Alto Minho antigas relações pessoaes, que datavam de 1879 e que manteve constantes no anno seguinte, 1887.

N'este anno publicou um livro, que é o resultado de longas vigilias, o fructo d'aturados estudos e cogitadas meditações. Fallamos d'*Os Argonautas*, XXXI-291 paginas, que com a sua proverbial modestia, sub-intitula: *Subsidios para a antiga historia do Occidente*, e do qual um erudito patricio [1] em carta, que temos presente, diz: «Trabalhado e trabalhoso livro. Que paciencia em esquadrinhar tanta coisa!... Eu li-o todo; mas digo-lhe em verdade e com franqueza d'amigo que me custou devéras. Não é porque esteja mal escripto, não senhor; longe d'isso. Mas o assumpto e a attenção que exige para se perceber alguma coisa e seguir o encadeamento das ideias, aquillo — cá para mim, pois só de mim fallo — é *leradinho da breca, costa arriba* e aridissimo. Por isso é que mais admiro a sua paciencia e lhe dou os parabens por ter levado a cabo empreza tão difficil e para a qual, a meu vêr, se não descortinaria outro capaz em Portugal.»

A leitura d'esta obra, cumpre dizel-o, causou tal impressão e enthusiasmo a dois illustres membros da Insigne Collegiada, vindos para Guimarães na reorganisação d'ella, que com grande interesse e manifesto empenho desejaram adquirir as relações do seu auctor.

Livro de critica superior sobre um ponto de pre-historia, diz-nos um outro vimaranense sabedor, cujo nome calamos contrariadamente, de tal modo foi concebido e com tal profundeza de estudo e vivacidade de imaginação foi escripto, que o auctor desmoronou o antiquissimo edificio de dominantes e incontestadas tradições.

E sem duvida, em boa consciencia, podia descançar, dando-se por satisfeito quem dotou a sciencia com obra de tamanho folego, que os competentes compulsaram com admiração; não lh'o permittia, porém, o seu genio incansavel, nem o seu espirito amante da verdade: havia de tirar as ultimas conclusões dos dados, que amontoára e continuava amontoando, e então, investindo convicto com o celtismo, que adquirira desde muito fóros de cidade no mundo erudito, daria em terra com muitos preconceitos rotineiros, restabelecendo a verdade na antiga historia lusitana.

N'este anno collaborou com Camillo C. Branco no livro que, por iniciativa de J. F. Moutinho, foi publicado sob o titulo *Obolo ás creanças*.

*

Em 1888 e 1889 o theatro das suas excursões archeologicas foram, além de parte do nosso concelho, varios sitios de Felgueiras, Paços de Ferreira, Santo Thyrso e Famalicão; em 1890 examina de novo os arredores de Villa do Conde e Povoa de Varzim, e estende a sua visita a Espozende; em 1891 e 1892 explora o concelho de Amares e vem finalmente, n'este ultimo anno, repousar uma temporada a Briteiros e mitigar a saudade, que o pungia, das suas estações predilectas e procurar nos ares sadios da sua aldeia a saude, que lhe minguava.

Folheemos o seu *diario* e busquemos ahi as impressões suggeridas pela visita a estes logares d'onde ha muito andava arredado. Eil-as:

«*Deus nobis hæc otia fecit.* De Briteiros. Ha oito annos que não tinha voltado ao quartel general, onde passava tres mezes do verão, para dirigir as escavações da Citania e do Sabroso.

---

[1] O fallecido padre J. J. d'Affonseca Mattos.

«Estava amuado com os meus velhos amores e com meu medo de encarar com elles. Nunca me pagaram bem.

«Uma cadeia de pequenas coisas tinham-me inimistado com a archeologia em geral, e com as das estações em particular, e agora sentia um certo medo de encarar com as das velhas brigas. Apesar de pouco sentimental, a visita áquellas ruinas causa-me uma tristeza vaga. Na Citania ninguem vê as almas penadas dos que alli foram com interesse e não pertencem já ao mundo dos vivos — o Marquez de Sousa Holstein, Soromenho, Filippe Simões, o bom do Rodrigues, Henri Martin, V. de Pindella, Estacio da Veiga.

«Dou a dianteira a Sousa Holstein, porque foi o mais activo visitante da Citania e quem attrahiu sobre os seus trabalhos a attenção do governo portuguez.

«Ainda me lembra que, ao subir commigo a costa, me perguntára se eu desejava alguma honraria. Respondi-lhe... que respeitava todos os titulos velhos; os novos e adquiridos tinha-os em muito pouca conta. Creio, porém, para fallar-se, como certamente do adjunto permittia, dizer-lhe que o maior favor que me podia fazer o governo, se a Citania tinha um valor historico e nacional, era arranjar-me um *veterano* que me defendesse as velharias contra a gaiatada que infestava o monte na minha ausencia e se entretinha em demolir o que lhe appetecia. Respondeu-me mais tarde que não era possivel encontrar veterano que se sujeitasse ao tempo...

(Segue-se a historia d'umas peripecias curiosas a proposito do habito de S. Thiago, que o Marquez quiz conseguir lhe em compensação de não arranjar o veterano. Por muito conhecida a omittimos).

«As minhas escavações (finda o escripto) tinham por fim procurar elementos e documentos que me guiassem mais limpamente que os livros no problema das nossas origens ethnicas, que me namorava ha poucos annos e nunca pretendi as honras de archeologo.»

*

Em 1893 reuniu em folheto sob o titulo *Lusitanos, Ligures e Celtas*, 101 paginas, os artigos, que desde 1890 vinha escrevendo na Revista de Guimarães, em resposta á «formidavel descompostura» que um professor do Curso Superior de Letras lhe dera.

O que é e o que vale este opusculo — a que mais tarde addicionou um novo capitulo, publicado na Revista, xi, pag. 187 a 199 — classificado por um nosso illustre homem de letras como «precioso documento de serenidade critica, de sciencia e de honradez litteraria», dil-o, pondo de lado outros testemunhos que temos presentes, uma auctoridade maior de toda a excepção, o snr. dr. E. Hübner, nos seguintes termos:

«Berlin, V. Ahornstrasse, 4 - 11 - 93.

Cher ami.

«Hier j'ai reçu votre étude sur les *Lusitanos, Ligures, Celtas* et de suite j'en ai lu une grande partie avec le plus grand plaisir. Vous êtes un débateur du premier rang, et j'admire la multitude de livres en toutes les langues que vous avez lus. Je viens d'y ajouter un autre: mon nouveau volume des *Monumenta linguae Ibericae* est en chemin pour vous et vous arrivera, je l'espère, sans détour, comme il arriva au Supplementum du C. I. L., vol. ii. J'ai fait, pendant les dernières vacances, un nouveau étude de l'*Ora Maritima*, et je suis devenu à des conclusions en quelque part différentes de celles de Müllenhoff. Celtas et Ligures m'ont occupé naturellement de nouveau et je m'empresserai d'apprendre de votre livre. Votre tout devoué, *E. Hübner.*»

*

Em 1895 F. Sarmento entregou-se especialmente a trabalhos de gabinete e em 1896, além de visitar novamente alguns dos arrabaldes da Povoa, publíca a segunda edição do *Ora Maritima*, xv-164 paginas,

completa refundição do trabalho anterior, publicado em 1880, e que é «uma especie de continuação dos *Argonautas*».

N'esta obra o «insigne restaurador d'um dos maiores successos da velha civilisação europêa» formúla as conclusões da sua contínua vida d'estudo. Vinte e tres annos de vigilias e canceiras, de porfiado e afanoso trabalho, dirigido por uma poderosa intelligencia e por uma honradez inconcussa, são para nós, *à priori*, a demonstração plena da verdade que conquistou para a sciencia, da these que deixou estabelecida: «**a reivindicação da nossa origem ligurica, e sem ou com uma tão insignificante mistura de elementos celticos, que nem vale a pena fallar n'elles**».

«Devemos tudo, conclue F. Sarmento, a esses velhos emigrantes arianos, que derramaram por toda a Europa uma civilisação identica á dos primitivos gregos e dos primitivos romanos, e a defenderam, com a sua liberdade, sempre que poderam, justamente contra as aggressões do Celta e do Germano.»

*

Como o Ashavero da lenda, Martins Sarmento não descança um instante; a doença tortura-o, roubalhe a força e vigor com que ascendia aos pincaros dos montes, mas do seu escriptorio solicíta, adquire e regista informações e prepara artigos para a Revista de Guimarães e para a magnifica *Portugalia*. É n'este labutar constante que se occupa em 1897, 1898 e ainda no primeiro semestre de 1899.

Encanecido no estudo, respeitado e considerado pelas mais altas summidades scientificas, o nosso benemerito patricio termina por asseverar, como Socrates: «o fructo das minhas leituras deu, como vê, esta maravilha: não saber nada ao certo de coisa nenhuma».

Modestia do sabio, ou antes confirmação da maxima: os limites das sciencias são como o horisonte: quanto mais nos aproximamos, mais elle recúa.

*

No periodo de que nos occupamos F. Martins Sarmento, a quem se refere o snr. José Leite de Vasconcellos em nada menos do que 35 paginas da importante obra *Religiões da Lusitania*, enriqueceu a Revista de Guimarães com os seguintes artigos em 171 paginas: *O Deus Bormanico*, *Materiaes para a archeologia do concelho de Guimarães*, *Noticia archeologica sobre o Monte da Cividade* (additamento á), *Inscripções ineditas*, *A proposito dos «Roteiros de thesouros»*, *Antigualhas*, afóra a *Introducção aos Argonautas* e os *Lusitanos, Ligures e Celtas*, de que já fallamos.

Os *Materiaes* constam de oito artigos; cahiu-lhe a penna da mão quando elaborava o nono, cuja epigraphe já tinha escripto, junho de 1899, no seu *diario*, e ainda cuidava de completar algumas notas que possuia, procurando informações que lhe faltavam. Em carta de 13 d'este mez dizia-me de Briteiros: «Tenho feito varias diligencias para arranjar informadores que me instruissem ácerca das mouramas de Ronfe, Oleiros, Airões, Vermil e Leitões, — alguns crendeiros que quizessem ganhar algum vintem, vindo-me contar o que sabem; mas tenho perdido o meu tempo. Apanhemos pelo menos o C...» Referia-se a um certo que promettera lendas dos Airões a um nosso amigo, cuja memoria me encarregava de «espevitar».

Foi nullo o resultado da *espevitadella* e assim, já agora, as mouras d'Airões continuam encantadas nos seus penedos e esconderijos, quem sabe por que tempos.

Cahiu-lhe a penna da mão, dissemos acima, e não é força d'expressão. No doloroso estertor da sua agonia, quando a luz do seu espirito estava prestes a apagar-se para as coisas d'este mundo, os movimentos inconscientes da sua mão, como procurando escrever, manifestavam a quem, compungido, os presenciava, a preoccupação dos seus habituaes trabalhos d'escriptor.

*

Vem a proposito inserir n'este logar a enumeração dos artigos, que F. Sarmento publicou em varios jornaes e revistas; não é completo este elencho, porque, apesar dos nossos esforços e da muita amabilidade

dos amigos a quem importunamos, não foi possivel apurar tudo o que elle escreveu, quer antes, quer na época de que nos occupamos.

Eis o que sabemos:

A mulher e o diabo. Publicado na *Borboleta,* I anno, pag. 27; Braga, abril 1876.

Os gregos no noroeste da Iberia. No *Instituto,* XXIII anno, pag. 1 e 49; Coimbra, julho 1876.

O Deus Bormanico. No *Museu illustrado,* I, pag. 155; Porto, 1878.

Sobre as antigas cidades da Iberia. Idem, II, pag. 20 e 30; Porto, 1879.

Arte pre-romana. No *O Occidente,* II, pag. 157; Lisboa, 1879.

Observações ácerca do valle do Ancora. No *O Pantheon,* pag. 2 e 23; Porto, 1880-1881.

O que podem ser os mouros da tradição popular. Idem, pag. 105 e 121.

A Estatua do Pateo da Morte. Idem, pag. 382.

Os Celtas na Lusitania. Na *Revista Scientifica,* pag. 75, 128, 184, 294 e 359 e seguintes; Porto, 1882.

Se antes da invasão dos romanos havia uma arte entre nós. Na *A Arte Portugueza,* I anno, n.os 1, 2 e 3; Porto, 1882.

A proposito de Castros. No *O Panorama contemporaneo,* pag. 11; 1883.

O soldado que venceu Viriato. Na *A Vida Moderna,* n.º 6; Porto, 1884. Foi transcripto no *Espectador,* n.º 11; Guimarães, 1884.

O penedo de S. Gonçalo. Idem, n.º 17; Porto, 1884.

A civilisação da pedra polida no Minho. Na *Revista Scientifica* do Atheneo, pag. 77; Porto, 1885.

O calix mais antigo da Senhora da Oliveira. Na *Aurora da Penha,* numero unico; Porto, 1887.

Para o Pantheon lusitano. Na *Revista Lusitana,* I, n.º 3; Porto, 1887.

Duas tradições populares. I — *O dinheiro de Charonte.* II — *Ao sol poente.* Idem, idem.

Marcos milliarios no concelho de Villa Nova de Famalicão. Na *Nova Alvorada,* I anno, n.º 9; Famalicão, 1892. No n.º 8 do II anno d'este jornal, 1892, numero commemorativo de Colombo, publicou um artigo sem titulo.

Ora Maritima, fragmento. Na *Revista de Portugal,* IV vol., pag. 181; Porto, 1892.

Os Atlantes de Diodoro Siculo. Na *Revista das sciencias naturaes e sociaes,* I; Porto, 1893.

Materiaes para a archeologia da comarca de Barcellos. Idem, III vol., pag. 62; Porto, 1895. Publicado annos antes no *Tirocinio* de Barcellos.

«Cidade velha» de Monte Cordova. No *Archeologo Portuguez,* I vol., n.º 6; Lisboa, 1895.

A proposito de Valabriga. Na *Nova Alvorada,* V anno, n.º 11; Famalicão, 1896.

Materiaes para a archeologia do districto de Vianna. Na *Revista das sciencias naturaes e sociaes,* IV vol., pag. 23; Porto, 1896. Publicado antes no *Pero Gallego,* de Vianna.

A proposito das estatuas galaicas. Idem, idem, pag. 180. Impresso antes no n.º 3 da *Revista Academica,* Porto, 1879, que não chegou a ser distribuido.

A Estatua do Pateo da Morte. Idem, idem, pag. 189. Publicado antes no *Pantheon,* como já referimos.

A arte mycenica no noroeste de Hispanha. Na *Portugalia,* I, pag. 1, Porto, 1899.

N'esta magnifica *Revista* devia F. Sarmento inserir trabalhos que trazia em preparação sobre as estações de Sabroso e Citania. Todos os preliminares d'estas publicações, illustradas com photogravuras, estavam assentes com os snrs. Rocha Peixoto e Ricardo Severo, e o numero II, prestes a sahir do prélo, deveria abrir com o inicio d'uma memoria ácerca do *Cóto do Sabroso.* Varios motivos e a morte em remate, diz-nos o snr. Rocha Peixoto, inutilisaram todas as combinações.

Nos numeros unicos *A Industria Vimaranense,* Guimarães, 1884, *Guimarães-Andaluzia,* idem, 1885, *A Apotheose,* Lisboa, 1887, publicou F. Sarmento artigos sem titulo a proposito dos factos, que esses numeros commemoram.

Ainda escreveu em outras publicações periodicas, v. g. *Renascença* (Porto), *Boletim* da Associação dos Archeologos (Lisboa), que não podemos consultar, minguando por isso informação mais minuciosa. Na *Nova Alvorada* ainda escreveu, pelo menos, outro artigo, além dos citados, referente a uma inscripção encontrada em Dellães. E quantos outros de que não temos conhecimento.

No vol. I da *Historia do Exercito Portuguez*, do snr. Christovão Ayres, é do nosso distincto patricio a informação e classificação dos *Castros*.

*

Na vida social da benemerita corporação a que prestou o seu nome, a Sociedade Martins Sarmento, occupa o illustre morto, como é facil de conjecturar, o primeiro e principal logar; foi o seu mais estrenuo impulsor.

Repugnava-lhe intervir como *triumphador* (assim se expressava); mas, quando as direcções o convidavam e instavam como *consocio*, a modestia e repugnancia vencia-se e era um companheiro e cooperador das diversas emprezas.

Para a exposição industrial de 1884, entre outras difficuldades, surgia a da casa, mas o digno consocio resolveu-a: *se não tiverem casa melhor, está aqui a minha, e eu vou para Briteiros.*

Fez parte de quasi todas as commissões que na Sociedade se constituiram para o conseguimento dos fins sociaes; dotou a bibliotheca com grande numero de volumes; enriqueceu o museu de numismatica com os mais valiosos exemplares que este possuia; construiu a formosa galeria para o museu archeologico e n'este, o que alli existe, era quasi tudo propriedade sua e o resto foi cedido á Sociedade por instancias d'elle, ou alcançado com o prestigio do seu auctorisado e querido nome.

Fóra do edificio da Sociedade, todos os monumentos, que esta possue no Minho, Douro, Traz-os-Montes, etc., e que conserva, em virtude da lei que por suas diligencias e valiosas relações conseguiu fosse promulgada em 1889, todos se lhe devem.

Quem assim a beneficiou em vida, não a esqueceu na morte; as clausulas do seu testamento prendem perpetuamente a gratidão da Sociedade, que não perecerá, porque não póde perecer a memoria saudosa de Martins Sarmento. A posteridade dar-nos-ha razão, porque lhe fará justiça inteira, aquilatando, melhor que nós, os thesouros de que elle ornou o seu espirito, as gemmas de que esmaltou o seu magnanimo coração.

*

Resta-nos, para terminar este despretencioso esboço, fallar do espolio litterario, que conservava manuscripto e que a Sociedade Martins Sarmento, crêmol-o convicto, reputará e apreciará sempre um dos mais estimaveis legados, que á sua guarda foram commettidos.

Comprehendem estes escriptos todos os materiaes que ia reunindo; a exposição dos trabalhos a que se entregava; as impressões que a assidua leitura e profundo estudo iam deixando no seu espirito. É o diario de toda a sua vida d'estudioso e por elle se avaliam com justeza as modificações que no seu pensar se operavam, ao passo que avançava nos conhecimentos que adquiria, submettidos ao cadinho da sua robusta intelligencia, depurados no crisol da sua luminosa critica.

Catalogamos estes manuscriptos dando-lhes, como é de justiça, a mesma classificação sob que F. Sarmento os havia reunido, e procurando, quanto possivel, seguir a ordem chronologica da sua elaboração.

I — Materiaes

Comprehende esta secção 15 cadernos *in-folio*, contendo 775 paginas, em que se encontram extractos do archivo da camara de Guimarães e dos historiadores antigos da peninsula; notas e indicações philologicas, toponimicas, chronologicas, geographicas, biblicas, etc.

II — Photographia

São 5 cadernos com 293 paginas, nos quaes refere, dia a dia, a começar em 8 de maio de 1868 e findar em 3 de novembro de 1876, os seus estudos e ensaios photographicos, e conclue com uma collecção de receitas para esta especie de trabalhos.

III — Impressões de leitura

Compõe-se esta secção de 22 cadernos com 2:268 paginas, dos quaes 7 são de formato *in-quarto* e sem data, mas na sua maioria anteriores ao primeiro *in-folio*, que começa em setembro de 1873. O ultimo termina em junho de 1899.

Abrange artigos, parte completos, parte sómente esboçados, de polemica jornalistica, noticiosos, politicos, litterarios e scientificos; notas e reflexões criticas sobre archeologia, historia, religiões, etc. É, n'uma palavra, o esqueleto d'onde surgiram as importantes producções com que dotou o patrimonio das sciencias.

Alguns d'estes cadernos contêem o diario das suas primeiras explorações na Citania.

IV — Citania e Sabroso

São 2 cadernos com 234 paginas e encerram a continuação dos trabalhos diarios das explorações realisadas nas duas estações prehistoricas desde 1873 a 1883, a que ia juntando as reflexões criticas que resultavam do estudo dos objectos encontrados.

V — Antiqua

Compõe-se esta secção de 6 cadernos com 778 paginas, começados a escrever em 23 de março de 1878 e findos em 10 de dezembro de 1898.

Como o titulo indica, estão n'estes escriptos compendiadas todas as informações, que ia colhendo e todas as excursões archeologicas, que fez em diversos pontos do paiz. É o diario da sua vida d'archeologo.

A derradeira informação, que consignou n'este precioso repositorio de antiguidades, refere-se á descoberta d'um objecto de pedra, talvez uma picareta, no monte de Talhós, que o achador, presumindo ter a fortuna feita, mostrou a um ourives de Guimarães para conhecer o valor exacto da riqueza que possuia e desilludido fez em pedaços. Estes fragmentos ainda F. Sarmento calculava haver á mão e com esta esperança termina o apontamento: *Sejam bem vindos!*

No primeiro d'estes cadernos deixou esta advertencia: «*Antiqua* ha de comprehender apontamentos de livros sobre archeologia, — historietas, tradições e superstições do nosso povo, — palavras de cunho não latino. É claro que não póde esperar-se connexão nenhuma n'estes apontamentos.»

A continuação da sub-secção — tradições populares, — que reune em muitas paginas dos tres primeiros cadernos da *Antiqua*, formou depois uma secção separada, a seguinte.

VI — Tradições e contos populares

Comprehende 3 cadernos com 245 paginas.

O primeiro d'estes declara-o continuação do III volume *Antiqua*. No primeiro e terceiro contém-se algumas noticias archeologicas, assim como todos os *Antiqua* contêm algum *folklore*.

Além d'estes volumes existem ainda algumas folhas dispersas, contendo parte d'artigos e estudos já publicados, inclusivè alguns destinados á segunda edição do *Ora Maritima*.

Sommando todo este espolio, *illustres caquinhos* que este *escavador de montes* amontoou, encontramos cincoenta e tres cadernos com 4:593 paginas, nas quaes a Sociedade Martins Sarmento tem muita e valiosa materia para abrilhantar os numeros da sua *Revista*. Será a continuação da homenagem; e, como muitos d'estes escriptos são ineditos, á Sociedade incumbe a obrigação de os patentear ao mundo sabio. É em certo modo seguir o dictame do Divino Mestre: *quod in aure auditis prædicate super tecta.*

*

Francisco Martins Sarmento, que depois de 1884 recebeu os seguintes diplomas honorificos: socio correspondente da Academia d'Archeologia da Belgica em 7 de dezembro de 1884; socio correspondente da Real Academia de Historia de Madrid, em 3 de novembro de 1893 e socio honorario da mesma em 15 de abril de 1898, deixou nas *Impressões de leitura* o seu ultimo escripto datado de Briteiros, junho de 1899, cuja leitura devemos, desde já, proporcionar aos seus admiradores, com a intima convicção de que lhes seremos agradavel. Eil-o:

«A Mourama. O nosso povo toma a mourama em mais de um sentido. Assim, Sabroso é uma mourama mais pequena que a Citania. É o sentido restricto; n'este a mourama é como a *side* irlandeza — uma localidade onde habitam os mouros encantados, que por qualquer motivo não poderam abalar d'aqui n'um certo momento historico, que se não precisa. Assim, o homem de Donim foi levado para a mourama, e, para voltar á terra, teve de vir no «cavallo do pensamento», que preferiu ao «do vento».

«As mouras desencantadas vão tambem n'umas pedras pelo rio abaixo, que as levam sem duvida ao mar, e d'ahi quem sabe aonde. Ora tudo isto não passa de patranhas, mas o nosso seculo de critica toma a serio estas patranhas, que lhe exprimem uma ideia, e ninguem dirá que o não tem conseguido, graças ao methodo comparativo — principalmente, e o inquerito de todos os ramos de historia. Assim ninguem póde contestar hoje que a nossa mourama, como a *fairy* irlandeza (limitemos a coisa), é o velho mundo mythologico dos nossos passados, digamos tudo, o mundo religioso, que sobreviveu ao christianismo.»

*

Pelo que summariamente esboçamos não é difficil de comprehender, como me suggere n'este momento um dos iniciadores da Sociedade Martins Sarmento, «quanto esta, e todo o Guimarães, sentiu profundamente o passamento d'este grande vimaranense, que teve logar em 9 de agosto de 1899. Não conhecendo n'este seculo homem que se lhe avantaje, nem em sciencia, que elle possuia variadissima, nem em virtudes civicas, porque era exemplarmente recto e justo, interessando-se por tudo o que era bom, por tudo o que era humilde, por tudo o que representava um progresso efficaz e duradouro, moral ou material, para o seu paiz, ou para o seu Guimarães, a cidade, com a Sociedade Martins Sarmento na vanguarda das manifestações, levantou-lhe o monumento mais duradouro de respeito, de saudade, de admiração, na expansão da dôr nas exequias e cortejo de despedida, e abrilhanta-lh'o continuando, com a cooperação do seu espirito, na perpetuação da obra de paz, de progresso moral, de caridade pela instrucção aos humildes, que constitue o grande e complexo fim da benemerita Sociedade Martins Sarmento».

*

Concluimos esta resenha com a ascendencia paterna do nosso illustre amigo, que conseguimos apurar até ao meado do seculo XVII, graças aos bons serviços que nos prestaram, entre outros, o distincto genealogista o snr. Visconde de Sanches de Baêna e o dr. José Machado, aos quaes deixamos aqui consignada a expressão do nosso reconhecimento.

1 — *Jeronymo dos Reis de Sousa,* natural de Lisboa, baptisado na freguezia de S. Nicolau a 11 de janeiro de 1659 (liv. a fl. 32 v.); casou na Misericordia de Lisboa a 12 d'abril de 1684 com D. Anna Maria de Gouvêa, baptisada na freguezia da Magdalena de Lisboa a 10 de fevereiro de 1664 (liv. fl. 63). Teve:

2 — *Henrique de Gouvêa,* natural de Lisboa e baptisado na freguezia do Sacramento a 9 de julho de 1684 (liv. fl. 184 v.); capitão de infanteria com exercicio de engenheiro; casou em Lisboa na freguezia da Sé a 26 de janeiro de 1710 (liv. fl. 88) com D. Maria Thereza de Gouvêa, natural de Lisboa e baptisa-

da na freguezia da Sé a 8 de julho de 1691, filha de Domingos Ventura, baptisado na freguezia de Freixiel, comarca de Villa Flôr, e de sua mulher Maria Lopes Bernardes, baptisada na Sé do Porto em 1668 (liv. 12, fl. 52), recebidos na Sé do Porto a 11 de março de 1686 (liv. 13, fl. 374). Teve entre outros:

3 — *Dionisio Antonio de Gouvêa de Moraes Sarmento;* casou em Donim, Guimarães, a 12 d'abril de 1752 (liv. fl. 51 v.) com D. Maria Angelica da Costa Machado, já viuva, filha de Manoel da Costa Luiz e de D. Josepha Machado, que moraram em Guimarães. Elles viveram em Donim e tiveram entre outros:

4 — *José Antonio de Gouvêa de Moraes Sarmento,* capitão de milicias; casou com D. Maria Thereza de Barros, filho de Manoel Rodrigues e D. Maria de Barros, moradores no logar da Ponte, freguezia do Salvador de Briteiros. Elles viveram primeiro no logar da Foreada, freguezia de Donim, e depois na casa da Ponte, Briteiros, e tiveram entre outros:

5 — *Francisco Joaquim de Gouvêa de Moraes Sarmento,* senhor da casa da Ponte; casou com D. Joaquina Candida Araujo Martins, filha de Jeronymo Ribeiro Bernardes e de sua mulher D. Joanna Maria d'Araujo Martins. Tiveram entre outros:

6 — *Francisco Martins de Gouvêa Moraes Sarmento,* nascido em Guimarães a 9 de março de 1833, bacharel formado em direito pela Universidade de Coimbra, fidalgo de Cotta d'armas por alvará de 4 de dezembro de 1854 (registado no Cartorio da nobreza, liv. 8.º, fl. 390) em que se lhe concedeu um escudo esquartellado, tendo no 1.º quartel as armas dos Martins; no 2.º as dos Gouvêas; no 3.º as dos Moraes; no 4.º as dos Sarmentos. Casou a 5 de fevereiro de 1876 com a exc.ma snr.a D. Maria da Madre de Deus Freitas Aguiar e falleceu a 9 d'agosto de 1899 sem successão.

Tagilde, janeiro 1900.

O abbade J. G. de Oliveira Guimarães.

Dr. Francisco Sarmento

A antiga fórmula — *Mors omnia solvit* — não tem applicação a todas as situações da vida, nem sequer a tem absoluta nas relações contractuaes.

A *morte nem tudo* dissolve: prova frisante, a influencia moral de Francisco Sarmento, depois do seu passamento, n'este populoso concelho.

Os seus actos, as suas opiniões, o seu prestigio, que constituiram sempre uma fonte viva de progressos moraes de Guimarães, continuarão a ser dilatados e intensamente para os seus amigos e patricios facho luminoso de irradiações fortemente suggestivas. O illustre morto pertence á categoria selecta dos — *mortos que fallam.*

Ronfe, 14 de outubro de 1899.

Avelino Guimarães.

PLANTA
DA
CITANIA
DE
BRITEIROS

Non omnis moriar

ESTE elevado conceito do poeta latino a ninguem com mais verdade e melhor póde applicar-se do que ao dr. Francisco Martins Sarmento. Individualidades, que, como a sua, se affirmaram durante a vida por trabalhos litterarios e scientificos da valia dos seus, pela linha sempre correcta do proceder, e pelas mais elevadas virtudes civicas, não acabam nem desapparecem completamente do meio, em que viveram, embora a lousa da sepultura esconda de nós para sempre o envoltorio material do seu alto espirito.

A historia imparcial e justa registra e perpetúa nos seus annaes o nome e acções d'aquelles que, como Francisco Sarmento, empregaram em favor da sciencia e da humanidade toda a energia do seu talento, toda a actividade do seu trabalho. E o nosso chorado morto foi incontestavelmente um sabio, e um trabalhador indefesso.

Certificam-o as suas obras scientificas, as suas aturadas e laboriosas pesquizas archeologicas na Citania e Sabroso, que mereceram de nacionaes e estranhos palavras do mais subido elogio, tanto mais justificado por serem feitas no nosso paiz e n'uma época, em que trabalhos e estudos d'esta ordem eram apreciados de poucos, despertando no maior numero apenas um sorriso de indifferença, senão de irrisão e desprezo.

O sentimento geral, a commoção profunda, que a noticia da sua morte causou n'esta cidade, em todo o paiz e no estrangeiro, é prova evidente da consideração em que os homens de sciencia tinham a sua superior intelligencia, a de que merecia aos seus concidadãos o seu elevado caracter, a sua alta envergadura moral.

Francisco Sarmento fazia consistir toda a felicidade no estudo persistente e incessante no remanso do seu gabinete, e no cumprimento religioso do Dever.

Dotado d'um caracter austero e nobre, soube ser amigo leal e dedicado até o sacrificio, marido extremoso e exemplar; e como um dos melhores e mais distinctos filhos d'esta nossa Guimarães pugnou sempre desassombradamente pelos seus legitimos interesses, e por tudo quanto podesse concorrer para o seu desenvolvimento e prosperidade.

Está ainda na memoria de todos nós a attitude tomada pelo nosso illustre conterraneo, que ahi vimos sempre na primeira fila n'essas espontaneas e imponentes manifestações, com que o povo d'esta laboriosa terra deu provas do seu levantado patriotismo n'uma época não muito remota, e que constitue uma das paginas mais brilhantes e honrosas da sua historia moderna.

«Portuguez d'antiga usança, d'um só rosto, uma só fé», generoso e bom, com encendrado enthusiasmo pelo bem, pela verdade e pelo bello; animado pelo sublime ideal de justiça, que inspirou, e por que regulou sempre todos os actos da sua vida, d'um trato cordial e benevolente, despertava em todos os que o tratavam de perto sentimentos de verdadeira e respeitosa amizade, melhor diremos, de intima veneração pelos dotes tão extremados da sua alma.

De Francisco Sarmento póde dizer-se que era d'aquellas individualidades, perante quem durante a vida todas as cabeças se descobrem, e depois da morte todas as invejas e paixões mesquinhas emmudecem offuscadas pelo intenso brilho que irradia do seu luminoso espirito, da sua abençoada memoria.

E nós, que o amamos e respeitamos sempre, nós a quem este completo homem de bem distinguiu e honrou com a sua amizade e confiança, nós que pudémos aquilatar na intimidade do seu viver singelo e modesto esse coração d'oiro sem liga, esse levantado espirito, faltariamos a um dever sagrado, se não viessemos tambem prestar á sua memoria n'estas mal alinhadas phrases, mas verdadeiras e sentidas, que mal o traduzem, o preito da nossa intima saudade e veneração.

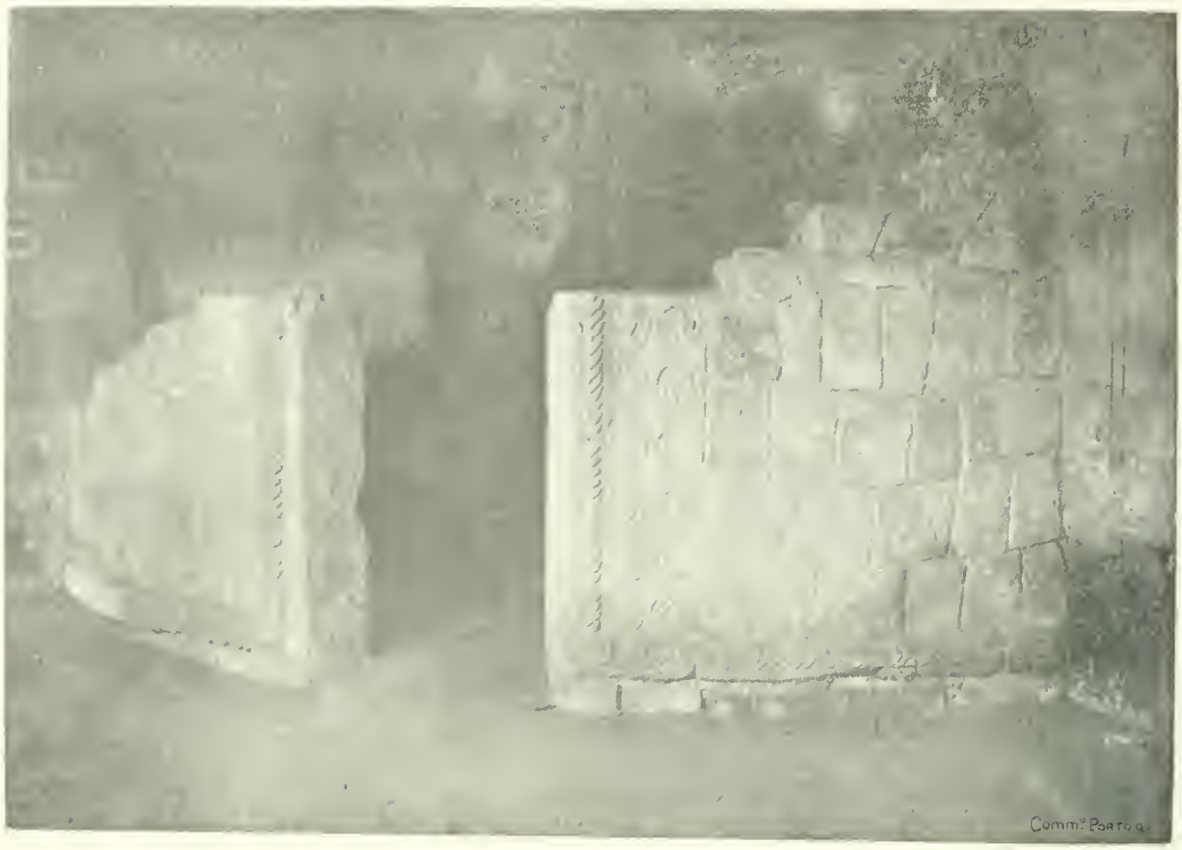
A Sociedade que se nobilita com o prestigioso nome de Martins Sarmento, tomando a si a iniciativa das homenagens prestadas ao seu primeiro e benemerito socio honorario, ao mais illustre filho d'esta terra nos tempos modernos, cumpriu nobremente o seu dever e bem merece por isso os nossos emboras.

Perpetuar o nome d'aquelles que, como Francisco Sarmento, honraram a sciencia e a patria, é apontar ás gerações futuras um nobre exemplo a seguir, um grandioso modelo a imitar.

Semper honos, nomenque tuum laudesque manebunt.

Guimarães, 25 de janeiro de 1900.

Avelino Germano da Costa Freitas.



DO MUSEU ARCHEOLOGICO DA SOCIEDADE MARTINS SARMENTO

CITANIA DE BRITEIROS

Chorar os seus mortos queridos é o primeiro movimento dos que ficam. Rememorar-lhes as virtudes, os traços caracteristicos da sua figura moral, foi sempre lenitivo dos saudosos. Isto faz a Sociedade Martins Sarmento, parado o cerebro luminoso, o coração magnanimo do seu patrono. Isto fazem todos aquelles a quem elle deu o nome de amigo, tão precioso na sua bocca.

Mas, passado o momento da angustia, é tambem dever de amigos, e mais ainda da Sociedade a que legou o seu nome, os seus livros e autographos, a sua gloria litteraria emfim, venerar, não digo os restos mortaes do homem, a que não falta a dedicação mais querida, mas os seus grandissimos despojos moraes, a sua magnifica obra historica, a que falta apenas a vulgarisação no grande mundo da Sciencia.

Ha sem duvida, e ninguem o ignora, dispersos por toda a Europa, umas duzias de eruditos, que bem conhecem e apreciam a obra de Martins Sarmento; mas os pontos de vista originaes e a especialisação do trabalho tem isto comsigo: que se fixa o que diz á especialidade emquanto se olvida o nodo do problema, se a universalidade do conhecimento o não impõe por assim dizer á attenção. Chamar pois a attenção dos que chegam *e não têm ainda a sua opinião compromettida*, eis a questão.

Francisco Sarmento dedicou os ultimos vinte annos da sua vida ao estudo das origens ethnicas do povo portuguez. Na sua derrota encontrou problemas de interesse geral, que elle illuminou com um fulgor desusado. A sua obra não acabará. Mas a *formosa lingua lusitana* não basta á sua consolidação. É necessario que lh'a dê uma lingua universal. Certamente a Sociedade não deixará que ella perigue, pagando uma divida, que é ao mesmo tempo uma obrigação moral contrahida com a Sciencia.

Ainda em vida de Sarmento se pensou em realisar esse proposito; mas então, não só a acquiescencia, mas tambem uma tal ou qual collaboração do auctor, era imprescindivel, e essa collaboração não foi offerecida. Uma despretenciosidade, quasi ingenua, sobredourava assim aquelle bello caracter, apenas intransigente e apaixonado pela justiça, pela verdade e pelo seu problema.

Cramarinhos, 25 de janeiro de 1900.

Domingos Leite de Castro.

Francisco Martins Sarmento

REMINISCENCIAS LONGINQUAS

Brinquei com elle em pequeno. Já então as outras creanças o rodeiavam como centro imprescindivel. Dava-lhe esta preeminencia a sua superioridade nos jogos em voga entre o rapazio, a travêssa imaginação com que variava os folguedos, e a sua aptidão em confeccional-os. Ninguem talhava melhor um balão; ninguem se lhe avantajava em pôr uma estrella de papel a navegar no ar; ninguem com mais arte phantasiava e utilisava uma armadilha á passarada.

Era pelos tempos da Maria da Fonte. A cada passo os montes repercutiam o tiroteio das povoações em motim. Como de costume, os pequenos arremedavam os grandes. Francisco Martins Sarmento engenhou umas settas com que se armou a si e aos seus companheiros. Começou o preparativo bellico por atirar ao alvo. Todos atiravam, mas a maioria podia, ao entrar no certamen com elle, parodiar os gladiadores romanos, exclamando: «os que vão ser vencidos te saudam».

Já então lhe denunciava o espirito investigador a paciente attenção com que espreitava os costumes dos pequenos animaes ao seu alcance. N'aquelle habitual irrequietismo abriam parenthesis, ás vezes longos, de estudioso socego: uma aranha descasulando-se apressadamente para ir fio abaixo cevar-se na mosca envolvida na têa; ou uma multidão de formigas carreando provisões para o inverno; ou alguns passaros palestrando de arvore para arvore, em cantigas pelas quaes elle os conhecia a todos, distinguindo o noviço do mestre, e descortinando n'elles muitas curiosas particularidades, á custa de aturadas observações surprehendidas.

Momentos felizes que tão ligeiros se escoam, mas que, como feições de mortos queridos, ficam sempre um por um fixados no coração!!

Encantadora idade de não cuidar delicioso, mais tarde agro-doce prazer dos que no occaso da vida se voltam a olhar retrospectivamente para a aurora que a saudade lhes representa em miragem, como, em regra, as miragens, risonha emquanto o gelido sopro da realidade a não desfaz.

A intelligencia que lhe madrugou nos brinquedos infantis acompanhou-o nos estudos que se seguiram. Aos quinze annos completava com applauso dos professores os preparatorios para a Universidade e aos vinte estava formado em direito sem embargo da ordenança em contrario. Em Coimbra passava os dois terços do tempo devorando avidamente quantos livros de litteratura podia haver á mão. A sebenta tambem não recusou

um logar, mas dava-lh'o como a crédor implacavel que pede impacientemente uma divida; o que não obstou á conclusão do curso, sem soffrimento de desar nem necessidade de empenhos.

Apenas formado, editou um volume de poesias, elogiadas por quantos o leram. Estes, porém, foram poucos, porque, apenas distribuida por alguns livreiros uma porção de exemplares, o auctor recolheu-os todos, sem sequer deixar circular bem a noticia da nova publicação.

Muitas, talvez as melhores, d'aquellas poesias sabiam a retalhos d'um d'esses dramas intimos onde, ora gemendo, ora trovejando, se debatem sentimentos em lucta, só bem comprehendida pelas almas que lhes são arena. Se as apparencias não illudem, a subitanea revocação do livro seria — quem sabe? — a restituição á estufa de flôres, se formosas no recato do seu abrigo, demasiado sensiveis ao arejo de fóra.

Mas mysterios cobertos por cruzes funerarias são sagrados, e aos que ainda peregrinam para áquem da campa, não é licito sequer tentar devassal-os.

*

Como diversão a trabalhos de maior folego, escreveu Sarmento, longas temporadas, folhetins e artigos de polemica, que apesar de não assignados o delatavam pelo espirito e pela linguagem. Infelizmente, estamparam-n'os periodicos locaes, pouco lidos, e por ninguem, que eu saiba, colleccionados, o que me abandona ao recurso, sempre fallivel, da memoria.

Nas suas primeiras series de folhetins, figura uma como viagem dentro em Guimarães d'um *touriste*, acompanhado d'um *cicerone* ingenuo. Incitavam ao genero as *Viagens na minha terra*, de Garrett, e a *Viagem á roda do meu quarto*, de Xavier de Maistre, então muito entre mãos dos estudantes.

Lembra-me ainda, e já lá vai quasi meio seculo, que ao passar na Senhora da Guia, o *cicerone* chamou a attenção do *touriste* para a cruz de pedra erecta alli á direita da capella.

Nada tem de notavel a cruz; mas da peanha destaca-se o alto relevo d'uma Nossa Senhora com Christo nos braços, tendo em frente, ajoelhado a seus pés, um frade, sobre o qual se bordou a lenda seguinte:

(Sem o folhetim á mão, exprimo por palavras minhas a impressão que me ficou).

Em tempos ha muito idos existia um frade, geralmente reverenciado. Um unico individuo se afastava do geral acatamento, chegando, com escandalo da grey devota, a nem sequer tirar o chapéo a tão religioso varão. Julgou-se o frade affrontado, e, jurando vingar a affronta, mandou-se esculpir n'aquella piedosa postura em plano inferior, fronteiro á Virgem. D'esta fórma, vergado, de joelhos, com as costas voltadas para a rua, o que a curvatura lhe salientava offerecia-o aos desbarretamentos do seu desrespeitador, que, forçado a descobrir-se perante os symbolos divinos, teve de prestar a logar menos nobre do frade as honras que lhe recusou ao rosto.

No decurso d'este passeio, por meio do dialogo entre o *cicerone* e *touriste*, passou em revista historica e critica toda a cidade.

*

Na polemica jornalistica não valia menos F. Sarmento.

N'esta especialidade, começou a pôl-o em evidencia um caso triste occorrido ahi por 1854 ou 1855, mais anno, menos anno.

Uns dois ou tres soldados do batalhão de caçadores 7, aqui aquartellado, fizeram umas quaesquer avarias no campo d'um lavrador, respondendo aos ralhos d'elle com motejos provocadores. A desforra foi uma pancada, puxada tão de vontade, que deixou um dos soldados em misero estado. Chegada a noticia ao quartel, a soldadesca, como era natural, quiz vingar o camarada. Sae de roldão do quartel, invade a casa do lavrador, quebra quanto lá encontra, mas o principal, o proprio lavrador e a familia, onde iam elles?!

Furiosos com o mallogro da vingança, os soldados no regresso insultaram quantos paisanos encontraram, espancando alguns.

Esperava-se do coronel commandante uma providencia de repressão ordeira. Mas, pelo contrario, este

deu calor aos seus subordinados, e a indisciplina continuou, embora menos brava. Por seu turno um alto personagem com grande roda na localidade, acolhia benevolamente o irregular procedimento do commandante, animando-o com o seu apoio moral, determinado mais por velhos prejuizos em que tropeçava do que por impulso de má indole, que não tinha.

D'entre o geral silencio imposto pelo terror, surdiu F. Sarmento, verberando n'um jornal impiedosa e inexcepcionalmente os auctores e fautores da selvageria.

Um rapaz, ha pouco sahido dos bancos escolares, a arripiar com tal audacia vetustos respeitos consagrados, levou o espanto a quasi todos, indignou muitos, e enthusiasmou alguns.

Desencadearam-se as ameaças, mas cada uma era novo combustivel a augmentar o fogo na imprensa.

Travou-se, rija, a polemica jornalistica; mas cedo os antagonistas de Sarmento reconheceram a impossibilidade de se medirem com elle.

A energia salpicada de graça mordente dava-lhe indiscutiveis vantagens.

Uma amostra.

Da pleiade dos embuçados defensores do personagem a que atraz alludi, um entresachou n'um artigo, aliás revelador de habilidade, esta campanuda phrase, muito ao gosto d'aquelles tempos de predominio da rhetorica.

«Mas que importa á aguia que se livra, altaneira, nos ares, a baba do sapo rastejando cá em baixo?»

Resposta:

«A defeza que compara a uma ave de rapina o cliente não deve deixar este nada lisongeado.»

Repito: na falta do primitivo texto vaso a idéa, que me ficou, em molde meu.

As esporas de ouro, ganhas n'esta campanha, deram, por muito tempo, fóros de quasi invulneravel a Francisco Sarmento entre os periodiqueiros da terra.

Um d'elles, porém, a quem força é confessar viveza e desembaraço, que o tornariam de algum valor, se os acompanhassem uma correspondente educação litteraria, lembrou-se um bello dia de o beliscar n'um folhetim anonymo.

A resposta não se fez esperar, começando por desentocar do seu esconderijo o anonymo, e expôl-o, desparapeitado, ao debate, perigo que o assustava. Como se previa, o alvejado acudiu immediatamente a repudiar a paternidade do escripto, que se lhe imputava, com tão insistentes protestos, que desviou por inteiro a discussão para este incidente.

Então saltou para o publico o engraçado processo que levára ao descobrimento da paternidade repudiada.

N'um folheto publicado com a competente assignatura, a pachôrra analysta de Francisco Sarmento desencantára um modo original de virgular, uniforme, constante e systematico, do signatario.

Achada esta chave do enigma, facil lhe era matar a respectiva Sphynge quando se lhe atravessasse no caminho. Zás: compara periodo a periodo, a virgulação do folhetim com a do folheto, e não houve fugir-lhe: o anonymo de um e o signatario de outro eram, e não podiam deixar de ser, um e o mesmo.

Isto, condimentado com um invejavel humorismo, transformou em gargalhada o sonhado tiro ao calcanhar de Achilles. Tudo riu, menos o que se sumiu a scismar no *eureka* do seu segredo e concomitantemente na parecença da sua virgulação com o banho de Archimedes.

E, assim, morreu alegremente á nascença um episodio que promettia ao seu phantasioso auctor a immortalidade no Olympo da gazetilha.

*

Em 1872 rebentou aqui a guerra ao juiz de direito d'essa época, que — diga-se de passagem — embora não pudesse considerar-se uma distincção juridica, como inculcavam alguns dos seus parciaes, não era nem um incompetente nem, *quando em boa paz*, um mal intencionado; era simplesmente um nevropatha, que á mais ligeira contradicta não trepidava ante o despique com qualquer violencia. D'aqui os conflí-

ctos que em diversas comarcas o affligiram com apreciações nem sempre justas, apesar de nascidas de resentimentos justissimos.

Vendo envolvidos n'um d'estes conflictos amigos seus, F. Sarmento correu a auxilial-os.

Sem me metter em apreciar a questão, naturalmente, aqui e alli, eivada dos senãos de paixão, apenas, como ponta do dedo do luctador, extraio do periodico creado *ad hoc, A Justiça de Guimarães,* as linhas seguintes com que Sarmento o encimou permanentemente:

«e ainda mal que tantos exemplos vêmos em que se cumpre ao pé da letra o que disse o outro:

«Quidquid delirant Grai, plectuntur Achivi — é o povo quem paga o delirio dos juizes. E vem a ser o que nós chamamos — justiça de Guimarães.» *Arte de furtar do Padre Antonio Vieira, cap. dos que furtam com unhas apressadas.*

Demasiado duras, como a irritação que as soprava, mas tão ajustadas na fórma ao intento, que parecem expressamente escriptas para a occasião, estas palavras arrancadas ao pó secular dos classicos exemplificam o partido que Sarmento sabia tirar da sua vasta erudição.

*

No meio d'estas contendas F. Sarmento possuia o raro condão de ficar, por via de regra, em boas relações com os seus adversarios de occasião.

Visando mais á idéa do que ao individuo, deixava a personalidade coberta pela abstracção. Detestando a politica e por isso sem partido que o induzisse a aforar o branco em preto, podia illudir-se, e o seu recolhimento no gabinete muitas vezes o levava a apreciar os homens e as coisas á luz d'um doutrinarismo um pouco em divorcio com o mundo pratico; mas era sempre sincero. D'aqui, e de não exercer cargos publicos, onde por cada pretendente que se contenta se recrutam vinte despeitados, resultava-lhe não ter inimigos.

De todas estas excepcionaes circumstancias e predicados, realçados pelas suas qualidades intellectuaes, vinha-lhe o excepcional prestigio que manteve até entre os que sobre alguns assumptos, longe de seguirem a mesma orientação, se mostraram por vezes divergentes.

*

Nos ultimos vinte e cinco annos F. Sarmento quasi se absorveu no estudo dos problemas archeologicos, que indefessamente esmerilhava, ora nas paginas dos livros, ora nas paginas da terra. A proficuidade das suas investigações, accusam-n'a dezenas de artigos avulsos e as obras de um pacientissimo trabalho, *Lusitanos, Argonautas* e *Ora Maritima,* onde sustenta algumas opiniões, que, apesar de discordantes das correntes, já conquistaram votos auctorisados. Mas discutir se a influencia celtica se fez, ou não, sentir em Portugal; se a legenda dos *Argonautas* symbolisa a primeira viagem phenicia, ou é uma creação poetica dos Gregos; se os primitivos viajantes ultrapassaram ou não o limite, honrado com o velho *non plus ultra,* etc., pertence aos especialistas da sciencia. A elles, só a elles, legou Sarmento os fructos em que se lhe desentranhou o outomno da vida.

Eu venho, apenas, desfolhar-lhe sobre a sepultura algumas flôres, que conservo, da sua primavera. Se com isto correspondo mal ao honroso convite da Sociedade Martins Sarmento, a magoa do meu amor-proprio, abatido, ficará sobejamente compensada com a satisfação, bem mais valiosa, do coração, perante o qual rememorar o passado dos que nos foram caros é como resuscital-os durante gratissimos instantes.

Guimarães, 31 de janeiro de 1900.

Conde de Margaride.

A sua acção educativa

...

OUTRO realce que cumpre accentuar, ao exhibir-se a individualidade scientifica eminente que Martins Sarmento representa no paiz, é o que emerge da sua acção vulgarisadora e educativa. Os resultados obtidos pela exhumação de materiaes como das reconstituições assim possiveis para a evocação da vida antiga, a sagacidade tão penetrante aqui e na interpretação dos textos, outros documentos que por egual o absorveram n'um mesmo desejo intenso e convergente para uma mesma solução, ensombram certas facetas do seu espirito, que entretanto e parcellarmente esplendem com um radiante brilho.

A obra puramente especulativa é dominante em toda esta existencia de labor anciado e ininterrupto, como as consequencias, assentes ou ainda discutiveis, revolveram fundamente o que sabiamos de laços ancestraes, imaginosos ou lendarios. Divergindo ou acorrendo, n'uma estreita unidade de adhesão e pensamento, ás soluções dos problemas que procurou aclarar, a sciencia portugueza tem n'elle a lidima e vigorosa accentuação d'um poder intrinseco e fulgente, seja qual fôr, em ultima analyse, o apuramento definitivo das affirmações que nos legou.

Mas de envolta com a obra primacial, em qualquer caso para sempre memoravel, o ensinamento e o exemplo, o verdadeiro apostolado que implicitamente decorre atravez da sua famosa jornada, destacam mais vivamente e com mais efficaz incidencia de reparo e estimulo do que os brados d'alguns precursores desolados e entristecidos ante o mutismo não desvendado das ruinas que os homens deixavam alluír e perder.

Na propria acção, sem precedentes entre nós e com alguns continuadores incomparavelmente limitados em sacrificio e ardor, está o mais alto exemplo da sua influencia vulgarisadora. Pois que d'ella, traduzida em amplas explorações ou reconhecimentos apenas, irradiava, a bem dizer, a primeira luz sobre a significação dos despojos do passado, o impedimento e a obstrucção assignalavam as tentativas iniciaes e o investigador havia que volver-se em apostolo, n'uma mesma abnegação em face d'um quasi vilipendio.

Que encontravamos o terreno deliciosamente desbravado, affirmava elle ao narrar alguns percalços do seu fadigoso esforço de iniciador — defrontando com cyprianistas ou com ministros de estado, e todos na mesma etapa de entendimento e saber. Todavia, em trinta annos consagrados a um fito, do começo ao remate, a sua firmeza voluntariosa triumphou dos obices multiplos e impeditivos que surgiam embaraçando a marcha, mas por fim reatando-a.

E nem d'outr'arte seria hoje nossa posse o seu perduravel legado material se não fôra a fortuna de possuirmos esta excepcional physionomia de sabio e devoto, unica em nós, mas rara, tão pouco, em toda a parte. O museu que fica, as acropoles cuja manutenção ainda garantiu nas suas disposições finaes, os monumentos que durante a vida adquiriu, os subsidios que forneceu para explorações d'outrem, os varios passos que o moveram na salvação de mobiliario avulso e destinado a extinguir-se, a atmosphera que emanava do seu exemplo creando interessados e fiscaes de peças não obtidas ou inamoviveis, o seu ensino, com um carinho religioso, aos aspirantes que buscavam n'elle estimulos e clarões, todos estes factores emmolduram com uma luminosidade unica em portuguezes esta extraordinaria figura de homem, de sabio e de patriota.

A verdade é que não o ha semelhante em Portugal!

Na escripta, a sua ironia, já transparente no volume de versos com que entrou nas letras, no commentario aos aspectos burlescos d'uma cidade provinciana, na intensa campanha jornalistica em que se houve por varios motivos antes de se fixar decididamente na archeologia e na historia, essa ironia, essa deliciosa forma motejante de tão particularista originalidade era o seu ariete impetuoso, não raro dissimulando a funda magoa pelas assolações, pelo desdem incomprehensivo que inutilisava os marcos da historia d'um povo.

Atravez da sua vasta obra esparsa em revistas e jornaes essa paixão transluz, essa defeza do depoimento em pedra, em olaria e em metal aviva com uma nota que não é resaibo, mas lamento, desfigurada, certo, por piedosamente sorrir. E assim acontece que d'esta sorte, sem clamores nem memoriaes, a acção propagadora d'este homem, generalisada no paiz e extensiva com gloria á terra estranha, exprime maior prestimo que as declamações exhibitorias da indifferença nacional. Associadas estas, que vã inanidade não ressumem, cotejada com os effeitos seguros e definitivos do apostolado que afinal avulta d'entre a obra a que esta personalidade illustre votou, com a sua cabeça e o seu coração, uma parte consideravel dos seus bens!

Tem, pois, que destacar, quem fizer a analyse do seu labor, a parte da sua influencia, do seu exemplo e do seu ensino d'aquella que lhe resume e explica a lucidissima especulação em que se consumiu. Uma e outra, vivendo confundidas, morreram juntas; e a propria decrepitude physica dos ultimos tempos nem por isso attenuou, n'um enlaçado interesse e gozo, o viço e a fragrancia da passada virilidade.

Um dia — para remate — rogava-lhe, quem isto escreve, opinião e conselho sobre a exploração já iniciada d'uma acropole de Riba-Leça. As laudas que lhe resumiam a lição findavam pedindo noticias frequentes dos trabalhos, pois «o veterano, já que não póde ir á guerra, gosta sequer de ouvir fallar d'ella.»

D'outra vez annunciava-se-lhe uma demorada viagem á montanha e, no regresso, uma ida a Briteiros. Breve os informes sobre o que vira na região alludida, passavam vinte annos, illuminaram o romeiro; mas a condição era posta de não faltar ao compromisso da visita, a narrar o passeio, os costumes, as ruinas e os homens.

Por fim, uma vez em Guimarães, outra em Briteiros, historiava-lhe um grande plano em proxima eclosão, revivescencia d'uma chimera de moços, já longinqua, mas a que dava actual realidade o mesmo enthusiasmo de tres e a magnanimidade d'um d'elles. Para «conquistar» Martins Sarmento e Alberto Sampaio calculára-se um enorme dispendio de calor que lhes incendiasse um enthusiasmo supposto amortecido de ha muito.

E queria-se isto: as memorias completas sobre o Côto de Sabroso e a Citania de Briteiros. Houve uma certa estupefacção ante a audacia. Esclarecido desenvolvidamente o projecto, detalhado

o intuito, affirmado o impulso accendrado e patriotico, para logo se subjugou este homem eminente. Havia annos que arrumára o proposito agora subitamente renovado e em seguida já discutido n'um fervoroso enthusiasmo pela viabilidade emergente. De modo que, ao apresentar-lhe mais tarde Ricardo Severo, a conquista alcançára-a de ha muito e a elaboração definitiva, apenas, cumpria organisar em accordo. O enthusiasmo dos tres, n'esse ultimo dia em Briteiros, irmanava-os a todos em annos. Até parecia talvez o mais moço, essa nobilissima imagem de sabio, nas vesperas pouco remotas da morte!

Porto — Fevereiro, 1900.

Rocha Peixoto.

MUSEU ARCHEOLOGICO DA SOCIEDADE MARTINS SARMENTO
(VISTA GERAL)

Martins Sarmento, erudito

A obra archeologica de Martins Sarmento é verdadeiramente reconstructiva, desde as suas investigações no campo da pre-historia até á interpretação dos textos das litteraturas classicas para a descripção anthropologica e ethnica das raças da Peninsula. Apontaremos como um dos seus mais gloriosos triumphos o estudo sobre *Os Argonautas;* porque n'este livro chegou a resultados confirmados por eruditos estrangeiros, sem que mutuamente se conhecessem. A these demonstrada nos *Argonautas* é audaciosa: as navegações do mar Egeu, do Euxino e da Colchida são pelo luminoso erudito collocadas no Oceano Atlantico desde o Cabo Bojador até á Gran Bretanha.

Para avaliar a importancia d'esta these era preciso conhecer o novo prospecto das raças ante-áricas da Europa. N'este sentido apparecem-nos os livros de Theophile Cailleux, que na *Origem celtica de todos os Povos da Europa* (Paris, 1878) sustenta com abundantes fundamentos, que a Civilisação é originaria das regiões atlanticas, e que d'ahi se expandira para os dois continentes. Em outra obra *Os Paizes Atlanticos descriptos por Homero,* mostra que esses paizes são a Bretanha, a Gallia, a Iberia e todos os archipelagos atlanticos. E ainda em outro trabalho demonstra que as poesias de Homero não descrevem o Mediterraneo, mas o Atlantico.

Diante d'estas conclusões é que o vulgo, que póde ser desvairado por juizos de um pessimismo egoista, entrevê a seriedade e altas intuições criticas de um erudito isolado, que pelo seu culto sincero pela sciencia da Historia honrou a sua época pondo Portugal a par do concurso mental europeu.

Theophilo Braga.

VIR PROBVS

Procurando a fórmula que melhor me exprima a physionomia moral d'aquella eminente personalidade, que na vida se chamou dr. Francisco Martins Sarmento, nenhuma encontro mais azada ao intento que esta: *vir probus*, perfeito homem de bem.

Tão rico de prendas e de melhor quilate foi, que não acerto a decidir qual mais me subjugava no seu tracto, se o caracter nobilissimo de velho fidalgo português, se o patriota amante do seu torrão natal, se o sabio de raça, se o mestre avisado, se o amigo lealissimo. Assombra-me, é verdade, o poder da sua intelligencia vigorosa e rija critica, acerada como lamina de Toledo, adquirida no labor aturado dos livros e das coisas, com que perscrutando a verdade, perseguindo-a atravez do emmaranhado das hypotheses e dos velhos mythos, nos lavrou as paginas diamantinas dos *Argonautas* e do *Ora Maritima*, etc.; o que porém de todo me rende é aquella modestia viril, aquella probidade scientifica, aquella prudente reserva do verdadeiro sabio, abstendo-se de aventurar affirmações categoricas que não assentem nas substrucções firmes de provas authenticas.

Era um mestre consummado na arte de apanhar a verdade em flagrante: a imaginação servia-lhe só para incitar ao trabalho com maior ardor.

De 1882 datam as minhas relações com Martins Sarmento. Nesse anno servi-lhe de guia pelos atalhos do Gerês á visita da Chalcedonia [1], *citania* entre uns cabeços, eminentes á varzea de Covide.

Não me esquecerá jámais o caso estranho:

Apesar da fadiga da jornada, que então praticamos ora a pé ora a cavallo em pobres rocinantes, desde a feira do Penêdo atravez da serra pela brecha geologica das Caldas, que em linha recta conduz do Cávado ao Lima, cortando a bacia do Homem pela portella de Lionte e do Homem, nunca Sarmento perdeu o bom humor de *tourista*, alegre e despreoccupado, notando com admiração a perspectiva da paizagem alpestre que se modifica a cada passo do observador; pouco attento mesmo aos milliarios da Geira e ás cantarias das pontes romanas na Albergaria, que pertenciam, dizia, aos meus dominios.

Quando porém ao terceiro dia de excursão penetramos na Chalcedonia por um estreito passo entre dois morros, quasi de todo obstruido de calhaus a esmo, tal expressão de observador frio e reservado lhe tomou o rosto que — caso singular! — aquellas velharias, que eu tantas vezes tinha visitado e sondado aqui

[1] Este nome teve-o aquella ruina, de um equivoco que não vem para aqui deslindar.

e além, reduziram-se-me ante o olhar perscrutador do mestre a tão pouca coisa que, para não ficar de todo corrido, preciso foi recorrer ao testemunho da propria consciencia, que me não accusava de embuste.

As illusões da minha imaginação apaixonada dissipou-as elle, como ás nebrinas da manhã o sol nascente. E comtudo nem o mais leve indicio de desdem lhe afflorou aos labios.

De alli a meia hora, ao tomarmos a nossa refeição patriarchalmente recostados junto de uma fontinha á sombra de annosa carvalheira, ouviu-me elle como quem não ouvia novidade, a exposição e commentario do caso estranho.

Se lhe não teria succedido coisa parecida, nas suas verduras de antiquario incipiente?

Como quer que fosse, este era o seu feitio: nem por amor, nem por odio trahia a verdade.

E depois, em que conceito tinha elle a tão gabada sciencia para que lhe sacrificasse a verdade?

Numa das sessenta e oito cartas que delle conservo (de Guimarães em 26 de maio de 1896) fechava umas referencias a certa rixa entre alguns dos nossos homens de letras: «E não se convencem estes sabios, que os sabios mais sabios não sabem nada.»

Sabio foi e de primeira grandeza: tal como outro não cria em nossos dias a provincia; acima de tudo porém, um homem honrado ás direitas: *vir probus.*

M. Capella.

O seu epitaphio

MORREU!... e um grande desalento se apoderou dos que o amavam, que eram muitos, e dos que o conheciam, que eram todos os que se interessam pelos que constituem glorias da patria pelo seu talento e glorias da humanidade pelo seu caracter.

Não havia ahi ninguem que não venerasse a sua individualidade querida e inconfundivel. Na vida teve a consagração do respeito publico, na morte as homenagens, que devem tributar-se aos privilegiados do talento, quando tenham a aureolar-lhes a fronte o duplo diadema do trabalho e da honra.

Morreu!... mas o seu nome ficou, luminoso e vivo, como uma lembrança consoladora e um exemplo salutar.

O sabio deixou como monumento a sua obra colossal, o homem a historia da sua vida honrada, laboriosa e benemerita.

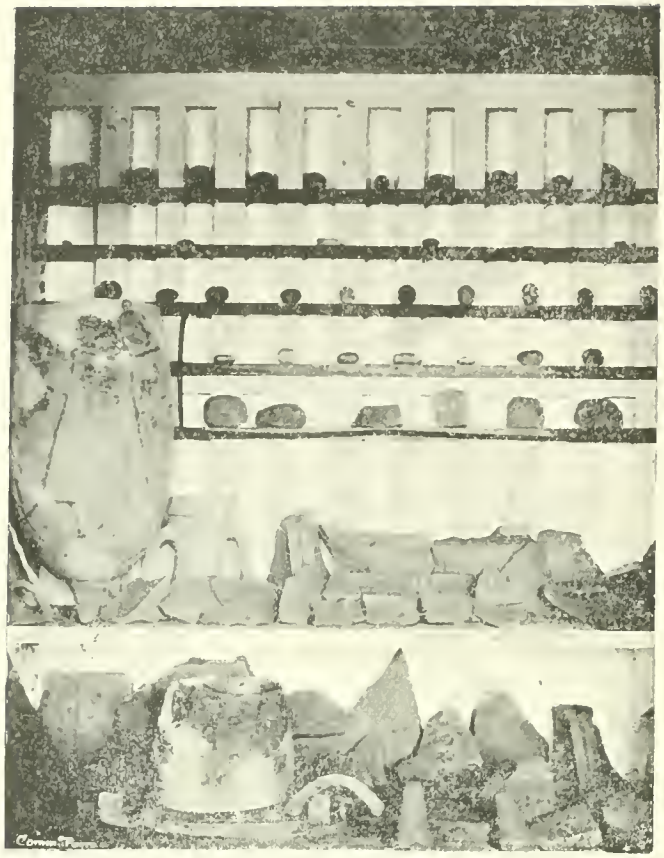
Guimarães póde, pois, juntar aos seus titulos nobiliarchicos o de *patria de Martins Sarmento.*

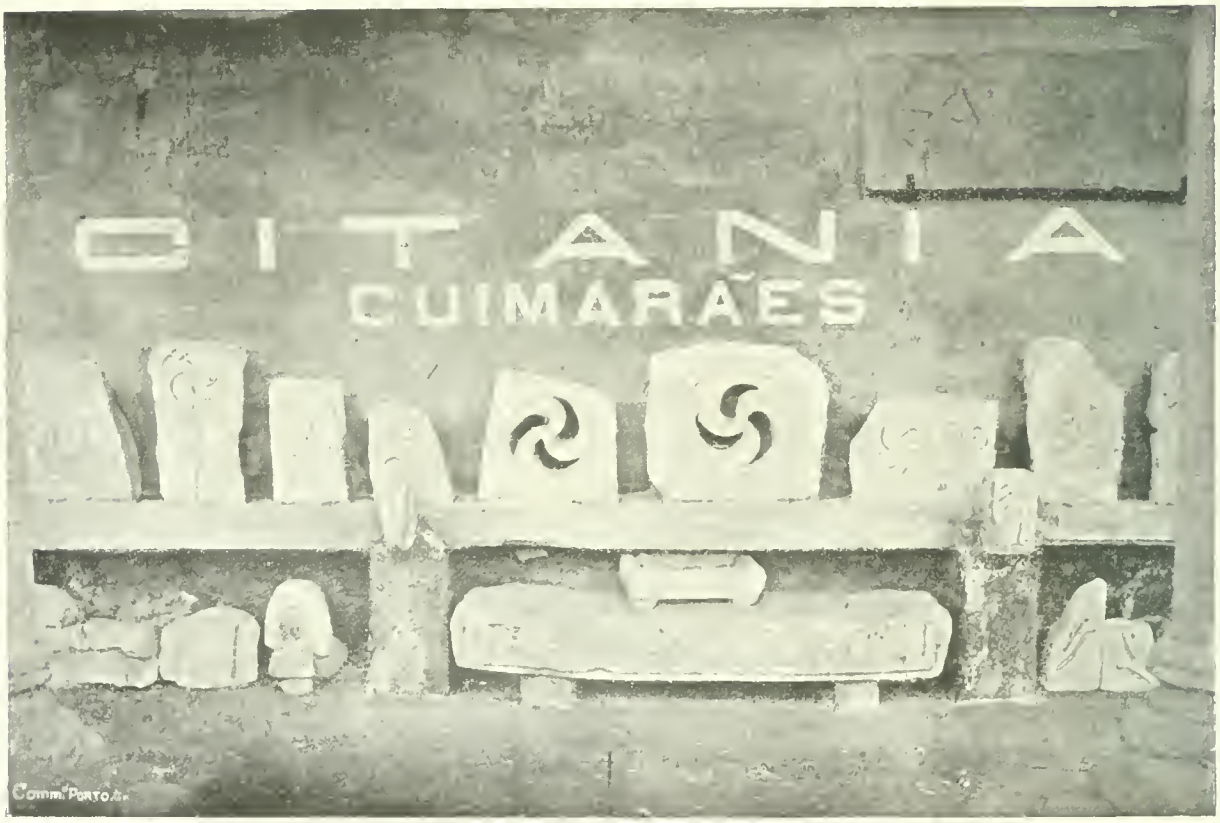
Mas, se houver alguem que desconheça este nome ou ignore os motivos do justo orgulho da nossa terra, aponte-se-lhe para o seu epitaphio, onde devem gravar-se as palavras com que o illustre sabio dr. Emilio Hübner terminava a sua carta de saudação a Martins Sarmento, datada de Berlim a 28 de fevereiro de 1898:

... *l'honneur de son pays et la joie de ses amis.*

Guimarães, setembro de 1899.

Padre Gaspar Roriz.





DO MUSEU ARCHEOLOGICO DA SOCIEDADE MARTINS SARMENTO

«O sabio não vai todo á sepultura;
«Na memoria dos homens vive e dura.»

CAMÕES, *Lusiadas*.

FRUCTO d'essa gloriosa renovação moral e intellectual que se chama o Renascimento, a Archeologia, descobrindo, comparando e interpretando os vestigios materiaes do passado, tem exercido nos dominios da Historia uma acção decisiva e salutar.

É ella que nos permitte aferir pelo depoimento mudo, mas irrecusavel e insuspeito, dos monumentos, o testemunho, nem sempre desapaixonado e imparcial, dos escriptores; que auxilia efficazmente o processo critico do encadeamento dos factos e, portanto, a determinação da continuidade historica, illuminando periodos remotos e mysteriosos, não attingidos pelos documentos escriptos nem pelas tradições oraes, e reconstituindo civilisações extinctas; que completa a Historia, arrancando aos archivos subterraneos os segredos da existencia do homem para além dos tempos historicos ou lendarios; que, emfim, nos desvenda o lado *intimo* da vida passada, tão cheio de interesse, de luz e de côr.

Negar a importancia da Archeologia equivale pois, como disse alguem, a negar a importancia da Historia. E é, sem duvida, pela Historia, pelo conhecimento do passado, que podemos avaliar com segurança o presente e, em certo modo, preparar o futuro.

Merece, portanto, viver para sempre na veneração e no reconhecimento das gerações, a memoria d'aquelles que, como o dr. Martins Sarmento, cultivaram a archeologia com perseverança, dedicação e verdadeiro espirito scientifico.

Lisboa, janeiro de 1900.

José Pessanha.

«A carreira de um grande homem, diz Samuel Smiles, constitue um monumento duradouro da energia humana. O homem morre e desapparece; mas os seus pensamentos e actos sobrevivem, e ficam indelevelmente gravados em sua raça: o espirito da sua vida prolonga-se e perpetua-se, modelando o pensamento e a vontade, e contribuindo para formar o caracter dos vindouros. Os homens que tomam a melhor direcção são os verdadeiros guias do progresso humano; são luzeiros que illuminam a atmosphera moral que os cerca, e a luz do seu espirito continua a brilhar sobre todas as gerações futuras.»

Tal o conceito que define esse vulto brilhante da sciencia portugueza, que se chamou Francisco Martins Sarmento.

Para aquelles que consideram o homem d'uma dada época como um producto de muitos factores, que na successão dos tempos actuaram sobre todas as gerações que o precederam, e que por isso o estudo do seu caracter, tendencias e aptidões, ha de ser necessariamente feito á luz da historia — para aquelles que vêem na perfectibilidade humana o ideal que deve reger o movimento progressivo das sociedades, e reconhecem que o melhor meio de dar vigor a esta lei sublime é apresental-a sob a fórma palpavel que ella reveste nos factos que as sciencias historicas e archeologicas registam desde as mais remotas éras — para aquelles, emfim, que vêem na experiencia dos seculos a melhor regra de conducta nas diversas situações da vida — a obra do sabio portuguez é um monumento grandioso, o maior, sem duvida, que modernamente em Portugal se tem levantado ao saber humano.

Nós adquirimos uma noção exacta da energia e do patriotismo d'esse homem extraordinario, quando em 1890 visitamos a Citania de Briteiros, e examinamos o espolio que elle recolhera nas suas venerandas ruinas. Avaliando a somma de sacrificios de toda a especie que representava a exhumação da velha acropole minhôta, quantas despezas, quantas fadigas materiaes e moraes se haviam alli consumido, e isto em um paiz onde só um pequenissimo numero de homens comprehendia o alcance dos seus esforços, nós, que julgavamos então termos feito alguma coisa, sacrificando uns centos de mil reis ao estudo archeologico da nossa região, sentimo'-nos esmagados pela sua grande generosidade e pelo colossal trabalho que elle accumulára pacientemente, durante annos e annos, no exclusivo interesse da sciencia!

Ainda hoje conservamos bem viva a impressão de desalento que então se apoderou de nós; mas, por uma d'essas reacções que nascem dos grandes exemplos, nós adquiriamos pouco depois um novo vigor e traçavamos aos nossos trabalhos futuros um plano mais vasto, que nos suggerira a obra do mestre.

Da velha civilisação lusitana anterior á romanisação da peninsula pouco se sabia pela historia. Estrabão, que viveu no tempo de Tiberio, era o unico escriptor da antiguidade que dava algumas noticias sobre os usos e costumes dos povos da Lusitania; mas as suas indicações eram insufficientes e careciam de ser explicadas pelos monumentos. O dr. Martins Sarmento fôra o primeiro que comprehendera e atacára sériamente este grande problema da proto-historia do nosso paiz. Como os sabios da Escandinavia haviam procedido, nas primeiras decadas d'este seculo, com relação ao passado obscuro dos seus paizes, assim elle teve o pensamento de empregar a alavanca da archeologia para extrahir da terra os materiaes com que podesse supprir essas grandes lacunas da historia classica.

Elle realisou d'um modo brilhante este pensamento com a exhumação da Citania de Briteiros e com as suas explorações em Sabroso. Um quadro de noções exactas, sobre as quaes os antigos escriptores eram omissos, foi adquirido pela sciencia; e os sabios puderam, em face dos restos d'arte d'aquellas celebres estações, estudar os diversos elementos que compunham a velha civilisação lusitana.

O dr. Martins Sarmento pensava, e muito bem, que com esses resultados e uma boa orientação nas explorações em Portugal devia attingir-se a completa solução do problema.

«A comparação da Citania e de Sabroso, dizia elle ao congresso internacional de 1880, permitte-nos esperar que a velha civilisação pre-romana poderá ser reconstruida um dia em certos limites, quando os estudos e as explorações archeologicas se occuparem sériamente d'este problema. Tudo faz crêr que Sabroso acabou sem receber a influencia romana. A Citania recebeu esta influencia, pelo menos até sob o reinado de Constantino, como póde concluir-se d'uma moeda que ultimamente alli se encontrou. Apesar d'isto, afóra alguns objectos da industria romana e algumas inscripções, dir-se-ia que as duas estações são contemporaneas: a mesma architectura, o mesmo estylo de decoração, as mesmas gravuras, os mesmos signaes symbolicos, etc.»

Os materiaes descobertos pelo illustre sabio de Guimarães provaram desde logo um facto importante, qual o de que os lusitanos, antes da invasão romana, estavam já na idade do ferro, visto que instrumentos d'este metal appareceram em Sabroso. Por outro lado permittiram tambem esboçar, em parte, a architectura militar e civil, a disposição interior e o systema de communicações internas e externas das cidades lusitanas; e contribuiram para esclarecer muitos dos usos e costumes dos seus habitantes e o grau de cultura que tinham adquirido.

No estudo dos elementos que entravam n'esta antiga civilisação a sciencia reconheceu a influencia da arte mycenia ou antes egêa. Foi esta a opinião de alguns sabios que em 1880, por occasião do congresso internacional de anthropologia e de archeologia prehistoricas celebrado em Lisboa, visitaram as ruinas da Citania de Briteiros; e é hoje a de todos aquelles que comparam conscienciosamente os restos da arte decorativa das duas estações lusitanas com os dados similares recolhidos por Schliemann em Mycênas.

Esta descoberta notavel envolveu Portugal na questão magna da diffusão da civilisação mycenia na Europa. Desde então póde marcar-se na carta archeologica das regiões onde penetrou o ornato curvilineo ou espiraliforme, que predomina na arte grega pre-homerica, mais um ponto, precisamente no paiz que occupa o extremo occidental do continente europeu. Para os sabios que viam n'esse systema decorativo uma origem asiatica ou egypcia, que os gregos da época mycenia se apropriaram e transmittiram aos povos do centro e norte da Europa, o raio da acção civilisadora das populações egêas teria tambem penetrado profundamente no coração da Lusitania, a ponto de manifestar-se ainda na época romana. Para outros, que consideravam aquellas estações lusitanas muito posteriores á época da civilisação mycenia, que findou com a invasão dorica na Grecia, ahi pelo seculo XII antes de Christo, a influencia asiatica ter-se-ia feito sentir directamente na propria Grecia como na Lusitania. Aquelles, emfim, que viam n'essa civilisação uma origem inteiramente europeia, tambem podiam considerar a Citania de Briteiros e Sabroso como um novo argumento em favor da sua these.

Seja, porém, qual fôr a solução que deva dar-se a tão intrincado problema, o que nós podemos assegurar é que o resultado das explorações do illustre sabio portuguez tiveram uma influencia deci-

siva na orientação dos trabalhos archeologicos emprehendidos no valle inferior do Mondego e em outras regiões de Portugal. Unido pelo mesmo pensamento a alguns estudiosos do norte do paiz, nós puzemos os nossos humildes esforços e a nossa bolsa ao serviço d'essa causa que o dr. Martins Sarmento intentára contra as deficiencias dos auctores classicos; e uma série de trabalhos, proseguidos tenazmente durante annos, vieram descobrir-nos estações contemporaneas da Citania de Briteiros.

Ellas eram pobrissimas, uns pequenos e miseraveis povoados, ora estabelecidos no cimo dos outeiros e toscamente fortificados com muros de pedra secca ou vallados de terra e pedra, ora espalhados aqui e alli no fundo dos valles; mas os dados que n'ellas colligimos tiveram para nós um alcance consideravel.

Apesar do manifesto estado de barbaria em que viviam as populações esparsas por estes logares, pudémos reconhecer nos restos do seu mobiliario vestigios da velha arte myceenia. Eram o ornato das folhas verticilladas, as linhas ou faxas torcidas em espiral, a linha simplesmente ondulada, etc., communs ás louças e outros objectos das acropoles do Minho.

Pudémos tambem observar como se operou aqui o trabalho da romanisação, antes do III seculo da nossa éra, e explicar muitas particularidades relativas aos habitos e modo de viver d'estes povos.

Á interrogação formulada quanto ás necropoles lusitanas d'essa época ou immediatamente anteriores á conquista romana, responderam as sepulturas de lages brutas de Ferrestello e da Senhora do Desterro; e assim começaram a preparar-se os materiaes para o estudo anthropologico da raça.

Para tirar a prova real de que não seriam errados os criterios que distinguiam n'aquellas estações o producto da industria indigena do producto italico, seguiu-se o estudo de outras, em que a romanisação era mais avançada, e ainda de outras em que tudo era obra genuinamente romana; e com grande surpreza se notou que n'estas ultimas, já do III seculo, a arte reproduzia ainda motivos de ornamentação que se encontram na Citania, e que pertencem tambem á arte myceenia!

Todo este movimento foi a consequencia do impulso inicial que partiu do dr. Martins Sarmento. Aqui o declaramos lealmente, em homenagem á verdade e á memoria do illustre extincto. Foi a luz do seu espirito que irradiou sobre nós, e o seu exemplo que nos deu energia para affrontarmos as difficuldades d'estes trabalhos. Se não fôra elle, nunca pensariamos em sahir fóra do estudo da idade da pedra na nossa região, unico a que haviamos limitado as nossas modestas ambições.

Tal a feição que tomou em nós a influencia da sua obra. Sem duvida elle publicou notaveis trabalhos de erudição classica, que nós admiramos; mas o seu grande livro, a sua obra monumental está nas duas acropoles que fez surgir do seio da terra.

Com este livro de pedra, que contém imagens vivas d'uma civilisação extincta, ensinou o caminho a seguir para restaural-a; e nos sacrificios, que o seu colossal trabalho lhe custou, deu um exemplo de energia e dedicação pela sua patria, que ha de calar profundamente no espirito de todas as gerações de estudiosos que lhe succederem.

Por isso o seu pensamento atravessará os seculos, como um raio de luz vivissima, e brilhará eternamente nos horisontes da archeologia portugueza!

Santos Rocha.

A Martins Sarmento

Distinctissimo entre os distinctos, Martins Sarmento, legou-nos o thesouro do seu vasto saber, o exemplo radiante da sua tão nobre iniciativa, raro igualada e certamente nunca excedida.

Astro scintillante na sua especialidade scientifica, mestre dos mestres, foi elle de uma precisão de criterio, lucidez de exposição e vigor demonstrativo, verdadeiramente magistraes.

Tambem a sciencia tem heroes; tambem o estudo tem o seu Thabor.

Na historia da Archeologia ficará, portanto, insculpido em letras de ouro o seu nome immarcessivel, como em nosso coração a saudosa lembrança de um luctador admiravel.

Martins Sarmento não morreu; transformou-se, glorificando-se.

Monsenhor Conego Pereira Botto.

VIXIT!

N'UMA consagração superlativamente justa, Guimarães entraja luctos pela perda d'um seu filho egregio, o dr. Francisco Martins Sarmento, sabio eximio, nimiamente conhecido e respeitado no mundo scientifico, patriota de raça, cavalheiro distinctissimo dotado de rara magnanimidade, qualidades que lhe conquistaram a um tempo a admiração e a estima dos nossos e dos extranhos.

Viveu... vive ainda e viverá sempre na saudade dos que mais de perto o apreciaram e nas paginas brilhantes da nossa Historia onde tem, desde ha muito, um logar dos mais distinctos, porque Martins Sarmento é, sem duvida, um nome celebrado, um nome nacional.

Guimarães, a terra que elle tanto amára e que justamente se ufana de lhe dar o berço e a sepultura, premeia com sinceras homenagens a immaculabilidade do seu caracter e o seu saber profundissimo.

Deixou um vacuo insubstituivel aquelle grande genio, porventura o maior, o mais privilegiado talento d'esta formosa provincia. Os seus trabalhos scientificos deram-lhe incontestavel direito ao *non omnis moriar* de Horacio. Dizem-no os mais abalisados criticos da Europa, que de um modo eminentemente lisongeiro apreciaram os seus bellos livros, achando em todos elles bastante que estudar e que aprender.

Teve, como João de Deus, a apotheose em vida, quando um grupo de vimaranenses illustres fundou, com applauso geral, a prestantissima Sociedade que se adorna com o seu nome querido.

O jornal vimaranense *O Progresso*, de 9 de março de 1898, commemorou-lhe brilhantemente o dia natalicio consagrando-lhe um numero especial collaborado por alguns dos nossos homens mais notaveis, entre os quaes sobresahia o sabio berlinez dr. Emilio Hübner com a carta que enviára ao auctor d'estas linhas.

Martins Sarmento, conscio do seu saber, bateu em toda a linha os celtistas provando que os celtas não tiveram entre nós e em toda a Europa senão o papel de barbaros e que quando entraram na Lusitania havia todos os nomes que os linguistas chamam celticos. Em 1896 dizia-me que reforçaria esta opinião se fosse obrigado a desenvolver o longo artigo que então havia publicado na *Nova Alvorada*, de Famalicão, combatendo as affirmações feitas por um socio da Academia das Sciencias n'uma das sessões d'aquella respeitavel Sociedade. E era tal a sua convicção, julgava-se tão seguro no resultado das investigações a que havia procedido, que accrescentava com desassombro incrivel:

« Desejava bem que algum dos celtistas entrasse na questão, mas nada: continuam no seu rame-ram e acham que estão n'um reducto inconquistavel. »

Martins Sarmento era, como todos os verdadeiros sabios, prudentissimo. Nada affirmava sem provas.

« Parece-me », « não me parece »; respondia assim a varias perguntas minhas quando no seu gabinete de estudo a nossa conversação versava sobre intrincados problemas archeologicos; e confesso que nunca me arrependi de optar pelo habitual « parece-me ».

Com que saudade recordo esses momentos!...

Relendo agora as cento e onze cartas que d'elle conservo e cautelosamente guardo, encontro em quasi todas conselhos de bonissimo amigo e indicações utilissimas, tendentes á prevenção de incorrecções nos meus trabalhos de investigação e estudo.

Os melhores e mais raros livros da sua bibliotheca particular, bem como algumas publicações archeologicas modernas, tudo apparecia de quando em quando em minha casa com a recommendação da leitura attenta d'este ou d'aquelle capitulo. Tendiam pois aos meus adiantamentos scientificos todos os seus conselhos que eram sinceros, cavalheirosos como jámais encontrei.

« Persista na sua tentativa e deixe prégar os utilitarios », dizia-me em agosto de 1894 quando eu colhia elementos para o meu livro *Inscripções e Letreiros*.

« Se algum dia fôr a Caldellas recommendo-lhe a egreja de Coucieiro e uma inscripção curiosa que lá ha relativa á sagração por um Arcebispo braguez », aconselhava-me elle em setembro de 1895 por então saber que eu, na qualidade de vogal da Commissão dos Monumentos Nacionaes, de Lisboa, percorria differentes localidades do Minho.

Como estes, muitos outros factos poderia citar para prova do interesse que sempre tomou pelo bom exito dos meus trabalhos.

A confiança que nunca deixei de ter no seu caracter acha-se registada em differentes paginas do volume: *Inscriptiones Hispaniæ Latinæ, edidit Aemilius Hübner*. Alli se prova que lhe dei sempre immediato conhecimento das inscripções romanas dos meus achados, embora eu tivesse de as conservar ainda por largo tempo ineditas.

Da sua quinta de Briteiros, onde convalescia da grave enfermidade que alli mesmo o accommetteu em abril, dirigiu-me nos fins de junho a sua ultima carta que principia assim:

« Aqui estou em Briteiros a vêr se me esqueço da mocada que recebi no dia da Santa Paschoa. Não tenho andado para nada martyrisado com umas estupidas dôres nevralgicas que nem me deixam de dia nem de noite. »

. . . . . .

Pouco tempo depois, como os soffrimentos recrudescessem, o meu queridissimo amigo e mestre era conduzido para o seu palacete de Guimarães, onde expirou pela uma e meia hora da tarde de 9 de agosto ultimo.

Curvemo-nos respeitosos e agradecidos ante o sarcophago que encerra os restos venerandos do varão preclaro cujo nome é venerado por todas as nações cultas, e, como acertadamente alvitra o meu particular amigo dr. Alvaro Basto, lente distinctissimo da Universidade de Coimbra, promovamos em breve a coordenação das suas memorias dispersas, com indicação do objecto de cada uma, que assim teremos honrado condignamente o auctor, ao mesmo tempo que prestamos ás letras patrias um valioso serviço.

Braga, 1899.

Albano Belino.

A «Academia» de Guimarães

Se o nosso paiz fosse atacado de velleidades regionalistas — Guimarães tinha o direito de reivindicar para si as honras d'um centro superiormente caracterisado e individualisado no meio intellectual portuguez.

O velho *berço da monarchia* foi, no ultimo quartel d'este seculo, um brilhante fóco de estudos archeologicos e historicos. Martins Sarmento d'um lado, Alberto Sampaio do outro, fizeram mais, n'esse periodo, para a investigação das nossas origens prehistoricas, ethnicas, sociaes, nomologicas, economicas, do que todos os institutos scientificos do paiz. Um escavando as ruinas das citanias, commentando sagazmente os velhos monumentos historicos e geographicos, embrenhando-se na selva densa dos modernos estudos archeologicos e dos grandes problemas ethnographicos — o outro reconstituindo os textos dos *Portugaliæ monumenta historica*, com luminoso criterio formado por uma larga erudição, as evoluções sociaes e historicas d'este canto da peninsula anteriores á fundação do feudo portucalense — deram á historiographia nacional o prefacio que lhe faltava, levando aos ultimos limites a investigação das nossas origens.

Os Argonautas, a *Ora Maritima*, a monographia sobre a *Propriedade e a cultura no Minho* e *As «villas» no norte de Portugal* são verdadeiros monumentos historicos, gloriosos padrões do labor intellectual da nossa raça.

A morte de Martins Sarmento foi, assim, um desastre nacional. A sua falta deixa um vacuo impreenchivel na pequena phalange dos nossos homens de sciencia. Porque não foi só um sabio o que n'elle se perdeu: foi mais do que isso — foi um apostolo, um fanatico das sciencias archeologicas. Essa paixão illuminava-lhe os trabalhos e estudos com intensas fulgurações intuitivas que, contraprovadas depois pelo seu sólido, vasto e profundo saber, lhe rasgavam a cada passo perspectivas novas, novos caminhos no campo das theorias historicas. Era um talento

creador e um espirito constitucionalmente logico, raciocinante, analysta, exegetico. As suas luminosas hypotheses estabeleciam-se por meio de rigorosas demonstrações mathematicas.

Juntando a estas eminentes faculdades de espirito uma meticulosissima probidade scientifica e um interesse pelas coisas da sciencia, levado ao ultimo extremo da generosidade e até do sacrificio — ter-se-hão talvez delineado os traços mais largos, mas mais caracteristicos, da physionomia intellectual d'esse homem benemeritamente illustre, que foi entre nós o mestre e o chefe supremo, amado e venerado, de todo um fecundo movimento renovador dos estudos archeologicos e palethnologicos.

Luiz de Magalhães.

QUANDO INVENIEMUS PAREM?

Esta phrase de Horacio revela nitidamente a situação em que um grupo de amigos dedicados se achava diante do tumulo do sabio vimaranense Francisco Martins Sarmento, exclamando com saudade: — quando se encontrará um homem de tanto valor intellectual e de tão primorosas condições de caracter!

Effectivamente, a morte d'este investigador consciencioso, d'este notavel cultor das boas-lettras foi uma perda nacional, pois elle asseverou como poucos o prestimo dos seus recursos scientificos e a dedicação pelo trabalho levada aos maiores sacrificios; com animo sereno e um ardente desejo de patentear proficientes ensinos, disse ao passado — renasce, ostenta-te, desvenda-te!

A golpes d'um formoso talento, a impulsos d'um genio superior, abriram-se os fóssos e escancararam-se as preciosidades archeologicas da Citania de Briteiros, thesouro d'uma altissima valia para os estudiosos.

Esta empreza, que vale muito e deu ao illustre sabio uma distincta celebridade, teve como apreciaveis consequencias o calor e enthusiasmo que despertou a favor do estudo das antiguidades; animou tentativas dispersas, afervorou investigações cuidadosas e conglobou todos os esforços e consagrações que constituem a Sociedade fundada com o seu nome para perpetuar em Guimarães essa luzente gloria.

A influencia de Martins Sarmento foi enorme, se o consideramos como um zeloso apostolo levantando a cruzada de desvendar scientificamente o passado aos clarões da historia.

Todos sabemos que a fadiga, a falta de recursos, a triste carencia de incentivos e até os apódos dos inscientes hão feito quebrantar o animo de muitos archeologos. Quantas luctas sem resultado se têm empenhado para que não se parta uma columna, não se desloque um dolmen, não derreta uma moeda, não quebre uma amphora, não despedace um cypo!

Quantos clamores sem echo se têm erguido para que não se desmorone um castello, não se profane um templo, não cinzele um padrão, não martelle uma ogiva, não entulhe uma crypta, não enterre um marco, não apague uma inscripção! Quantos protestos sem effeito nós temos visto para que o pó e a traça não pejem os archivos, não se rasguem pergaminhos, não se cubram illuminuras, não abandonem diplomas, não desbaratem devocionarios! Do mobiliario, da armeria, da numismatica, da

edumentaria, da ceramica, da tecelagem, quantas preciosidades nos têm levado para fóra do paiz, ficando apenas uma pequena parcella nos nossos pobres museus e alguma coisa em mão de louvaveis, mas raros colleccionadores!

É preciso coragem para levantar a voz no meio d'esta derrocada que vai prejudicando a sociedade portugueza sem deixar de pé os elementos por onde estudar-se a vida, os costumes, as tradições, a arte, as industrias, emfim a historia do povo que não ostenta um verdadeiro amor pelas revelações do passado. É indispensavel ter auctoridade para fazer incidir as attenções para os aturados trabalhos da sciencia e interessar os homens no culto pelas investigações conscientes que revolvem as ruinas dos tempos idos e os vestigios das gerações ha seculos extinctas, apresentando-os á luz serena da critica hodierna.

Eis o que fez Martins Sarmento e o que constitue a sua perduravel gloria.

Porto, 1899.

Padre F. J. Patricio.

VIXIT

De poucos homens se póde dizer que algum viveu. E' verdade.

Que sabemos nós hoje de tantissimos ignorados, vindos ao mundo e d'elle partidos, desde que, por insondavel mysterio, o primeiro appareceu no globo?

Só de rarissimos nos transmittiu a historia os nomes, ou nas vozes da tradição ou gravados a stylo nas taboas da antiguidade.

Esses viveram.

A turba magna volveu ao abysmo, d'onde saíra, sem deixar vestigio da vinda e da passagem.

Não viveram esses.

Viveu e vive sempre o que fez alguma coisa grande e boa.

Viveu e vive sempre o que vinculou seu nome ao livro, ao pregoeiro da vida além da morte.

Viveu e vive sempre Alexandre nas Armas, Hippocrates na Sciencia, Confucio na Moral.

Viveu e vive sempre Christo no Amor aos homens.

Viveu e ha de viver sempre Francisco Martins Sarmento na sua obra litteraria e scientifica e na *Sociedade,* que lhe será um symbolo da existencia material por esse futuro adiante.

No pedestal da estatua que, saudosa, lhe vai erguer a patria Guimarães, de um seu obscuro admirador, de um seu discipulo vai de Evora, para se gravar n'um cantinho d'elle, este nome

Antonio Francisco Barata.

DO MUSEU ARCHEOLOGICO DA SOCIEDADE MARTINS SARMENTO

Duas revoluções

AFFONSO Henriques, com o seu largo montante e o seu genio superior, talhou o Reino em que gerações successivas formaram uma nacionalidade inconfundivel entre todos os agrupamentos dos povos da peninsula Hispanica.

Martins Sarmento descobriu e precisou, com a força do seu estudo e a claresa do seu lucido espirito, ao findar o VII seculo da existencia do aventuroso Reino, as bases scientificas da historia das suas origens ethnographicas.

Na lista chronologica dos filhos de Guimarães o primeiro e o ultimo dos vimaranenses distinctos são igualmente grandes e os maiores que até hoje têm tido por berço a velha cidade.

A revolução scientifica do seculo XIX na Historia Patria vale, na differença dos tempos, a revolução politica do seculo XII que lhe deu começo. E assim como a Monarchia se fortificou e gerou os Navegadores e os Conquistadores da Renascença e produziu a lingua de Camões; a obra de Martins Sarmento, afóra a influencia que terá na sciencia universal, incidirá beneficamente no derramamento da instrucção popular e nos progressos industriaes da terra por Elle sempre amada, concorrendo para a prosperidade do Reino que o Outro fundou: se todos nós os conterraneos dos Dois soubermos sustentar e desenvolver a SOCIEDADE MARTINS SARMENTO.

O *officio* deshabituou-me a penna, ha muitos annos já, de escrever para tudo que não seja o silencio e as reservas dos Archivos. Se, com violencia minha, abro uma excepção, correspondendo a um convite immerecido, é porque se trata de Guimarães e d'um homem que, além de ser uma gloria nacional, foi um exemplo de nobresa e de bondade.

Berlim — Novembro de 1899.

Visconde de Pindella.

SAUDAÇÃO

Valha-me Deus, que não sei escrever para os *numeros unicos!*

Se o escripto é extenso, exclamam: que fastidioso! Se apanhado, dizem: que frivolo!

Se é altiloquo de estylo, sorriem da attitude olympica do auctor. Se temperado ou tenue, desdenham da semceremonia.

Se como outros é encomiastico, já não tem suave aroma tanto incenso. Se sôbre assumpto diverso, clamam que está fóra do escholio.

Valha-me Deus, que não sei escrever para os *numeros unicos!*

Outros que escrevem têm o condão de agradar, e passam sãos e salvos por entre tantos scyllas e charybdis. Mas eu, santo Deus!

É forçoso, porém, escrever. E eis o que sahiu da minha mal aparada penna.

O nosso Camillo escreveu: *A Historia é mestra da vida e das mentirolas.*

É duro em parte este conceito, mas na sua dureza ha muita verdade.

Nem sempre a *Historia* é mestra da falsidade: se o fôra, raro succederia que fôsse mestra da nossa vida.

Mas, verdade, verdade, muitas de suas paginas são escóla do êrro.

E uma das causas de seus êrros é a carencia de conhecimentos archeologicos no historiador.

A chronologia e a geographia são consideradas os olhos da *Historia;* pois com maior fundamento se póde considerar o estudo dos antigos monumentos, de maior ou menor relevo, base necessaria ao bom historiador que se proponha escrever a *Historia* geral d'um povo antigo.

O estudo da sciencia archeologica já tem produzido prodigios de grande valor nos dominios da *Historia.* Numerosos factos demonstram a verdade d'esta these.

E um dos homens que mais se têm empenhado no estudo da archeologia foi certamente o dr. Martins Sarmento.

Saudemos, pois, a memoria gratissima d'este benemerito da *Historia.*

Guimarães, 8 de fevereiro de 1900.

Dom Prior Manoel d'Albuquerque.

DR. FRANCISCO MARTINS SARMENTO

Mal pensavamos quando, em 9 de março de 1898, nos associamos á homenagem que *O Progresso* de Guimarães prestou ao eximio archeologo no seu anniversario natalicio, que seria esse o ultimo preito que todos nós, os admiradores e amigos do dr. Martins Sarmento, lhe rendiamos em sua vida, pois que em março derradeiro estava de luto pesado por sua irmã, a Viscondessa de Roriz, fallecida poucos dias antes.

A morte de Sarmento, succedida no principio de agosto, abre uma lacuna insubstituivel na archeologia portugueza.

Dotado de vastos conhecimentos, d'um genio trabalhador e d'uma critica sã e meticulosa, comprovou quanto valia no congresso internacional de anthropologia e de archeologia prehistorica realisado em Lisboa em 1880, merecendo ser felicitado pelos sabios estrangeiros quando visitaram as ruinas da Citania e de Sabroso, que elle com grande dispendio pôz a descoberto, gastando seis annos n'esta ardua tarefa, unica no nosso paiz.

Infatigavel explorador fazia todos os verãos excursões pela provincia, deixando dispersos nos jornaes litterarios curiosos artigos de archeologia, preciosos elementos que devem ser colleccionados em livro.

As obras que perpetuarão a memoria do nosso saudoso amigo, e que occupam logar honroso na estante dos estudiosos, são:

Citania, publicada em 1879.

Lusitanos, 1880.

Ora Maritima, 1880, 1.ª edição.

Os Argonautas, 1887.

Lusitanos, Ligures e Celtas, 1891-93.

Ora Maritima, segunda impressão augmentada em 1895.

N'estas constantes lides arruinou a saude e gastou avultadas quantias; finalmente evidenciou o seu amor pela sciencia na disposição da sua ultima vontade.

Bem haja a Sociedade Martins Sarmento em promover este publico testemunho de gratidão ao grande archeologo vimaranense.

Vianna, 1899.

L. de Figueiredo da Guerra.

Martins Sarmento

Este nome, que ainda ha pouco era a personificação da honradez e da probidade, da constancia no estudo e de encorajamento nas difficuldades, do investigador como poucos, do sabio como os que o são e do modesto como os que o sabem ser, depois que o seu altissimo espirito subiu ás regiões superiores e os seus restos mortaes se occultaram sob a lousa tumular deixou de ser o nome d'um homem para se tornar um ideal, deixou de constituir uma pessoa para se hastear em labaro desfraldado aos ventos da civilisação, labaro do trabalho e da honestidade, labaro do estudo e do aproveitamento, labaro do saber e das suas glorias.

O seu nome fez esplender em Guimarães uma aurora de prosperidades intellectuaes e moraes, deu aso a incitamentos e margem á instrucção.

Conhecido lá por fóra pelas suas vastas aptidões linguisticas, archeologicas, philosophicas, ethnologicas, fez irradiar na terra do seu berço uma aurora que jámais se apagará e o nosso concelho entrou n'uma phase de desenvolvimento prodigioso pelo auxilio prestado á instrucção, quer auxiliando o professorado primario, quer dispensando carinho e amparo aos seus dilectos alumnos.

— Com que prazer e felicidade, no anniversario natalicio d'este egregio bemfeitor, deixavam a casa da Sociedade Martins Sarmento os pequenos obreiros do porvir com os seus premios em livros de utilidade e os seus nomes em quadros mirabolantes?

Que horas de ventura alli se passavam n'esse dia inolvidavel e sympathico para a alma vimaranense?

Os professores revendo-se nos seus alumnos mais distinctos, aproveitando a occasião de os salientar; os paes revendo-se nos filhos dilectos da sua alma, que pelo seu aproveitamento mereceram ser premiados; e os alumnos mirando e remirando esses premios que tinham adquirido pelo seu estudo e que satisfaziam por completo ás suas pequenas aspirações — aspirações de creança...

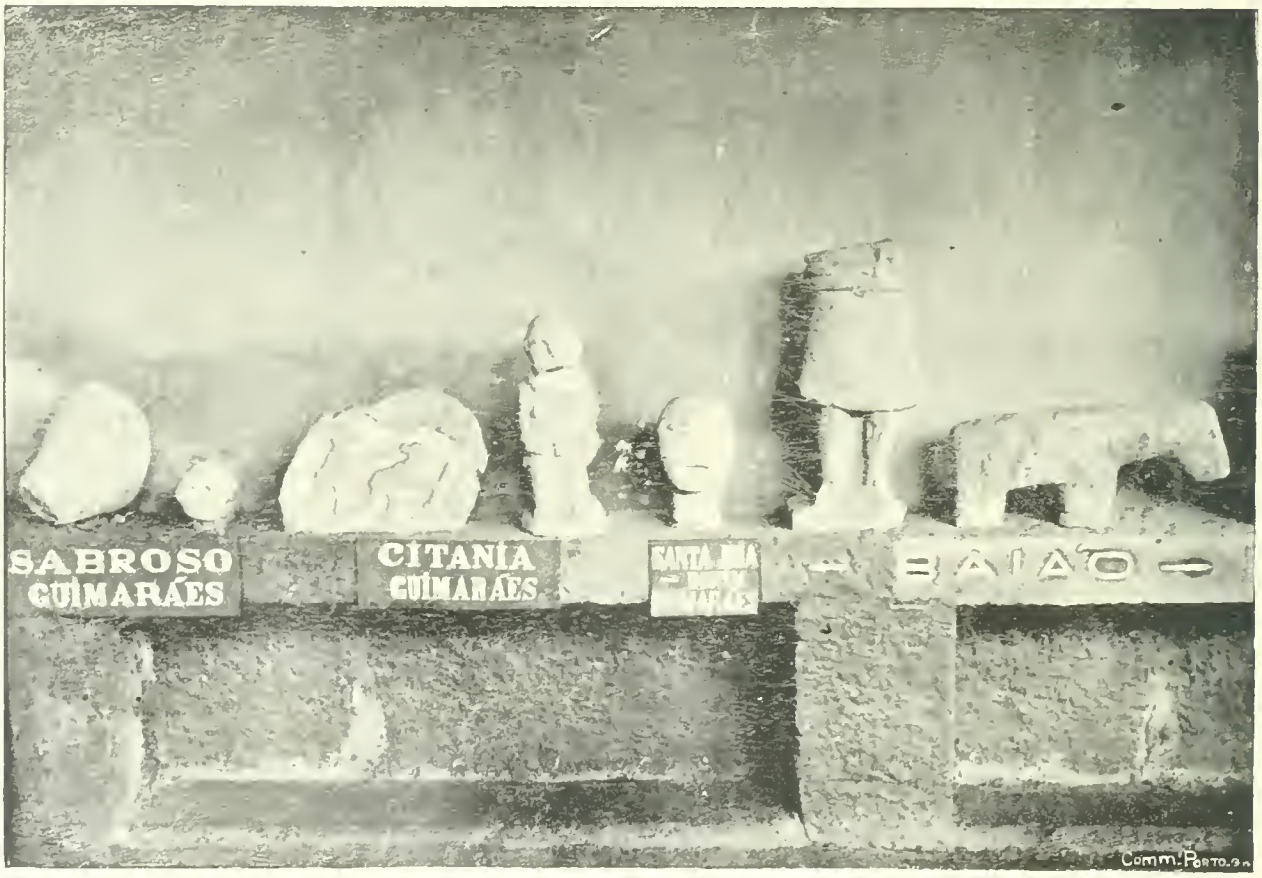
E depois que selectas reuniões alli se formavam... o que havia de mais distincto na magistratura, nas armas, nas sciencias, na industria, no commercio... Até se encontravam alli as damas mais consideradas do nosso meio para abrilhantarem aquella festa. Festa de creanças, mas de creanças que têm ante si um futuro cheio de santos enthusiasmos, de crenças sinceras e de illusões fagueiras, pairando por sobre aquella atmosphera doirada o grande espirito de Martins Sarmento, o seu coração bondoso e acariciador, que tanto se rejubilava n'esse dia festivo para o concelho instruido.

— E a bibliotheca da Sociedade que tantos cuidados lhe mereceu e a quem tanto enriquecera com livros que já lhe tinha offerecido e com os que lhe mandou entregar na sua ultima vontade, tornando-se uma das melhores da provincia, pela enorme quantidade de livros que abrange e pelas obras importantissimas que contém!

De maneira que a luz que irradia da bibliotheca de que foi um dos principaes fundadores e o affecto que promana da protecção que o seu nome glorioso dispensou ás escólas, são dois fócos tão intensivos, que hão de passar os tempos, as gerações hão de succeder ás gerações, e permanecerão indeleveis nos annaes da historia vimaranense, como exemplo a futuros incitamentos, como padrão de gloria d'uma época notavel de desenvolvimento ás letras e de protecção á innocencia estudiosa.

Guimarães, 10 de janeiro de 1900.

Padre Abilio de Passos.



DO MUSEU ARCHEOLOGICO DA SOCIEDADE MARTINS SARMENTO

FRANCISCO Martins Sarmento deixou, é certo, na sua obra escripta, o mais perduravel monumento á sua memoria; na SOCIEDADE MARTINS SARMENTO, que elle tanto amou, a mais viva, a mais bella, a mais fulgurante expressão da sua intelligencia modernissima. Guimarães deve, por seu turno, ao modesto e grande sabio, que tanto honrou a sua patria, um singelo monumento que eternamente atteste a grata admiração dos seus conterraneos. E em qualquer largo d'essa nossa querida terra, onde cada pedra, cada arvore até, é uma recordação historica, nada ficará melhor (rediviva pelo escopro d'um grande artista) que a melancolica figura d'aquelle que, entre os mais illustres, será sempre o mais illustre dos filhos da nossa terra.

Lisboa — Janeiro, 1900.

Conde d'Arnoso.

MARTINS SARMENTO

(O PRESTIGIO DO SEU VULTO)

Não pretendo entrar na apreciação do valor scientifico de Martins Sarmento; outros, de incomparavel superioridade de competencia, o farão devidamente.

Venho por isso como leigo, como mero espectador d'uma scena incomprehendida, que vi desenrolar-se á luz da minha vista, dizer o que pude observar, tirando d'esses simples aspectos as considerações de que a minha critica é capaz.

Não conheci Martins Sarmento senão na ultima phase da sua vida, na sua ultima feição moral; e é n'esse cyclo que elle tem precisamente mais valor, que elle é digno de estudo e de commemoração.

Mas felicito-me ainda assim por isso e se este genero de escripta não fosse como é, o de simples critica, fria e serena, eu deixaria aqui gravadas em palavras orvalhadas de saudade as recordações tão sentidas que por vezes me acodem ao espirito e me opprimem o coração.

Mas retiremos a vista de cima da louza do seu tumulo e contemplemol-o apenas historicamente, como vulto que pertence á galeria dos varões illustres de uma nação.

Notemos pois, para se lhe fazer rigorosa justiça, esta circumstancia notabilissima: Martins Sarmento não pertencia a partidos, em qualquer ramo em que póde manifestar-se a actividade moral humana.

Vivia só, e indifferente a tudo, reprovando de dentro do seu isolamento as machinações, os movimentos politicos, os festejos, as solemnidades.

Via que pelo mundo social, agitado e tumultuario, lavravam dois terriveis cancros: inconsciencia e má fé.

Por isso se encarcerava na sua bibliotheca, como um monje na sua cella: ahi não havia o ruído das ruas, não chegava a intriga das salas, não entrava o movimento apaixonado da politica; só elle lia, pensava, escrevia, vendo passar indifferente os dias e os acontecimentos.

Não procurava adeptos para as suas ideias, ao contrario do que acontece com grande numero de homens, ainda os mais notaveis, como por exemplo Voltaire que, apesar de todo o seu genio, tinha assalariada nos theatros uma *claque* que lhe applaudia os seus dramas, Shakespeare que fez outro tanto até á sua entrada para a côrte da rainha Izabel, Victor Hugo que tinha um verdadeiro partido, uma escóla, recebendo os applausos dos seus discipulos, etc.

A sua legenda, como homem e como estudioso, seria a que usa um diplomata — *fac sollus*, porque o seu espirito não se subordinava a principios de qualquer escóla, não pautava a sua acção de homem de sciencia por normas de qualquer fórma estabelecidas.

Insaciado de saber e de estudar, conhecendo os muitos exemplos da fallivel probidade scientifica, com uma paciencia e uma tenacidade espantosas, elle descia vagarosamente até ao intimo recondito das coisas, sendo possivel até á sua origem, perscrutando e investigando.

Poderia levar-lhe um anno a tirar uma duvida, mas não seguiria além sem transpôr a difficuldade que se lhe oppozera.

Espirito liberal, dotado de uma immensa superioridade de caracter, que se traduzia pela despretenção com que trabalhava, sem aquella recompensa tão apreciada da propaganda e do renome, elle explorava em silencio um ramo de sciencia dos menos attrahentes: era um antiquario, escrevendo livros e artigos, que não podiam ter réclame, porque seria inutil, por infructifero.

Entretanto este homem assim, que não influia em eleições de quarenta maiores, nem figurava na guarda de honra das procissões, que não tinha o seu nome enfileirado na pesada legião dos burocratas, que para muitos era desconhecido, que para quasi todos era inaproveitavel, a não ser pelos serviços do seu talento e do seu caracter, tinha dentro de si uma força mysteriosa, um poder absorvente e irresistivel.

Martins Sarmento dominava onde e quando apparecesse.

Como explicar-se esta quasi utopia ao findar d'um seculo, que consagrou definitivamente a theoria britannica de Bentham e deu todo o applauso ás ideias cannibalescas do economista Malthus?

O prestigio comprehende-se que ainda hoje exista em individualidades que, pela subtileza dos seus attractivos, emocionem vivamente as multidões, como são os tribunos, os poetas, os artistas, os generaes, os principes, as mulheres...

Esses, sim, que trazem comsigo o condão magico de tocar a sensibilidade das massas populares.

As multidões, que representam na hierarchia da civilisação a infancia da humanidade, abdicam sempre da razão para julgar pelo sentimento apenas; e tão imperiosa é essa força, que por vezes se transmitte e subjuga as mesmas classes onde domina uma serena convicção e um frio raciocinio.

É bem sabido que quando a Grecia se desprendeu dos ferros da Turquia, reconquistando heroicamente a sua liberdade, essa autonomia lhe foi sanccionada devido em grande parte a uma vertiginosa cruzada romantica, que se levantou em toda a Europa, tendo á sua frente a lyra soluçante do poeta Lord Byron.

Por vezes até uma simples phrase, como uma scentelha de fogo, motiva n'um rapido instante, um prodigio ou um triumpho: se acaso Nelson, ao cahir varado na batalha de Trafalgar,

não tivesse proferido aquellas palavras memoraveis — *cumpra cada um o seu dever* — a victoria da marinha ingleza teria sido muito incerta.

Identicamente a phrase, como esta celebre, d'um monarcha francez, derrotado com todo o seu exercito — *perdeu-se tudo menos a honra* — traz o seu nome atravez da historia, na memoria das gerações, cercado d'uma auréola luminosa, apesar de se saber que elle entregára a espada nas mãos do vencedor.

É preciso pois, mais que tudo, satisfazer a opportunos requisitos estheticos; e era por isso que Pascal julgava indispensavel que os magistrados usassem toga, sem o que, dizia, perderiam tres quartas partes da sua auctoridade.

... Feito isto tem-se dominado espontanea ou inadvertidamente a consciencia ou melhor a inconsciencia popular e o prestigio é então um quasi fluido electrico, que faz vibrar n'um movimento de fascinação, ou até de idolatria, a alma de quem quer que rodeie quem assim se impõe.

D'aqui a conclusão: não consegue conquistar a admiração do publico o homem que não tem um partido, natural ou artificialmente recrutado.

Cavour, famoso pelo cynismo e pela agudeza penetrante do seu espirito, na lucta desesperada de conquistar como estadista o applauso do povo italiano, aproveitou-se da corrente da opinião publica, anti-clerical, d'esta fórma em que elle se define: — «quando quero que me acceitem uma proposta, devoro um frade».

Mas teria acaso Martins Sarmento alguma d'estas qualidades moraes, algum d'estes predicados artisticos? Não tinha.

Apesar d'isso, porém, o seu nome era venerado e a sua presença impunha o silencio do respeito.

Não tinha, é certo, o prestigio ruidoso e ostensivo, que é o pedestal em que se levantam os grandes agitadores das massas populares; mas o culto, o verdadeiro culto, silencioso e mudo, mixto de fervor e de receio, de crença e de mysterio.

Que motivos poderiam, pois, conduzir a tão sincera homenagem?

A minha incompetencia não me permitte documental-o; mas um intimo presentimento faz-me crêr que n'elle existia o saber profundissimo e que por isso n'elle se admirava o homem cujo nome havia de gravar-se nas paginas da historia nacional e eternisar-se na memoria das gerações futuras.

Guimarães, 1900.

Gaspar de Abreu.

Francisco Martins Sarmento não foi sómente uma gloria vimaranense, mas tambem uma gloria nacional.

Esta cidade, terra em que nasceu aquelle illustre sabio, orgulha-se de possuir os seus restos mortaes, crente de que o seu limpido espirito continua a illuminar com todo o seu extraordinario fulgor a Sociedade Martins Sarmento e conseguintemente o povo de Guimarães.

Elle via immerso em trevas este bom e generoso povo e conheceu que, para dirigir os seus instinctos, era necessario banhal-o em luz.

N'esse intuito creou-se a Sociedade que tomou o seu prestigioso nome e que, principalmente por seu influxo maravilhoso, é porventura no seu genero a primeira sociedade portugueza.

Oxalá que ella prosiga na carreira encetada, tendo por estimulo a saudade d'aquelle venerando sabio e por ideal o bem do povo, que é o bem da humanidade.

Guimarães, 31 de janeiro de 1900.

A. Vieira d'Andrade.

UM MODELO

Não é só sobrepondo blocos que se levantam os monumentos, que a humanidade agradecida consagra aos homens, que, pela sua grandeza moral ou pela desmesurada elevação do seu espirito, projectam pelos seculos a dentro uma sombra de nitidos e inconfundiveis contornos.

Essa, que é a tarefa dos gigantes, não dispensa o consenso do operario humilde.

Apreciar a obra scientifica de F. Martins Sarmento — o grande vimaranense, — fazer a critica serena e austera da sua acção para o progredimento da historia, devassando segredos com o seu olhar d'aguia nas torvas nebulosidades d'essa antiguidade, que nas suas leis, nas suas religiões, nas suas sciencias, em toda essa mechanica da sua mentalidade, ha de ser sempre uma esphinge para os espiritos ousados, que, a despeito do seu sobrecenho adamastorino, vão affrontal-a na sua caverna de sombras; façam-o os que pela educação especial do seu espirito têm para isso valor e competencia.

Para esta apotheose, que deve ser, não uma consagração esteril, mas um fecundissimo estimulo, trago eu — ai de mim, pequeno e pobre — esta modestissima oblata da minha admiração.

Ha dias apenas, um homem, que é uma das mais illustres reliquias d'essa luzidissima arcadia, que tinha por centro F. Martins Sarmento, commemorava, em phrases em que havia tanto enthusiasmo como saudade, a vida espiritual d'essa brilhantissima mocidade.

— D'onde virá aos velhos esta teimosia em evocar o passado? Será porque o presente, terrivel iconoclasta, não offereça idolos aos seus cultos, nem altares para as offerendas do seu espirito?

Estudava-se, conferenciava-se e discutia-se nos salões e no jornal. Discutia-se sim, mas nunca o arrebatamento da apostrophe, ou o sorrir da ironia, delicada e cortez, desaprumavam o perfil correcto dos luctadores. Não se tinha ainda inventado o perdão d'acto em educação para

as luctas da imprensa. Adversarios, nunca esqueciam a correcção fidalga que se deviam; amigos, tinham na altivez do seu espirito fiador bastante da sinceridade dos seus sentimentos.

Como tudo isto é archaico e inverosimil!

Comprehendo, meus velhos, as vossas saudades dos tempos idos.

Ha ahi tantos espiritos, que podiam nobilitar-se nas luctas do pensamento; porque não deixam elles narcisar-se das seducções d'um grande ideal? ha tantas energias adormecidas pela mancenilha estonteadora do egoismo; porque não quererão ellas, sacudindo torpôres, correr á conquista da corôa dos que pelejam o grande combate? ha tantas almas illudidas por uma optica espuria e captivas d'uma miragem intangivel; porque não se norteiam ellas, dealbando-se d'epicurismos, pelas scintillações estheticas do bem?

Oh! possas tu, gentilissimo espirito, que foste um grande luctador, trabalhador que só descançaste quando sobre ti descia a noite do tumulo, caracter immaculado a florir na diaphaneidade do teu nome *sans reproche,* operar a miraculosa reversão dos espiritos moços aos caminhos rectos que tu trilhaste.

Possam elles, mentorisados pelo teu exemplo e perfumados *unguentis optimis,* caminhar para o futuro, sem receio de que as gerações d'ámanhã, ao inventariar os seus valores, inscrevam uma interrogação no seu moimento d'anonymos. Que esse milagre se faça, senão... no interesse da educação d'essa mocidade que vem lá atraz, eu pediria aos moços d'hoje, que, quando velhos, não lhes contassem o que foi a sua mocidade.

Villa Nova de Sande, janeiro de 1900.

J. Candido.

PEDEM-NOS alguma coisa da nossa humilde lavra para o numero unico da REVISTA DE GUIMARÃES que vai publicar-se em homenagem á memoria querida do illustre extincto o dr. Francisco Martins de Moraes Sarmento.

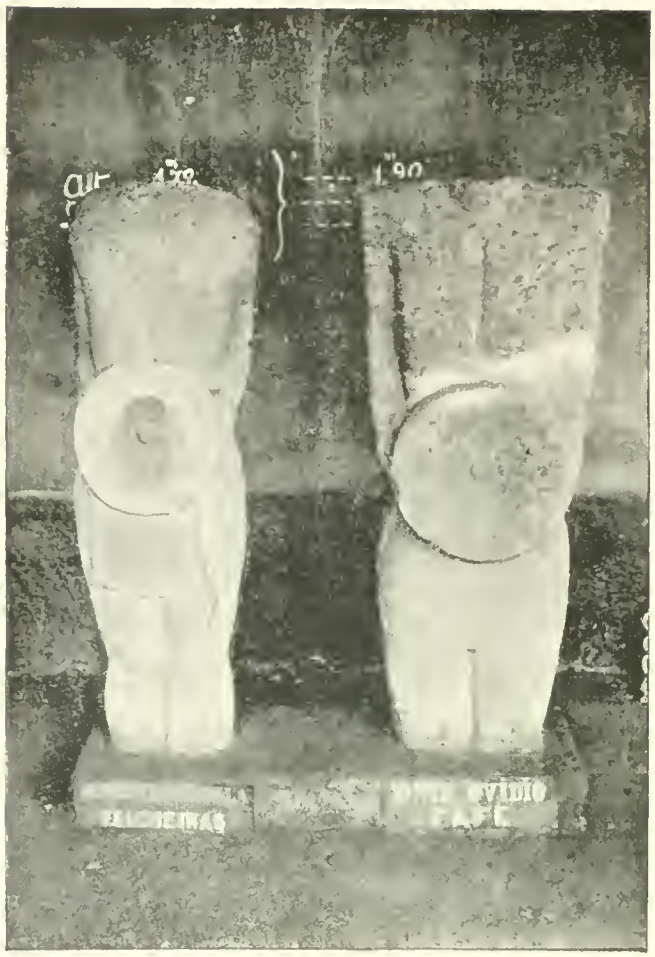
Que podemos nós produzir, que seja digno de merecer as honras da publicidade, a par dos muitos e valiosos artigos dos homens de sciencia e de letras, que vão collaborar no louvavel intuito de perpetuar, d'uma fórma assaz condigna, a grande valia do finado archeologo? Nada, de certo, porque sabemos bem que coisa alguma podemos fazer de valor, mesmo em absoluto.

Dedicavamos á pessoa do dr. Martins Sarmento, que, não obstante a nossa insufficiencia, nos distinguia com a sua amizade, — muitissima consideração e respeito, e se sabemos ainda hoje quilatar, a nosso modo, todo o seu merecimento e apreciar bem a nobreza do seu grande caracter, nem por isso nos é facil exprimil-o n'uma phrase correcta, n'uma dicção estudada, de modo a emparelhar condignamente com o trabalho analytico, justo e ponderado dos criticos e censores, que vão exalçar o enorme valor de tão distincto vulto, como foi e será na posteridade o do sabio e amigo, cuja perda deploramos.

Levados por uma lisongeira mas erronea apreciação, a cooperar n'este outro monumento milliario da sua passagem na vida, entretecemos, de giestas e boninas, a corôa funeraria, que alli vamos depôr, symbolisando as flôres alpestres — a rudeza do nosso intellecto, e as mimosas margaridas do prado — a consagração intima da nossa muita veneração por essa rara individualidade, que tão prematuramente se extinguiu.

Guimarães — Dezembro, 1899.

C. Sequeira.



DO MUSEU ARCHEOLOGICO DA SOCIEDADE MARTINS SARMENTO

DR. FRANCISCO MARTINS SARMENTO

No meio d'uma das crises mais dolorosas da minha vida, accedo ao honroso convite do muito digno presidente da Sociedade Martins Sarmento, arrastado, não só pela consideração devida a um cavalheiro que reune predicados para exercer tão proeminente cargo, como tambem pela minha grande veneração pelo espirito superior e caracter levantado d'aquelle, de que a mesma Sociedade é a encarnação.

Não me occuparei da sublime obra scientifica do auctor dos *Argonautas*, do *Ora Maritima* e de tantos outros trabalhos scientificos, com que o seu glorioso nome ennobreceu a Revista de Guimarães, a *Revista Lusitana*, o *Archeologo*, etc., nem das suas assombrosas explorações a expensas suas, de que resultaram descobrimentos que causaram admiração aos sabios nacionaes e estrangeiros, porque para tamanho commettimento me fallece a auctoridade; apenas fallarei do *homem* e debaixo de um ponto unico — os seus processos na acquisição de informadores e discipulos seus na *archeologia da arte*, a sua sciencia predilecta com a prehistoria.

Não conhecia senão de nome o inclito sabio que a Guimarães concedeu a Providencia, para figurar d'um modo brilhante ao lado do illustradissimo pontifice, que tem na historia o nome de S. Damaso, e tinha por elle a estima e respeito que as massas anonymas tributam aos altos engenhos e aos caracteres levantados e immaculados, fazendo-lhes a justiça que tantas vezes lhes negam os governos.

Nos principios de 1893 apparece-me uma carta de Martins Sarmento, em que ás razões invocadas por um espirito superior, se alliavam sentimentos de summa bondade, de rara modestia, de uma infinita delicadeza e de um enthusiasmo pelos monumentos do passado, em tal grau, que me julguei muito feliz por poder satisfazer ao pedido de s. exc.ª para o museu archeologico da Sociedade — duas lapides com inscripções romanas.

Estas lapides foram o inicio d'uma correspondencia aturada sobre assumptos archeologicos, em que ao lado dos seus vastos conhecimentos scientificos se revelavam os raros dotes do seu coração, traduzidos n'aquelle estylo vernaculo, apurado, despretencioso e por vezes humoristico de que vamos apresentar um exemplo, com o duplo fim de dar a estas pobres linhas algum in-

teresse, e despertar desejos de o conhecer quem não teve a dita de possuir composições epistolares d'este principe na sciencia.

«Ancora, 18-8-1894.

Snr. — Chegaram finalmente a Guimarães, nas vesperas da minha partida para esta praia, as duas lapides, que v. fez o favor de ceder para o nosso museu e que muito agradeço de novo. São ambas consagradas a Jupiter e o grande deus parece não ter gostado muito da jornada, porque quebrou os eixos da carroça, em que vinham as suas aras. O carroceiro jurou que nunca mais se incumbiria de taes cargas. Mas apparecessem ellas, que por falta de carroça não é que ellas ficariam no deserto.

«As inscripções parece dizerem:

. . . . . .

. . . . . .

«São apreciaveis, principalmente porque ainda não tinhamos nenhuma d'este genero no nosso museu. — *F. Martins Sarmento.*»

Como esta carta conservo outras, e foi devido a ellas, que n'uma idade bastante adiantada me abalancei a estudar, como curioso, os monumentos dolmenicos do districto de Villa Real, lamentando não ter dirigido em melhores tempos a minha actividade para explorações d'esta natureza.

O que Martins Sarmento fez a meu respeito, sei tel-o feito em relação a muitos cavalheiros d'este districto e do de Bragança; só desejava, dizia-me elle, encontrar pessoas com paciencia para lhe aturar as impertinencias (archeologicas).

Não prégou no deserto. No districto de Villa Real conseguiu embutir o amor pelos seus estudos predilectos, e trabalha-se na investigação das reliquias celticas, gregas e romanas com enthusiasmo e vantagem para a sciencia, partindo o impulso do primeiro e mais prestimoso consocio da Sociedade Martins Sarmento, que na sua santa cruzada se servia simultaneamente da razão e dos sentimentos.

Aproveite a Sociedade Martins Sarmento — incontestavelmente o monumento mais grandioso que se podia erigir em vida ao maior filho de Guimarães, a um grande sabio na decifração dos enigmas da historia da humanidade nos seus seculos mais remotos — a boa vontade dos seus conterraneos, que todos á porfia se esmeram em concorrer, para que produza todos os seus fructos a unica aggremiação do seu genero no paiz; utilise-se dos bons serviços dos seus socios correspondentes disseminados por todo o Portugal, e quem fôr portuguez poderá dizer de Guimarães: «Ditosa patria que tal filho teve!» e de Martins Sarmento: «Ditoso filho que tal patria teve!»

Villa Real, 30 de dezembro de 1899.

Henrique Ferreira Botelho.

Audiverint di mea vota!

Uma das maiores desgraças, senão, em meu juizo, a principal, que póde succeder a um escriptor, que se consagra a uma obra util, é ter, para instrumento das suas revelações, uma lingua que poucos entendem. Todo o seu esforço resulta, infelizmente, senão inteiramente perdido, ao menos tão profundamente attenuado, que qualquer manifestação de justiça, que lhe possa ser consequencia, tem de ser longa, muito longa e tardia mesmo, indo quasi sempre muito além da vida do homem que lhe serviu de objecto.

É este, em meu entender, um dos mais solidos contratempos que, para uma segura critica dos trabalhos de Francisco Martins Sarmento, offerecem os seus principaes livros: — *Os Argonautas* e a *Ora Maritima*.

Não ha duvida, que estes seus dois livros, principalmente o primeiro, representam uma somma incalculavel de investigações originaes, muitas d'ellas dignas e crédoras de um profundo exame critico. A completa deshellenisação da Argonautica, com a feição cananeana que se lhe offerece, constitue, só de per si, thema valiosissimo, bastante, por todos os motivos, a chamar, sobre o seu estudo, toda a attenção dos mais illustres mytographos. As soluções propostas por Francisco Martins Sarmento, não podendo considerar-se na sua completa totalidade definitivas, accusam, todavia, maneiras superiormente engenhosas de encarar o problema. A negação das faculdades aventureiro-maritimas do povo grego, ao tempo da colonisação de Gades por parte das tribus phenicias de Tyro, opinião já desde muito apresentada por Ch. Ottfried Müller, na sua obra sobre a expansão dos minyenos pelas regiões da Beocia (*Orchomenos und die Minyer;* Breslau, 1820), e que Francisco Martins Sarmento segue e adopta na sua these, seria, para o caso, um excellente ponto de partida, tanto mais quanto o illustre hellenista allemão, pela temeridade das suas affirmativas sobre a origem asiatica dos primitivos habitantes das margens do Egéo e do Adriatico, bem como da sua autochtonia religiosa (Emil. Burnouf., *Hist. de la Litter. Grecq.*, I, préfac. 5.) não é bussola demasiado segura, para que a tomemos, sem prudentes reservas, para qualquer genero de exploração scientifica.

No emtanto quem ainda, até hoje, lá fóra, se deu ao trabalho de com vagar, com consciencia, e, sobretudo, com auctoridade, apreciar as conjecturas, algumas d'ellas filhas de um altissimo bom senso, do nosso illustre compatriota? Que eu saiba, ninguem.

Claro que, quando assim fallo, intencionalmente excluo qualquer referencia fugaz e ephemera, inserta nas secções bibliographicas das revistas especiaes, e que, em regra, nenhuma idéa segura nos fornecem do estudo, livro ou *memoria*, que, ostensivamente, apreciam.

E, no emtanto, porque é que ainda não appareceu essa critica, longa, conscienciosa e sobretudo, e acima de tudo, auctorisada? Porque a obra de Francisco Martins Sarmento não seja digna d'esse exame? Por modo algum: — simplesmente porque a lingua em que elle escreveu é, infelizmente, para o mundo da sciencia e da litteratura, uma lingua mais morta, que o idioma primordial dos Aryas do Oxos.

Assim, toda a obra de glorificação util d'esse extraordinario trabalhador se deve hoje, em meu juizo, circumscrever, não a exageros sentimentaes, que pouco ou nada provam, mas a uma trasladação, superiormente annotada, para qualquer das tres linguas principaes da Europa, d'essas duas valiosissimas *memorias* sobre a geographia dos tempos heroicos. E isto, entenda-se bem, não no intuito de assoalhar vaidades, senão que no nobre proposito de chamar sobre tal genero de estudos á attenção dos que, com auctoridade, os possam apreciar, quer seja para os corroborar no que elles possam conter de hypothetico ou conjectural, quer para os definir, ou mesmo combater. Porque com os recursos da sciencia nacional não ha, infelizmente, com que contar.

E haverá quem se abalance a semelhante empreza?

Não sei.

O que sei é que, sahindo a lume, no Porto, pelos primeiros mezes de 1887, *Os Arganautas* de Francisco Martins Sarmento, e sendo, precisamente, esse o anno em que, pelos meiados do estio, se deram á estampa os valiosissimos commentarios e preciosas annotações de M. Jules Vars sobre a *Arte de marear dos antigos*, devida ao professor A. Breusing (*Die Nautik der Alten*), nenhuma referencia, no que toca á lenda de Iason, se faz ahi, como seria natural, sobre a solução proposta, mezes antes, pelo nosso illustre investigador. E, succederia isto, se, pelo menos, *Os Argonautas* fossem escriptos em francez?

O mesmo, exactamente se dá com o celebre historiador Duruy. É por 1887, que o sabio auctor da *Histoire des Grecs*, revê, corrige e publica a edição definitiva da sua obra monumental, em tres volumes (ed. Hachette et Cie). Pois bem: no cap. III. §. III, pag. 96 (*Guerre de Thèbes; les Argonautes*), lá vem a expedição á Colchida, vasada nos mesmos moldes classicos, apenas com a alteração (pag. 104) de ser imputada á actividade maritima dos phenicios a lenda poetica do Hercules de Tyro: — a personificação heroica da expansão cananeana para as regiões do occidente. Se Duruy conhecesse as soluções de Francisco Martins Sarmento, elle que, no assumpto, faz mais que Vars, que Breusing, que E. Vinet e que E. Saglio, não as apreciaria?

Por certo.

Assim, permittam-me que insista: — por meio de uma divulgação intelligente e acurada, importa que as opiniões de Francisco Martins Sarmento, sobre a façanha grega ou phenicia dos Argonautas, entrem no numero das que Heyne, Burmann, Gerhard, Grot, Ottfried Müller, Th. Müncker, sem excluirmos mesmo a interessantissima informação de Pindaro (Πυθιον. IV., Επῳδ. I., 17, 170, 190, et seg. metr. *Dissen.*) offerecem, desde seculos, a esta materia.

Seria a mais nobre e, ao mesmo tempo, a mais duradoura de todas as homenagens, e o ouro, emfim, do melhor toque com que a cidade de Guimarães — pois que, com o paiz, inutil senão ridiculo seria contar — pagaria o feudo da sua grande saudade, da sua immensa e justa veneração por um dos seus mais illustres filhos.

Tudo mais será fumo, que o sôpro do tempo desfará depressa.

Azurara, 14 de novembro de 1899.

José Caldas.

Convidado para contribuir para esta homenagem á memoria de Martins Sarmento, accedo gostosamente á amabilidade do convite com que tanto me honro, não para fazer o elogio d'esse sympathico vulto que a morte nos arrebatou, nem para me referir ás suas virtudes civicas ou ás suas brilhantes qualidades e talento como homem de sciencia, porque já outros com mais superiores conhecimentos e apurada critica o farão e com muito mais aprimorada linguagem o relatarão, mas sómente para me associar, como o coração me pede, a este preito de amizade, depondo sobre a fria louza sepulchral a minha corôa de saudades e perpetuas.

13 de janeiro de 1900.

Henrique Cardoso M. de Menezes.

Muito raras vezes Guimarães virá a produzir uma organisação intellectual e moral da proporção de F. Martins Sarmento.

Especialisando-se nas sciencias prehistoricas, ahi se fez um sabio distincto, consagrado sobretudo, por os de fóra do paiz, onde estes estudos têm mais vulgarisação e maior apreço. Como homem de sciencia bastam-lhe, na verdade, dois livros; quem não admira aquella concepção da derrota dos *Argonautas*, e não se surprehende com as interpretações tão originaes do seu *Ora Maritima?*

A exploração da Citania de Briteiros arrastou-o á archeologia, e n'este assumpto expandiu todo o seu talento; mas sciencia fóra do commum e das escólas fugia á apreciação da maioria da massa illustrada; por isso, áparte os iniciados, não se avaliava com precisão a grandeza dos seus trabalhos.

Se a sua intellectualidade se exerceu em materia que o não tornava popular, o modo de ser da sua entidade moral compensou-o largamente; porque a todos seduzia pela justiça e rigor dos seus juizos, todos o respeitavam pela inabalavel correcção dos seus actos; e n'esta parte despertou nos que o conheceram de perto, e nos vimaranenses uma vivissima estima, uma quasi veneração.

Quem o lêr não faz idéa perfeita da vasta armazenagem de conhecimentos, da immensa erudição que possuia F. Martins Sarmento; era necessario a convivencia para saber que longuissima preparação, que energia aturada, que poderosa cerebração não teve aquelle espirito para ser tão culto!

Conheci-o antes de o lêr, e até esse instante, suppunha-o circumscripto ás suas antiguidades, a decifrar inscripções lapidares, a classificar datas epigraphadas n'um ou n'outro idolo, quando a minha entrada na direcção da Sociedade que tem o seu nome, aproximando-me d'elle, me deu a perceber a superior individualidade com quem tratava.

Os seus amigos crearam-lhe em vida um verdadeiro monumento, como é a actual Sociedade Martins Sarmento, onde estão magnificamente representados muitos trabalhos archeologicos do illustre morto; mas a sua estatua immorredoura, a sua glorificação cabe á historia.

Anthero Campos.

É dolorosa tarefa commemorar aquelles cujos nomes foram pela mão da morte riscados do quadro dos nossos consocios, e escriptos nas listas pavorosas da tremendissima eternidade!

Ainda não ha um anno, era o dr. Francisco Martins Sarmento, o mestre, o amigo, o chefe, nas revoluções archeologicas do seculo, e hoje é apenas o seu venerando nome que vem despertar-nos na profunda melancholia, que envolve o nosso despretencioso gabinete de estudos archeologicos, mergulhado n'um immenso cahos, sem as aproveitaveis lições de tão sabio mestre!

Sirva de exemplo a inscripção que encima este nosso modesto escripto, inscripção que o dr. Martins Sarmento levou atrancada no coração por não poder decifrar!

Como lagrimas saudosas nos correm pela face ao perpassar pela vista as ultimas linhas autographas do nosso querido mestre, ácerca d'essa obscura inscripção!!!

Dizia-nos o sabio Archeologo de Guimarães, em junho de 1899:

«Ainda não estou restabelecido da minha molestia, que tanto me tem torturado; mas nos poucos intervallos de descanço não tenho feito mais do que mirar e remirar a curiosissima velharia que me mandou, sem mesmo ir folhear os *Monumenta Linguæ Ibericæ*, a vêr se d'ahi me vem alguma luz! Vou mandar uma cópia da inscripção ao auctor d'aquella obra, o Hübner, com pouca esperança, diga-se a verdade, de que venha da sabia Allemanha alguma coisa de decisivo.

«Não ha remedio senão confessarmos todos, que não sabemos nada e ir trabalhando para os outros.»

. . . . . .

Verdadeiras palavras d'um sabio, sem presumpção alguma!

É que Martins Sarmento até nas suas cartas particulares ensinava archeologia com uma doçura propria só de anjos, e com uma lucidez digna d'um grande sabio, que era.

Em julho do mesmo anno, e poucos dias antes de morrer, recebo nova e ultima carta do nosso querido mestre, que dizia assim:

«Estou martyrisado com dôres e não sei se lhe poderei dizer mais alguma coisa a respeito da nossa interessantissima e obscura inscripção, que tanto desejava vêr decifrada — remetto a resposta do Hübner: — É interessantissima e curiosa a inscripção que se dignou mandar-me; mas indecifravel como todas as suas irmãs ibericas. Os nossos avós estiveram de proposito para nos deixar enigmas a resolver, viveremos nós até os poder decifrar?! Creio que não. . . . . .»

De facto, o sabio archeologo portuguez Martins Sarmento não logrou essa dita!

Foi justamente n'essa occasião que a negra morte conduziu por entre os escolhos insondaveis da eternidade o nosso querido mestre!

Cahiu fulminado como o roble, pelo raio do céo, e o seu cadaver como que mais aproximou aos olhos de todos as suas proporções gigantescas.

Com a sua morte, perdeu a sciencia da qual era elle um brilhante ornamento; perdeu a cidade de Guimarães, que justamente o contava como uma gloria; perdeu a archeologia, que elle illustrava com os seus estudos e escriptos; perdemos nós todos portuguezes, porque o seu nome nos dava lustre nas associações de todas as nações visinhas!

Pobre martyr!

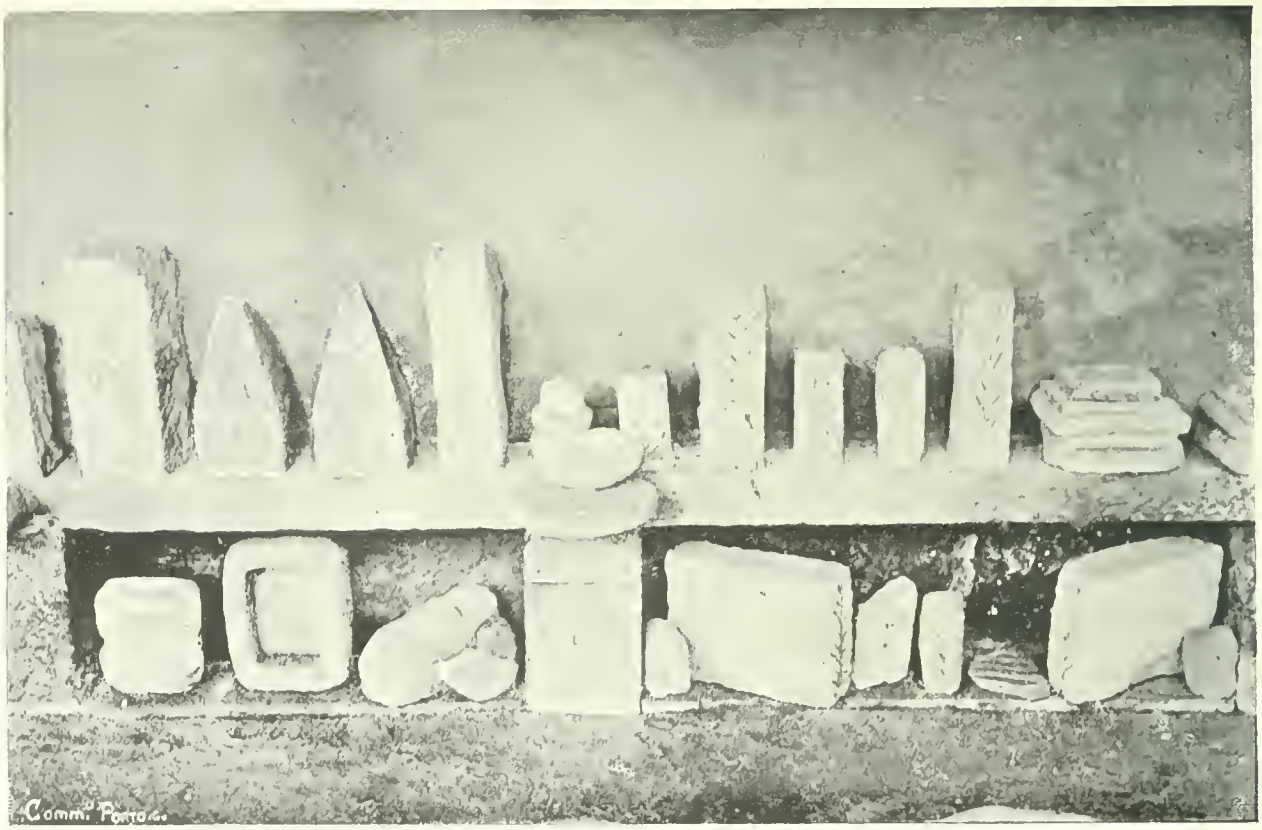
Seccou as fontes da vida, nas pyras da sciencia, n'uma nação em que a sciencia não tem curso!

Descançou da vida terrena para viver na historia, que lhe confirmará a corôa decretada pelos contemporaneos.

Eu, como o seu mais humilde discipulo, aqui deponho o meu pequeno tributo de saudade ao sabio archeologo vimaranense, acompanhado de uma prece ao Altissimo pelo seu eterno descanço.

Villa Pouca d'Aguiar — Dezembro de 1899.

Padre José Raphael Rodrigues.



DO MUSEU ARCHEOLOGICO DA SOCIEDADE MARTINS SARMENTO

MARTINS SARMENTO

O SABIO, e o archeologo sobretudo, sempre me appareceram sob este aspecto singular: homens que, á força de conviverem com a sciencia hirta e as sêccas pedras, tinham endurecido o coração; homens de methodo e experiencia, desavindos de tudo o que na vida e na natureza é simples e emotivo: arvores, amores, sol, o quinhão dos poetas emfim. Depois, porém, que conheci Martins Sarmento comecei a duvidar: estava diante d'um sabio a valer, e ao mesmo tempo — o que é mais ràro e mais apreciavel — d'um grande homem de coração e caracter.

Guimarães deve-lhe muito: escólas, instrucção, e essa admiravel bibliotheca Martins Sarmento, que tem, ao contrario de quantas outras eu conheço, a extraordinaria opinião de que os livros se fizeram para se lêr e assim os empresta a quem os queira, socio ou não.

E este foi o pensamento dominante de toda a sua vida — instruir. Por isso Martins Sarmento tem um valor mais alto, mais nobre: além d'um sabio e d'um grande coração, foi um homem que olhou para o futuro. Fundando escólas, dedicando a sua vida inteira á instrucção, trabalhou para os homens d'ámanhã.

E elles decerto não o esquecerão.

Raul Brandão.

FRANCISCO MARTINS DE GOUVEIA MORAES SARMENTO

(ESBOÇO ETYMOLOGICO)

Em seguida á morte de Pinho Leal (Janeiro de 1884), eu tive a honra de ser continuador do *Portugal antigo e moderno* — « diccionario geographico, estatistico, chorographico, heraldico, archeologico, historico, biographico e *etymologico*, etc. » Só o titulo faz tremer e recorda a phrase de Almeida Garrett: — *ha titulos que não têm livro e livros que não têm titulo.*

Ao *Port. ant. e mod.* cabe a primeira parte d'aquelle pensamento. Nem eu nem Pinho Leal tinhamos habilitações para satisfazer a qualquer topico do extenso titulo, nomeadamente á secção *etymologica*, uma das mais interessantes e com certeza *mais difficil*, pelo que Pinho Leal apenas se encostou aos *Vestigios da lingua arabica* de Fr. João de Sousa, que tratou quasi exclusivamente dos nossos ns. coms. provenientes do *arabe*. Eu pouco mais adiantei, mas algo disse da etymologia dos nossos ns. ggrs. procedentes d'outras fontes, nomeadamente da *germanica*.

V. *Vouzella* no *Port. ant. e mod.*, vol. XII, pag. 2:011 e segg. — topicos: *Etymologia e antiguidades de Vouzella* e — *Etymologia e antiguidades do territorio de Lafões.*

Fiquei sympathisando muito com os trabalhos etymologicos, pelo que me volvi para elles, seroando por habito até ás tres a quatro horas da manhã, desde que bem ou mal conclui o pobre diccionario em 1890.

Puz de parte a etym. dos nossos ns. coms., porque tratou muito bem este topico o snr. A. Coelho no seu bello *Diccionario manual etymologico*, e propuz-me escrever unicamente uma rude *Tentativa etymologica*, « investigando a proveniencia dos nossos nomes pessoaes e geographicos e dos nossos *appellidos* ».

Já tenho sobre tão nebuloso assumpto *milhares de verbetes*, mas ainda em montão e por alphabetar, pelo que, pedindo desculpa do meu arrojo e dos meus dislates, vou escrever *corrente calamo* este ligeiro *esboço etymologico*, para d'algum modo render preito ao nome do nosso tão bondoso e saudoso, como illustrado e dedicado amigo — *dr. Francisco Martins de Gouvêa Moraes Sarmento.*

Francisco — em allemão *Franziscus* e em latim *Franciscus*, vem do germanico *frank* = franco, sincero, liberal, generoso = que deu *Frank*, *Franco* e *Francos*, povo conquistador das Gallias, unde *França*.

De *Frank* provém *frankisk*, espada dos *Francos* — e *frankisk* é a fórma germ. de *Franziscus*, *Franciscus*, *Francisco* e *Francisca*.

Tambem *Frank* em lat. deu *Francicus*, o mesmo que *Franciscus* e *Francez*, cujo etymon é o mesmo do nome com. latino *francus*, em portuguez — *franco*, sincero, liberal, generoso.

Francisco, *Francez* e *Franco* são fórmas do mesmo nome. Na idade média prevaleceu a fórma *Franco*, para designar os francezes, unde *Franco*, appellido nosso, — *Franco*, aldeia e freguezia, — *Franco*, differentes aldeias, casaes e quintas, — *Villa Verde dos Francos*, — *A dos Francos*, freguezia do c. d'Obidos, — *A dos Francos* ou *Miragaya*, freguezia do c. da Lourinhã, — e *rua dos Francos*, antiga rua da cidade de Guimarães que, segundo alguem diz, tomou o n. dos *francos* ou francezes que o nosso conde D. Henrique trouxe comsigo de França ou de lá mandou vir posteriormente, como vieram outros muitos, dos quaes tomaram o n. as freguezias, aldeias, casaes e quintas supra.

Entre nós prevaleceu como n. pessoal a fórma *Francisco*, unde — *Franciscas*, ald., casal e quinta, — *Francisco*, duas ald. e differentes quintas, casaes, etc., — *Franciscos*, herdade, casal e sitio habitado, etc.

Tambem dos *francos* e *franceses* provieram os nossos ns. ggrs. seguintes: — *Franca*, *Francaria*, *Francas*, *France*, *Franceiras*, *Franceses*, *Franzia* (do hespanhol *Francia*, duas povoações da Galliza) — *Franqueira*, *Franqueiras* — e os nossos appellidos *França*, *Francez* e *Franco*.

O nome *Francisco* é um dos que mais abundou e abunda em Portugal, pelo prestigio que lhe deram *S. Francisco Xavier*, o apostolo das Indias, — *S. Francisco d'Assis*, *S. Francisco de Borja* e os muitos frades e conventos franciscanos que tivemos, pelo que em todo o nosso paiz desde o sec. XIII a cada passo e com o maximo respeito se ouvia entoar o nome de *Francisco*, *S. Francisco* e do *nosso padre S. Francisco!!*...

Martins — vem claramente de *Martinis*, patronimico de *Martinus*, Martinho, n. de varios santos, etc., tirado do latim *mars*, *martis* = guerra =, que deu *Mars*, *Martis* = deus da guerra = e *Martis*, do latim *martius* = corajoso, guerreiro, = cognome *d'Anco Marcio*, 4.º rei de Roma, — unde *Março*, mez, — *Martinianus* e *Martianus* = Marciano =, *Martialis* = Marçal =, n. d'um santo, etc., e *martialis* = marcial =, n. commum.

Martinus, Martinho, deu em Portugal tambem os ns. ggrs. seguintes: — *Martes*, *Martianas* (*Martim Annes?* — Martim filho de *João*), — *Martim*, uma freguezia e differentes aldeias, casaes, quintas, etc., — *Martim Gil* (Egidio), tres casaes e uma especie de maçans, — *Martinacha* (Martim Acha?), *Martinel*, *Martinez* (do hesp. *Martinez*), — *Martinha*, *Martinhães* (de *Marlinianis*, patronim. de *Martinianus*), — *Martinheira*, *Martinho* e *Martinhos*, differentes aldeias, casaes, quintas, etc.; — *Martinianos*, *Martinos*, *Martins*, uma aldeia e differentes casaes, quintas, etc.; — *Martinxel* ou *Martinchel* (de *Martinicellus*, *Martinnicelli?* [1]), — *Martinzes*, *Martunheira* e *Martunheiras* por *Martinheira* e *Martinheiras*, porque na idade média o *i* não raras vezes deu *u*, como tinha dado tambem no latim.

Gouvêa — appellido vulgar entre nós, foi como *gouveio*, especie d'uvas, tirado de *Gouveia*, villa da Beira Baixa, na pendente norte da serra da Estrella; mas qual o etymon da villa de *Gouveia?*

---

[1] Cf. *Montinchel*, ald. nossa, — de *monticellus*, que deu tambem *Montexella*, *Montexello* e *Montexellos* = monticulos.

Difficilem rem postulasti.

Pinho Leal disse que a villa de *Gouveia* foi fundada pelos *turdulos* 580 annos A. C., com o nome de *Gauvê.*

É possivel, mas eu não creio, já por ser gratuita uma tal affirmação, já porque os *turdulos* ou *turdetanos* foram um dos povos mais antigos da velha Lusitania, mas d'elles apenas temos noticias vagas — e não se sabe d'onde vieram nem para onde foram — nem qual o seu idioma.

Diz-se que eram muito illustrados e muito civilisados; — que tinham leis escriptas em verso e vasos de prata, etc., mas que viveram na *Betica* ou *Andaluzia* — e que os *turduli veteres* ou antigos turdulos, viveram nas proximidades de *Peniche,* entre o Mondego e o Tejo, — uns e outros á beira mar, a muita distancia da serra da Estrella, região dos *Erminios* ou *Herminios* (*Arminios, Armenios?*) — *in illo tempore* — e ninguem até hoje disse que os *turdulos* eram *erminios* ou *armenios.*

Gouveia — na minha humilde opinião — vem do latim *cavea* = cova =, que em latim deu tambem *cavus* = côvo, concavo =, unde *cava* e *cavar,* grangeio das vinhas e dos campos, — *escava* e *escavar,* grangeio das vinhas no Douro, abrindo *vallos* e *covas;* — *Cavâda, Cavâdas, Cavadinha, Cavadinho, Cavâdo, Cavâdos, Cavanca* e *Cavenca* (quasi *Cuenca, Covenca* e *Covanca?!...*) — muitos ns. de aldeias, casaes e quintas nossas.

O mesmo *cavea* deu *Cava de Viriato,* em Vizeu, — grande *valla* de fortificação antiquissima; e tambem *cavea* = cova = deu em Portugal os nossos ggrs. seguintes:

Cova, Covadas (e talvez *Covida, Covidas* — unde *Gouveia, Gouveias?*); — *Covados, Covaes, Coval, Covanca, Covanco* (Cf. *Cuenca* por *Covenca?* na Hespanha [1]); — *Covão, Covas, Coveiro, Coveiros* (de *Coveiras* — *Goveiras* infra); — *Covella, Covellas* (*Govella, Govellas* — Gouveia, Gouveias?); — *Covellães* (Gouvães, Gouveães?) — *Corellinhas, Covinha* e *Covinhas* (*Govinhas* — Gouvinhas?); — *Covello, Covellos, Coviaes* ou *Coviães* (*Gouveães, Gouvães?*); — *Covide, Covilhã, Covilhães, Covilhans, Covilhão, Covinho, Covinhos, Covitata* (?!...), — *Côvo, Covões* e *Cuvilhão* — ao todo mais de 500 ns. ggrs. de villas, aldeias, casaes, quintas, freguezias, etc.

O mesmo *cavea* = cova = deu *Alcobaça, Alcobacinhas, Alcobella, Alcobia, Alcobios, Alcovas, Alcube* e *Algova?!...*

O prefixo *al* é uma reminiscencia da occupação arabe, que tambem se encontra em *Alvôco de Varzeas,* freguezia nossa, — e *Alvôco da Serra,* villa e freguezia.

De passagem direi que na minha humilde opinião *Alvôco* é metathese de *Alcôvo* (*Al-Côvo*).

Nós temos muitas povoações com o nome de *Côvo* — e a Hespanha tem *Cobo* e *Dialcobo* (De — Alcobo), — não *Alboco* ou coisa semelhante.

Note-se tambem que *Alvôco* demora nas abas da serra da Estrella, como *Gouveia* e *Covilhã.*

Nós temos tambem *Alvocôvo* (Alvo-Côvo), aldeia, nome congenere de *Albuquerque* (*albus quercus*) e de *Castello Branco, Casa Branca,* etc.

Á serie de *Gouveia* pertencem talvez os ns. ggrs. seguintes:

Gavária e *Gavarra* (por *Gavara* [2], *Gaveira, Goveira, Gouveira, Gouveia?*); — *Gavata* (cavâda, *cubata*; na Hespanha *Cobeta* e *Cubeta*); — *Gave, Gavea* (*cavea?*), *Gobim, Goivim, Gouvim* (*Covinho?*); *Gouvães, Gouveães* (*Covellães,* supra, e *Gubian,* na Hespanha); — *Gouveia, Gouveias, Gouvim, Gouvinhas* (*Covinhas?*); — *Gova* (*Cova?*), *Gove, Goveiras* e *Algova* (*Al-Gova,* a cova?), — differentes ns. ggrs. de villas, aldeias, freguezias, casaes, quintas, etc.

---

[1] Na Hespanha ha tambem *Moranças* (*Moreirancas?*) em Santander, — e *Montuenga* em Burgos e Segovia.

[2] O *r* forte ou *rr* abunda nas provincias do norte da Hespanha, nomeadamente na *Biscaia, Santander, Alava, Navarra* e *Guipuscôa.* Alli se encontram, p. ex. differentes povoações com os nomes de *Arriaga* e *Arrigorriaga,* unde *Arriaga,* appellido nosso.

Como Portugal foi durante muitos seculos parte integrante da Hespanha, abundam nos dois paizes ns. ggrs. identicos ou similares. Vejamos pois a serie dos ns. ggrs. da Hespanha que prendem com os nossos, tirados de *carca* — cova. São — entre outros — os seguintes:

Caba, Cabada, Cabia (*carca*, Gabea?), — *Cara* (?...), *Caráda, Carcanca* (quasi *Caranca* e *Carenca*, povoações nossas); — *Caro* (em Lerida e Oviedo); — *Coba, Cobaliño, Cobas, Cobadelas* (Covellas) — *Cobeja, Cobejo* (Gouveia, Gouveio?); — *Cobelas, Cobeliño* (quasi *Covelinhas, Gouvinhas?*); — *Cobelo, Cobeta* (cubata?), — *Cobiela, Cobo, Cobos*, — *Cuera, Cueras, Cuerecillas* e *Curilla* (Burgos) — unde *Corilhã*, etc.

Ha tambem na Hespanha *Alcoba* e *Alcobacin* (cf. *Alcobaça* e *Alcobacinhas*), — *Alcubilel* (o *Covilhete!...*); — *Alcubillas, Alcubilas* e — *Gaba* (cf. *Gaba, Cara* e *Cova*), — *Gabas, Gabasa* (lê-se *Gabaça* e recorda *Alcobaça, Alcobacin* e *Alcoba*, supra); — *Gabcas* (cf. *Gare* e *Garca*, supra); — *Gabian, Gabias, Gabica, Gabet, Gara* (Cava?), — *Gobeo* (cf. *Gores, Côro, Alcobia, Alcobios, Acube* e *Algova*, supra), — e *Gubián*, aldeia de Pontevedra, cujos habitantes devem chamar-se *gubianes* — quasi *Gouveães*, aldeia nossa.

Na Hespanha ha tambem *Covides*, em Burgos, que entre nós podia dar *Covêdo* e *Coveda* (Gouveio, Gouveia?); — *Cubia* (Govía, Gouveia?); — *Cubilla, Cubillas* (unde *Corilhã, Covilhães* e *Covilhans* supra); — *Cubilledo, Cubillinos* (quasi *Cubillinas, Covinhas, Gouvinhas?*); — *Cubillo, Cubillos* (Covello, Covellos) — *Cubo* e *Cubos* (Côvo, Côvos), etc.

Do exposto se vê que a villa de *Gouveia*, a cidade da *Covilhã* e as povoações de *Alvôco* (Alcôvo?) e *Alrocôro*, podiam tirar os nomes do latim *carca* — cava, cova, unde *Covella, Covellas*, que podiam dar *Gouveia, Gouveias*.

A glottologia portugueza não se oppõe (julgo eu), pois *ca, co, cu* deram trivialmente *ga go, gu*.

Tambem *cla* deu *cia*, v. g. *tela, teia*.

Por seu turno *o* não raras vezes deu *ou*, v. g. — *Bôba* e *Bouba*, povoações nossas, — como *Bougada* e *Vogada*, — *Choso* e *Chouso*, — *Coço* e *Couço*, — *Gobim* e *Gourim*, — *Doroanna* e *Douroanna*, — *Loredo* e *Louredo*, — *Loridos* e *Louridos, Lomar* e *Loumar, Loroso* e *Louroso, Morellos* e *Mourellos, Oxenda* e *Ouxenda, Poupa* e *Pupa* (do latim *upupa*); — *Rubim* e *Roubins, Roças* e *Rouças, Sôpo* e *Soupo, Sôxa* e *Sousa, Souxão*, uva, e *Sôxão, Soto* ou *Sotto*, appellido, e *Souto*.

O povo tambem diz *Sôro Pires* em vez de *Souro Pires* (Soeiro Pires?), — *Coua* por *Côa, lóreiro* por *loureiro*, — e temos tambem *couraça*, armadura que vem do b. lat. *coracia* — e este de *corium*.

Tambem *carca* deu *cova*, como *fames* deu *fóme*.

Gouveia póde vir tambem do hesp. *Cubia*, povoação de Oviedo, porque entre nós *i* por vezes deu *ei*.

Cf. *estreito* do lat. *strictus*, que deu tambem *estricto*.

— *Feitiço* — do lat. *ficticius*.

— *Gordeita*, quinta nossa, talvez por *Gordita*, gorducha, gordinha.

— *Meimendro*, planta, do lat. *milimindrum*.

— *Meirelles*, appellido, freguezia, etc. — talvez de *Mirellis*, patronimico de *Mirellus*, ant. n. pess.

— *Peixe* — do lat. *pisces*.

— *Seio* — do lat. *sinus*.

O povo tambem diz *reixa*, em vez de *rixa*, lat. *rixa*, etc.

Póde tambem *Gouveia* ser uma fórma de *Cobiella*, supra, povoação hespanhola da provincia de Oviedo, — ou de *Cobeja* (Cobeia, Goveia, *Gouveia?*) — povoação de Toledo.

Gouveia portanto póde vir de *cavea* = cava, cova =. A glottologia não se oppõe, nem as condições locaes, porque a villa de *Gouveia*, alcandorada na pendente norte da Serra da Estrella, tem hoje um largo horisonte e vistas esplendidas sobre a m. direita do Mondego, mas demora na raiz da montanha que pende quasi abrupta sobre ella, pelo que as pessoas que da Covilhã e Manteigas e das outras povoações d'além da serra se dirigem para *Gouveia* atravez da montanha, só quando se approximam da villa, a descobrem e a avistam como que abrigada e escondida *em uma cova*. Além d'isso é banhada e cortada a meio pela grande ribeira de *Gouveia*, que deu o nome á villa ou v. v., — ribeira que alli corre funda e precipitada, formando *uma grande ravina* tortuosa e pedregosa.

A villa tem hoje bons edificios muito vistosos, avultando entre elles o palacete do snr. conde de Caria, a capella do Calvario, o Hospital, etc. — mas todos estes edificios são relativamente modernos. O palacete do snr. conde foi collegio dos jesuitas, feito no meado do ultimo seculo; a capella do Calvario foi feita pelos jesuitas posteriormente ao collegio — e o Hospital da villa foi feito no meado d'este seculo.

O bairro talvez mais antigo da villa é o bairro do *Toural*, que ainda hoje conta cêrca de cem casas e n'elle estão as duas grandes fabricas do snr. conde de Caria, que foram as primeiras da villa e do concelho de *Gouveia*, construidas na segunda metade d'este seculo (a villa tem hoje sete fabricas de lanificios — e o concelho todo vinte e oito); mas o dito bairro do *Toural* demora em um *corão* abafado pelo bairro do *Outeiro*. As proprias fabricas do snr. conde só de perto se avistam — e o mesmo succede a quasi todas as outras fabricas da villa, por estarem na *grande ravina* da mencionada ribeira, que lhes dá motor.

Não conheço a *Gouveia* do c. d'Amarante, nem as *Gouveias* do c. de Pinhel, mas conheço a povoação de *Gouvinhas*, na m. d. do Alto-Douro. Está em sitio pouco vistoso na m. e. do pequeno rio *Ceira*, que alli corre fundo entre margens alcantiladas, formando tambem *uma grande ravina*. E (coincidencia notavel) — a povoação e freguezia de *Gouvinhas* está entre as de *Covas* e *Covellinhas?!*...

Alguem diz que o etymon da villa de *Gouveia* procede incontestavelmente de *Gaudela*, nome que lhe deu o foral do a. 1186 — e o mesmo nome se encontra tambem na confirmação do dito foral, a. 1217 [1]; mas parece-me que a nossa glottologia mal póde acceitar *bé* ou *vé* por *dé*, e, como *b* e *d* podiam facilmente confundir-se, talvez que os notarios ou copistas em vez de *Ganbela* escrevessem *Gaudela*, — mesmo porque os notarios e copistas da idade média esmagaram e deturparam muitos ns. coms. e ggrs.

Tambem *Gaudela* póde ser uma fórma de *Godela*, pertencente á serie dos nossos ns. ggrs. — *Goda, Godão, Godel, Godela, Godelim, Godim, Godinha, Godinhella, Godinho, Godinhos, Godins e Godos*, — série que, na minha humilde opinião, nada tem com a de *Gouveia*, mas é uma reminiscencia dos *godos* que no sec. v invadiram e occuparam Portugal e a Peninsula e n'ella por ultimo se fundiram.

Note-se que o foral do an. 1210 dá a *Godim* (hoje simples freguezia do c. da Regoa) o mesmo nome *Godim*, — não *Gaudelim* ou *Gaudim*.

L. cit., pag. 555.

Tambem *Godinus* — *Godinho* — foi nome trivial na idade média.

Com o prefixo *gaud* apenas me recordo de vêr nos nossos does. da id. m. o nome pessoal *Gaudinus* por *Gualdinus*, hoje *Gualdino*. Foi n. do celebre *Gualdim Pues*, famoso Mestre do Templo. Assignou-se *Gaudinus* no foral que deu á villa de Pombal, no a. 1174; — *Galdinus* em muitos foraes dos annos 1156 e segg. — e *Gualdinus* no foral de Coruche, a. 1182.

L. cit., pag. 385, 386, 393, 398, 399 e 428.

---

[1] *Portugaliæ monumenta historica*, I. *Foralia*, pag. 453.

Mais: — Se *Gaudela* foi a latinisação de *Gouveia* nos annos 1186 e 1217, o mesmo pref. *gaud* devia encontrar-se nos foraes velhos de *Gouviães* ou *Gouveães*, hoje *Gouvães do Douro*, e *Gouvinhas*, mas na latinisação d'estes ns. o pref. é *gauv* — não *gaud*.

No foral de *Gouvinhas* (a. 1256), que é o mesmo de *Traseira*, *Paradella* e *Agrocoro*, dá-se a *Gouvinhas* o n. de *Gouvyas*.

L. cit., pag. 666.

No foral de *Gouviães* (hoje *Gouvães do Douro*), a. 1257, dá-se a *Gouviães* o n. de *Gouvianis*.

L. cit., pag. 668.

Tambem o foral de *Ranaldi*, hoje *Roalde*, povoação muito bem situada com uma boa capella e casas decentes, na estrada que vai da Regoa por S. Miguel de Poyares para S. Martinho d'Anta e Sabrosa, — diz que *Roalde* confina *cum Gouvianes* — a dita *Gouvães do Douro*.

Aquelle foral é do a. 1208.

L. cit., pag. 537.

E no foral de *Covas do Douro* se menciona *Gouviães* ou *Gouvães* supra com o n. de *Gouvianes* tambem.

Note-se que este foral é do anno 1162 e por consequencia vinte e quatro annos anterior ao de *Gaudela*, do a. 1186.

L. cit., pag. 587.

Será tudo isto um dislate?

Ahi fica o thema para a discussão.

Fiat lux.

A Hespanha não tem n. ggr. algum com o prefixo *gaud* nem *gaut*.

Moraes — é contracção de *moreiraes*, bosque de *moreiras*, afferese de *amoreira*, arvore bem conhecida, que deu tambem *Moreda* e *Moreira*, appellidos, e muitos ns. ggrs. em Portugal e na Hespanha.

Sarmento — vem do latim *sarmentum* — vergontea, rebento das vides e d'outras plantas; vara, varinha, pelo que o nosso appellido *Varella* — varinha — é synonymo de *Sarmento*.

Sat prata biberunt.

Porto e Miragaya.

Pedro A. Ferreira.

P. S. — *Gouveia* e *Gouveias* podem ser tambem fórmas de *Galveia*, *Galveias*, povoações nossas, porque *al* deu *au* e *ou*, v. g. o latim *saltus*, bosque, no b. lat. deu *sautus*, e em portuguez *souto*.

Tambem na idade média *Galdinus*, *Gaudinus* e *Gualdinus* foram fórmas do mesmo nome *Gualdim*, hoje *Gualdino* (Gedinho?).

Na França tambem *Arnaldus* deu *Arnaud*, etc.

O etymon de *Galveia*, *Galveias* é talvez *galrão*, por *gairão*, metathese de *garião*, em hespanhol *garilan*, ave de rapina, que deu muitos ns. ggrs. em Portugal e na Hespanha.

V. *Galvão*, *Galveia* e *Gouveias* na minha projectada *Tentativa etymologica*.

Pedro A. Ferreira.

A POESIA E A ARCHEOLOGIA

Existe uma grande affinidade entre a Poesia e a Archeologia, e alguns dos nossos archeologos foram primitivamente poetas; dedilharam primeiramente a lyra antes de manejarem os instrumentos exploradores, balbuciaram a linguagem das musas antes de interpretarem os arabescos das inscripções.

Alexandre Herculano, o mineiro da Historia Portugueza, o que arrancava o metal dos mais entranhados filões para os fundir depois no bronze da sua prosa esculptural, foi o sublime cantor da *Harpa do Crente*.

Effectivamente o estudo do passado levanta no nosso espirito, por mais frios e impassiveis que sejamos, um mundo de idéas repassadas de saudade. Desfilam a nossos olhos deslumbrados visões mysteriosas; como que vêmos passar as raças extinctas, que apresentam ao nosso exame os vestigios da sua civilisação. Dir-se-ia a revista nocturna phantasiada pelo poeta. Parece que assistimos com Carlos Magno ao desfilar dos seus paladinos, ou com Napoleão á continencia da sua guarda imperial.

Martins Sarmento tambem iniciou a sua carreira litteraria por um livro de versos. Ouvi dizer que elle se envergonhava d'essa tentativa quasi infantil e que procurava rehaver todos os exemplares que ainda andavam dispersos. Não sei o que haja de verdade n'esta lenda. Eu nunca vi producções poeticas de Martins Sarmento, mas ainda que ellas se traduzissem por uma fórma indecisa e frouxa, haviam forçosamente de revelar um profundo sentimento innato. Quem tanto amava as ruinas, quem tinha por ellas um culto tão extremoso, era poeta por natureza, era um sacerdote da religião do bello. A sua existencia laboriosa, consagrada inteiramente ao estudo do passado, é a prova evidente de que a sua imaginação pairava n'um mundo superior, indifferente ás pequeninas coisas, que fazem o contentamento e a gloria de tanta vulgaridade balofa.

Não tive tambem a satisfação de conhecer pessoalmente Martins Sarmento, mas, pelo que tenho ouvido a pessoas insuspeitas, era não só um cavalheiro correctissimo, mas um caracter de finos quilates, uma alma de tempera pouco vulgar. Sensivel, delicado, eu não duvidaria de affirmar que Martins Sarmento possuia um organismo poetico, embora o seu talento de verseja-dor não estivesse á altura das suas faculdades sentimentaes e meditativas.

Os seus estudos archeologicos, embora fundidos nos moldes da sciencia, são outras tantas elegias do passado, cordas d'uma lyra, onde vem suspirar as gerações extinctas.

Lisboa, 20 de janeiro de 1900.

Sousa Viterbo.

NO SAHIMENTO

DE

FRANCISCO SARMENTO

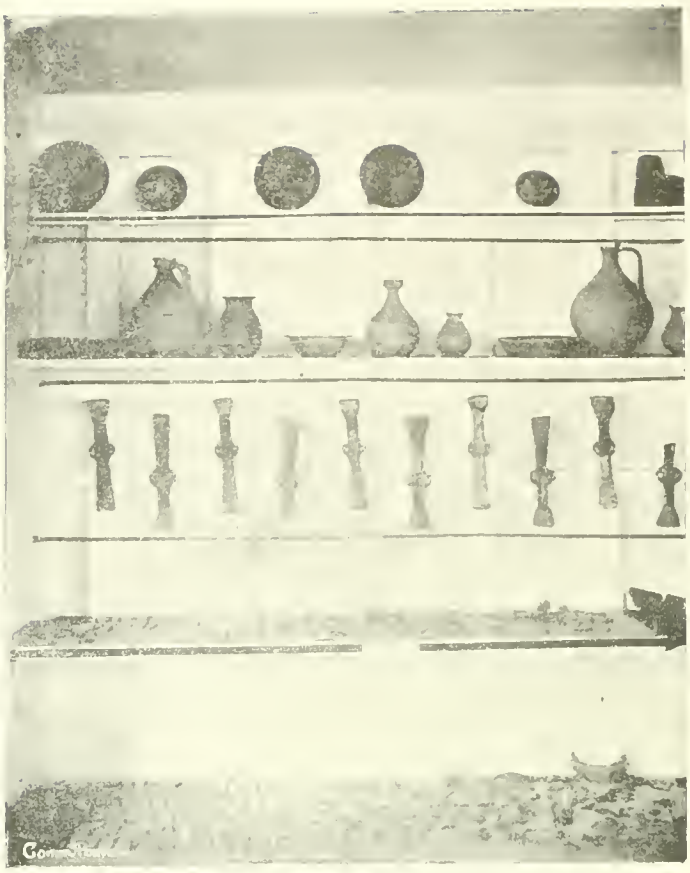
As lagrimas são vida...

Camillo Castello Branco.

Elle, quando morrer, se alguem faltar,
Que a morte bem lhe sinta, ao sahimento,
Talvez ainda tenha quem lhe minta,
Quem chame ingratidão ao desalento.
. . . . . .

Elle, quando morreu, se lá não teve
A choral-o quem muito lhe deveu,
É que não chora quem já não tem lagrimas,
É que não sente quem tambem morreu.

F. C.



DO MUSEU ARCHEOLOGICO DA SOCIEDADE MARTINS SARMENTO

EXTRACTOS DA CORRESPONDENCIA

DE

F. MARTINS SARMENTO

(1881-1883)

Como mantive em tempo correspondencia aturada com F. Martins Sarmento, possuo d'elle grande número de cartas.

D'entre ellas escolho, por serem as que tenho mais á mão, as que abrangem o periodo de 1881 a 1883, para d'ahi extractar algumas noticias que dizem respeito á vida scientifica do benemerito archeologo, cujo passamento a cidade de Guimarães, como seu berço, hoje piedosamente mais uma vez commemora.

As minhas relações com Martins Sarmento datam dos fins de 1879. Foi o meu prezado amigo, e seu primo, o snr. conde de Margaride quem me apresentou a elle, por occasião de umas ferias escolares que eu passava em Guimarães. A primeira vez que lhe fallei, estava Martins Sarmento á banca, á noite, a trabalhar na primeira edição do seu estudo da *Ora Maritima* de Avieno. A mim prendeu-me immediatamente o modo lhano como me recebeu, tendo elle então já firmados os seus creditos de erudito, e sendo eu nas lettras mero principiante. Recordo-me que logo nessa noite fallámos muito. Depois d'isso não me faltou ensejo de estar com elle, porquanto, durante a epocha da minha formatura no Porto, eu ia a Guimarães frequentemente nas ferias. Com Sarmento realizei mesmo algumas excursões archeologicas, pelos arredores da sua cidade natal, á Citania de Briteiros, a Soajo. Comquanto eu a esse tempo andasse na febre da colheita das tradições populares portuguesas, e no começo dos meus estudos philologicos, já sentia bastante inclinação para a archeologia, á qual, por dever dos meus cargos officiaes, e para a execução do plano dos meus trabalhos, tive posteriormente tambem de consagrar-me: o contacto com Martins Sarmento não afrouxou, de certo, essa inclinação!

Vêem, pois, os leitores que não é sem saudade que venho relêr, para, como disse, as extractar, as cartas, que d'elle possuo, dos primeiros annos das nossas relações.

A par dos seus meritos scientificos, Martins Sarmento dispunha de meritos litterarios. Escrevia com muita facilidade. As suas cartas, — como em geral todos os seus escriptos, mesmo os mais serios —, participam tambem d'essa simplicidade que caracteriza a linguagem familiar e despreoccupada. Sarmento escrevia pouco mais ou menos como fallava. O que nas cartas se torna um encanto, não direi comtudo que por vezes nos escriptos graves não destoe um pouco da natureza do assumpto. Antes de ser archeologo e erudito, Martins Sarmento foi litterato. Na mocidade escreveu versos e folhetins. Assim em parte se explica que no periodo em que as investigações archeologicas o absorviam, a feição litteraria não desamparasse o investigador. Por isso os extractos que offereço ao público, além dos factos que encerram para o conhecimento da vida scientifica de Martins Sarmento, proporcionarão aos leitores algum agrado, devido á amenidade da linguagem.

Claro está que deixo de parte tudo o que não contiver interesse immediato. Omitto muitas cartas.

1. De janeiro ou fevereiro de 1880 (Guimarães)

Protecção official á archeologia — A Porca de Murça — *Ars longa*

«Olhe que eu tenho bem presente que em Ancora, onde estou, encontrei, mesmo pelos labregos, mais amor e interesse por estas coisas de que nunca pude imaginar. Se os nossos miseraveis governos dessem alguma importancia ás antiguidades e obrigassem os seus administradores e regedores (bastava isto) a fazer comprehender ao Zé Povo que as antiguidades tinham uma importancia real e verdadeira, juro e até aposto, que o vandalismo que vai acabando com o que póde, cessaria.

«Ha dias me contaram uma [cousa] [1] curiosa a respeito da Porca de Murça» [2]. O animal mostra ainda restos de uma pintura vermelha. Ah! bom! conta a tradição que em certos casos-crimes a mudança da côr da Porca dava signal da innocencia ou da criminalidade do reu. De que tempos deve provir esta tradição, e que figura importantissima não fez a bicha nos seus bons tempos!

«A vinha é enormemente longa, mas os trabalhadores poucos e a falta d'um orgão que vulgarizasse o que se vae descobrindo, mais que sensivel» [3].

2. De 23 de fevereiro de 1880 (Guimarães)

Ethnographia comparada — Antigualhas dos arredores do Porto — Riquezas archeologicas

«Quem folheia o Cameron e o Stanley encontra coisas verdadeiramente surprehendentes. Não sómente os circulos concentricos, mas motivos ornamentaes [4], que passam por caracteristicos da idade de bronze. Lá

---

[1] [Ponho entre colchetes o que supponho que, por lapso, falta no texto].

[2] [Figura de pedra, da epocha pre-romana, existente em Murça. Como esta ha outras no Norte de Portugal e em Hespanha].

[3] [Os desejos de Sarmento foram depois preenchidos com a publicação da *Revista Archeologica* (que porém já acabou) e d-*O Archeologo Português* (que vive ainda, e espero que continuará a viver), embora Sarmento não collaborasse jámais naquella, e só uma vez neste].

[4] [Com a expressão *circulos concentricos*, Sarmento tinha na mente certas insculpturas que se encontram nas lages (nos castros, etc.): cfr. o artigo que elle escreveu in *Renascença*, p. 25. Por *motivos ornamentaes* entendam-se os dos objectos archeologicos].

como a coisa se explica é de certo trabalho para os Œdippos do futuro, porque por emquanto o que sabemos e nada é tudo um.

«Pelas immediações do Porto não devem faltar estações antigas. Perto da Senhora da Luz (Foz) disse-me o Carlos Ribeiro que um geologo, não me lembra o nome [1], recolheu uns poucos de *celts* de pedra polida. Na foz do Leça, n'um sitio, chamado Castello, proximo da ponte de Guifões, já eu fiz uma pequena escavação, que não pôde ir longe, pelo muito basto do pinhal que cobre o outeiro [2].

«Uma estatistica das nossas ruinas sommaría uma conta fabulosa, e isso só se fará pelo esforço individual, porque de resto, nada.

«Eu, logo que venha o bom tempo, pégo no meu pau de *touriste* e marcho á cata de coisas velhas.»

3. De 3 de junho de 1880 (Guimarães)

Estatuas lusitanicas de pedra

«Na Citania não appareceu mais que uma estatua e um baixo relevo [3]. A estatua appareceu sem cabeça, mas vê-se claramente que era resultado d'uma mutilação. Em Santa Iria sim; uma cabeça que lá appareceu é avulsa; e penso que com as celebres «estatuas callaicas», com algumas, succedia o mesmo. A que possuo, como sabe, não tem cabeça; a de Vianna provavelmente não foi descabeçada por quem a fabricou, mas já antes a havia perdido [4]. Em Basto, precisamente na figura que representa «o Basto», fui encontrar outra estatua callaica, pintarolala e falsificada tambem, e, porque a cabeça não tem nada a vêr com o busto primitivo e foi ajustada como pôde ser ao tronco, entendo que não salvou a sua cabeça gallega, mas que a perdeu ha muitos seculos [5]. Mesmo a cabeça d'um dos porcos ou javalis de Sabroso era avulsa [6].»

4. De 18 de junho de 1880 (Guimarães)

Insculpturas antigas feitas em lages

«O numero d'estas figuras parece arbitrario, e a gente fica desorientado. Se n'estas gravuras não se respeita nem no numero d'ellas, nem na disposição, uma tradição vigorosa, estamos perdidos; é querer fazer historia com textos falsificados. Os circulos mais vulgares na Citania são:

Apparecem isoladamente, e ás vezes em grupo. Como lhe disse, só n'uma lage ha 18 , na Citania e Sabroso.

em Sabroso, onde tambem n'uma lage se encontra (pouco mais ou menos):

São vulgares tambem os grupos do que os archeologos francezes chamam *coupules*, outros *fossettes*. São pequenas cavidades, ás 3, 8, 10, 15, etc., com numero certo.

Quanto á orientação dos circulos, na Citania, como lhe disse, causou-me especie vêl-os só para o lado do nascente, no arco de nordeste a sul. Não pude tirar d'aqui consequencia nenhuma, porque em Sabroso encontrei-os um pouco para noroeste.

[1] [Creio que este geologo será Frederico de Vasconcellos, que publicou um artigo «sur quelques dépôts superficiels du bassin du Douro, présence de l'homme, etc.», in *compte rendu* do congresso de Lisboa em 1880, p. 155, sqq.].

[2] [Ácerca do castello de Guifões vid. *O Archeologo Portuguès*, IV, p. 270, onde me refiro tambem a Sarmento. Adeante, noutras cartas, veremos mais referencias a estas ruinas].

[3] [De ambos se publicaram gravuras in *Renascença*, p. 45-46. Do baixo relevo já falla o contador d'Argote].

[4] [D'esta estatua se tem fallado muita vez na imprensa: cfr. *O Archeologo Portuguès*, II, p. 32].

[5] [Certas figuras antigas que existem em algumas terras são consideradas como symbolos eponymos d'estas terras: ex. em Guimarães, Braga, Lamego. A estatua lusitanica de Basto pertence, segundo vemos, á mesma categoria. É um resto (pagão) dos antigos genios tutelares das cidades. Os padroeiros representam a christianização dos mesmos genios].

[6] [Vid. o n.º 2 d'estes extractos].

«Em summa: ha ainda hoje poucos materiaes para se poder assentar alguma coisa a este respeito; mas estas gravuras são muito importantes e recommendo-as á sua attenção, quando examinar alguma ruina. Além dos circulos e das covinhas ha mais. A espiral appareceu em Sabroso e na Citania: ◎.»

5. De 20 de agosto de 1880 (Guimarães)

Mamunhas e dolmens do Alto Minho — Visita dos congressistas á Citania — Castros — Desanimos

«Em Ancora descobri umas poucas de mamunhas mais [1]; explorei algumas, mas os achados reduziram-se a muitissimo pouco, porque estava tudo revolvido pelos afuroadores dos thesouros. Fui tambem vêr umas 6 mamunhas, que me denunciaram em Villa Chã (margem esquerda do Neiva). Nas ruinas d'esse dolmen a escavação deu-me umas onze lindas pontas de setta, uma faca, um punhal (?), tudo de pedra, e uma urna quasi inteira. Depois annunciaram-me o apparecimento de novas mamunhas (termo popular n'aquella localidade), e algumas muito curiosas, segundo parece.

«Não pude ir vêl-as; porque me pareceu que não tinha tempo a perder para me ir chegando até á Citania e preparar a minha «exposição», na supposição de que os sabichões do congresso a irão visitar. Li hontem n'um jornal que a coisa ainda era duvidosa. Se a visita á Citania foi rebate falso, dou cavaco, porque tinha grandes esperanças nas explorações do Neiva, a que me entregaria.

«Além das mamunhas, de que fallei, vi dois novos montes fortificados, um ainda no valle de Ancora, outro proximo a Ancora, e noticias d'outras antiguidades não me faltaram tambem.

«Infelizmente o tempo foge depressa, e trabalha-se não sei para que e para quem.»

6. De 28 de agosto de 1880 (Briteiros)

Ainda os congressistas — O castro de Guifões

«Estou ás voltas com a Citania e com os preparativos para receber os sabichões, porque parece fóra de duvida que os verei na minha montanha. Os deuses os tragam, se hão de adiantar alguma coisa.

«O monte fortificado nas margens do Leça chama-se Castello [2]. Fica proximo á ponte de Guifões (margem esquerda do rio). Para não andar ás apalpadellas o melhor é ir á ponte e perguntar á moleira onde é o Castello. Ella mostra-lh'o logo com o dedo. Tomando o monte pelo lado do poente, chega a uma pequena bouça plantada de eucalyptos, onde verá já muita cacorva e um monumento de tijolo, meio arruinado, não longe da parede que limita a bouça pelo lado do sul. Para subir ao alto, segue o caminho que fica, que corre [3] a norte da mesma bouça, e verá já alguns restos de construcções e uma calçada que o leva ao alto, onde terá de torcer á esquerda para se internar na corôa da fortaleza. Verá o staludes das muralhas e aqui e alli alguns fragmentos de barro, se houver terreno roçado, porque do contrario o mato é tão alto que pouco poderá vêr. Uma pequena escavação que fiz na corôa do monte, para o lado do poente, mostrou-me que a pouco mais de 1 $^1/_2$ palmos estão soterrados alicerces de muitas casas.»

---

[1] [*Mamunhas* são os monticulos de terra («*tumuli*») que envolvem as sepulturas prehistoricas: vid. as minhas *Religiões da Lusitania*, I, p. 249, sqq.].

[2] [Vid. o extracto n.º 2].

[3] [Ao espirito de Sarmento acudiram os dois pensamentos, — *que fica, que corre*; e, em vez de, como era mais natural, exprimir só um, exprimiu, certamente por lapso, os dois].

7. De 9 de setembro de 1880 (Briteiros)

Novos desanimos — A Citania — Mamunhas dos arredores de Sabroso — Archeologia dos arredores do Porto

«Repetirei o que me dizia o Soromenho: «é escusado esperar applausos que nos satisfaçam dos nossos; a recompensa legitima vem sempre dos estrangeiros». É uma verdade. Isto entre nós está a apodrecer cada vez mais n'essa decomposição de vaidadezinhas e invejas que mettem engulho.

«Felizmente que pelos montes e á cata das velharias se anda longe d'esta podridão.

«A Citania deu-me uma nova inscripção:

ATVRO
VIRIATI.

«É o achado mais notavel. Os outros são muito secundarios.

«O que tenho encontrado por aqui são algumas mamunhas, tres d'ellas não longe de Sabroso. Estas ultimas ainda hoje as descobri, e, se, pelo menos como parece, uma d'ellas está intacta — caso raro! — alguma coisa de importante nos ha de contar. Veremos isso ámanhã, se a trovoada, que por aqui tem andado desenfreada, o permittir.

«Estou persuadido de que por ahi, pela beira-mar [1], não hão de faltar d'estes curiosos monumentos, mas os demonios, com a acção do tempo, estão tão disfarçados, que é necessario ter um olho muito exercitado para os descobrir. Recommendo-lhe uma barca de pedra que ha perto da «quinta do Bispo», defronte da egreja, e cuja historia me não souberam contar.»

8. De 11 de setembro de 1880 (Briteiros)

Pedras de raio no Minho — Instrumento prehistorico — Ainda o castello de Guifões — A ponte de Guifões — Perafita Monte d'ouro — Cabo do Mundo — O campo do Feijô

«A proposito das «pedras de raio» ha de verificar nos seus interrogatorios ao Zé-Povinho do Minho, que para elle pedras de raio nem são os *celts*, nem pontas de lança, mas pedaços de crystal de rocha que terminam sempre em ponta aguda. É pelo menos o que tenho colhido pela minha experiencia, e em face mesmo d'estes objectos que tenho encontrado na Citania, em Sabroso, nas mamunhas tanto d'estes sitios como de Ancora. Quanto ás machadinhas, esta gente nem as conhece de tradição.

«A maior parte das armas de pedra, mórmente dos nossos sitios, são de silex, mas de silex vulgar (seixo). Em Sabroso ha celts de diorite e até de granito, e n'uma mamunha perto de Sabroso, encontrei ha dias — o que muito estimei — um celt de schisto. Não me parece, pois, que seja porque a pedra fere lume que recebe a denominação de pedra de raio.

«Os meus achados em Castello (Guifões) foram fracos. A coisa mais notavel que de lá possuo é metade d'uma machadinha de diorite, ou coisa parecida, que os escavadores da bouça dos eucalyptos tinham desenterrado e atirado para o caminho. Os fragmentos de telha romana e de amphoras provam bem que a influencia dos romanos se fez sentir n'essa estação, mas para mim é de fé que a origem da povoação é muito mais velha que a dominação romana. Alguma louça ornamentada, grosseira, que recolhi na pequena escavação que fiz, faz lembrar a de Sabroso. Não encontrei alicerces de casas circulares, mas só quadradas. Hei de, porém, apostar

[1] [Sarmento diz «ahi pela beira-mar», porque, se bem me lembro, eu então veraneava em Matosinhos].

que lá se hão de encontrar. Tambem debalde espreitei os rochedos; não descobri signal nenhum; mas isso não admira, porque o matto estava d'uma altura por ahi além, e muitas lages hão de estar occultas pela terra. *Fossettes* (covinhas) encontrei eu não poucas no litoral por perto de Boa Nova. A mó de moinho de mão, atafona, que lhe mostrou o moleiro, é tambem como as da Citania e Sabroso. D'isto apparece em todas as ruinas e o dono do monte do Castello tem em casa pelo menos *um pé* e *uma andadeira* (parte inferior e superior da atafona).

«É para mim de fé que a exploração do monte daria curiosidades; mas v. ... vê que com o pinhal que tem, toda a escavação ha de ser acanhada. Eu desanimei ao terceiro dia.

«Tambem me causou estranheza a singularidade das guardas da ponte; mas disseram-me, e eu creio, que a ponte nada tinha de antiga, e que as guardas eram vazadas, por causa das cheias.

«Quando ahi estive, o nome de *Perafita*, freguezia que não fica muito longe de Leça, obrigou-me a ir lá colher informações sobre um *menhir* que eu sonhava, e de que havia de por força haver ainda tradições. O parocho (Salvador) nada sabia, e remetteu-me para o Cabo do Mundo (*sic*), onde habitava um padre velho d'aquelles sitios. O padre velho tambem nada sabia, mas indicou-me umas campas abertas em rocha, uma muito curiosa, mas ameaçada pelos montantes que já se acercavam d'ella e que talvez a estas horas já a tenham posto em hastilhas. Fica no *Monte d'ouro* (nome que entendo é o mesmo que Monte d'Or, entre o Lima e o Ancora). Perto d'esta campa ha ainda outra partida (para nascente), perto d'uma leira chamada das *Antinhas*. Tudo isto é expressivo. O Cabo do Mundo fica perto do monumento dos 7:500 bravos, e não em Mindello, senão em Pampelido. Os de Pampelido no seu Cabo do Mundo protestam debalde contra a tolice geographica que lhes tira as glorias, traspassando-as para Mindello, que fica muito longe da memoria.

«No campo de Feijô ha umas aguas ferreas, e o caseiro disse-me ter encontrado n'uma escavação casas redondas, e que por aquelles campos appareciam ás vezes objectos de metal verde (bronze). Tambem a norte, ou nordeste do Castello, no valle, havia um penedo com um buraco e restos de uma argola, em que d'antes se amarravam os barcos, *porque o mar chegava até alli*. Debalde eu e elle procuramos o penedo. Se tivesse á vista os meus apontamentos, mais lhe poderia dizer; mas ficaram-me em Guimarães.»

9. De 17 de outubro de 1880 (Guimarães)

Ceramica luso-romana de Guifões e Citania

«Só hoje me pude desembaraçar de occupações instantes e procurar os meus apontamentos sobre o Castello (*sic*), para melhor poder responder á sua de 21 de setembro. Não encontrei nada que respigar. Disse-lhe o que sabia e, pelos modos, disse tudo. O tijolo, de que me mandou o desenho, é coisa nova para mim, mórmente se é certo, como diz, que os furos não se correspondem. Na Citania são vulgares os tijolos com um furo, mas este furo vasa-os de lado a lado. O furo é perto d'uma das extremidades e no sentido da sua largura. Coisa identica encontrei eu no Castello, com a differença que o furo era no sentido da sua espessura. Os tijolos da Citania são de differentes dimensões. A fórma é sempre quadrilonga; mas alguns apparecem que, para um dos lados, são um pouco curvos, sendo porém plausivel que esta fórma é devida ao tempo que lhe foi gastando a argilla.

«A marca de telha tambem para mim é nova; o que não admira, porque a variedade d'ellas é immensa. Provavelmente é aberta em barro fôsco e grosseiro, como todos os que tenho visto. Faz lembrar a seguinte, vulgar na Citania [P] [1].

«Se alguns fragmentos de vasilhas que recolheu têm ornamentação, guarde-os bem. Essa especie tem valor. Alguns trouxe eu do Castello, bem poucos, que encontrei nas escavações. Soltos não encontrei nenhum.»

---

[1] [O desenho do tijolo furado (peso) e do tijolo com a marca saíram n-*O Arch. Port.*, IV, estampa junta á pag. 272].

10. De 29 de março de 1881 (Guimarães)

Gravuras em dolmens — Superstições agricolas do Minho

«A respeito das gravuras em dolmens, ainda as não encontrei, mas creio firmemente que as ha de haver entre nós. O Argote falla d'uma construcção que apparecera em Espozende e já em pantana no seu tempo. Segundo lh'a pintam as informações que lhe deram, aquillo só podia ser um dolmen. As paredes por dentro estavam cheias de arabescos — diz elle. Já mandei perguntar por isto em Espozende, mas ninguem sabe de nada. É possivel porém que as pedras ainda existam, e por este e outros motivos, logo que possa, vou passar revista áquella localidade e examinar o littoral de Espozende até o rio Neiva, onde me deram já noticias de alguns dolmens.

«A proposito dos jugos dos bois [1] ha um facto, que não perde nada em saber, se é que o não sabe já. Os bois nunca trazem jugo senão em serviço. Imagine o meu amigo que um lavrador mandava o seu carro com os competentes bois e creado levar o quer que seja a qualquer sitio. O carro tinha de ficar n'esse tal sitio, e os bois de voltar com o jugo. O creado pegará no jugo e tral-o-ha ás costas e não virá sobre o cachaço dos bois. Se o creado tal fizesse, o mais provavel era ser despedido. Sabe tambem a importancia que tem a «bosta» de boi. É com ella que se calafetam as fendas da porta do fôrno. D'antes, quando se pediam brazas de lume a qualquer visinho, o visinho punha sobre o testo, em que depositava a braza, um bocado de bosta de boi que tivesse já servido para barrar a porta do fôrno — «para que o seu lume se não apagasse» como tinha succedido ao do visinho.»

11. De 22 de agosto de 1831 (Ancora)

Tradições populares da Serra da Estrella

Martins Sarmento fez parte da expedição que a Sociedade de Geographia enviou em 1881 á Serra da Estrella; elle era o presidente da secção de archeologia. Tendo-lhe eu pedido informações ácerca da ethnographia e linguagem da Serra, Sarmento escreveu-me a seguinte carta, que, por ser muito interessante, publíco na integra:

«Ancora, 22 de agosto de 1881.

«Meu amigo. — Em Ancora encontrei dois numeros do *Pantheon* [2], que agradeço, e hoje mesmo recebi a sua carta, que me procurou pela Serra. Se lá fosse, soffreria de certo o desapontamento que eu soffri. Na Serra propriamente dita não ha antiguidades, nem as póde haver: a montanha é inhabitavel uma parte do anno. A coisa é feia e triste; grandes massas de penedias com alguns *corões* (pequenissimos valles), e *naves* (valles um pouco maiores), onde verdeja o *serúm* (especie de feno miudo), e que contrasta com a esterilidade do mais. Além do *serúm*, algum *zimbro* (junipero) e urze. Nem uma arvore. Sendo a Serra larguissima, os rebanhos só podem subir para o alto, depois do S. João, para não estragarem os... pastos. Já vê que mesmo a abundancia de pastos não é grande. Ha mais pedras que verdura. Quanto aos nomadas... não vi. Os pastores habitam nas povoações do sopé da Serra, alguns já na planicie, e, a crêr o nosso guia, quasi todos têm grandes relações com o Alemtejo, aonde vão frequentes vezes. O que elles fazem de melhor

[1] [Esta noticia relaciona-se com o meu *Ensaio ethnographico a proposito da ornamentação dos jugos e cangas*, etc., que publiquei no Porto em 1881, e dediquei a Sarmento].

[2] [Refere-se Sarmento a um jornal que publiquei com este titulo no Porto, em companhia de Mont'Alverne de Sequeira].

é assaltar a gente, pedindo-lhe cigarros. O seu traje nada tem de singular. Por cima das calças de saragoça trazem uns calções de pelles, que chamam safões, e no rigor do frio usam tambem uma capa de pelles de ovelha.

«A linguagem não é tambem muito differente da das outras provincias. Para apanhar um *junguido* (por jungido), uma *loira* (noiva), é preciso conversar algumas horas, sem encontrar novidade.

«A lagoa escura tem algumas tradições confusas. Ha lá um palacio, onde se guarda a capa d'um rei, coberta de diamantes. Para fazer a capa foi preciso vender sete cidades. Para se entrar no palacio é preciso fazer atravessar a lagoa a uma cabra preta, e esperar que o sol esteja a pino, para dar n'uma fisga, por onde ha a unica entrada. Um tal, depois de recitar as treze palavras («Dize-me, amigo Custodio», etc.) entrou, mas nunca mais sahiu.

«Aqui está o que ha de mais fino sobre as lagoas.

«A lenga-lenga do nevoeiro varía das conhecidas, menos em ser uma restea de despauterios:

Neboa, neboeiro,
Vai p'r'atraz d'aquelle oiteiro,
Que lá anda João Cabreiro
Com as calças queimadas.
Quem lh'as queimou foi o fogo.
O fogo anda na mata,
Que a mata deu a cabra,
E a cabra deu o leite,
E o leite é p'r'ás velhas,
E as velhas dão o milho,
E o milho come-o a gallinha,
A gallinha põe ovos,
E os ovos come-os o cura,
E o cura diz a missa
Atraz d'aquella arrabiça.

A' *lua-nova:*

Deus te salve, lua nova,
Que me livres de tres males:
Primeiro de dôr de dentes,
Segundo de fogos ardentes,
Terceiro de linguas de má gente,
E do inferno principalmente.

«Conhece-se tambem uma ponte feita pelos Galhardos (diabos). Havia de ser feita antes que o gallo cantasse. Quando cantou o primeiro gallo, a ponte estava ainda incompleta, e um dos Galhardos disse: «Vamos, que já cantou o gallo. — Foi o gallo pardo, objectou outro. Não, foi o gallo preto romano.» A ponte fica entre Teixoso e Caría.

«Tradições de mouras e «de haveres» enterrados são raras na Serra, mas pelos arredores não faltam. No Sabugueiro, margem do Alva (nas faldas da Serra, senão ainda na Serra), um rapaz viu sobre um penedo uns figos seccos. Ia a lançar-lhes a mão, quando ouviu uma voz gritar-lhe: Schit! Schit! deixa isso. A voz continuou porém dizendo, que lhe dava os figos, se o rapaz lhe désse os safões ou o cão. Mas o rapaz desatou a fugir, tendo tempo de vêr que a coisa que fallava era metade cobra. Sabe-se tambem que, dando-se um beijo na cobra, esta quebra o encanto.

«Em Torrosello, já na planicie, ha outras tradições de mouras, e em S. Romão. Todas conhecidas. Em

S. Tiago idem. Ahi ouvi sobre a construcção d'essa ponte uma particularidade curiosa: a mãe do diabo, fiando n'uma roca, trazia as pedras á cabeça para a construcção da ponte. Novidade não encontrei nenhuma.

«Amuletos nada. É verdade que lidei pouco com os pastores. Na Serra apanhei uma parte d'um celt, que me pareceu pelo brilho do póído ser perdido ha pouco tempo. O meu guia, porém, não conhecia celts, nem pedras de raio. Aqui está á pressa o que póde interessar-lhe. Em torno da Serra ha antiguidades aos montes; mas, havendo estradas de mac-dam, não ha carros. É preciso andar a cavallo ou a pé, e perder o melhor do dia em caminhos massadores. Hei de tornar lá, mas com outras commodidades [1].

De v. ...
venerador e obrigado

F. Martins Sarmento [2].»

12. De dezembro de 1881 (Guimarães)

O deus Durbedico — Outras antigualhas

«Apresento-lhe um deus, até hoje desconhecido, do Pantheon dos nossos antepassados. É o deus DVRBEDICVS. Este pobre diabo de deus estava dentro da torre da egreja de Ronfe, n'uma pedra que entrava na parede da dita torre, e que felizmente ficou com as letras para fóra. Foi um puro acaso que me fez descobrir a inscripção, que se póde dizer completa [3].

«N'esse dia tinha eu de ir um pouco mais longe vêr uma exquisita construcção da época romana, que um lavrador descobriu n'um campo seu, e que só será menos mal conhecida, quando se proceder a uma escavação em fórma, — o que só póde fazer-se, quando vier o tempo sêcco.

«Indicaram-me mais umas antigualhas. Antigualhas não faltam. O que falta é tempo para as vêr, e pernas para as explorar.

«Na Citania tambem as chuvas se encarregaram de pôr a descoberto uma moeda de prata (romana) bem conservada.»

13. De 20 de março de 1882 (Guimarães)

Sepultura prehistorica do Marco de Canaveses — O castro do Freixo — Outras antiguidades

«Guimarães — Março, 1882.

«Meu amigo. — Cheguei hontem de Canaveses, para onde fui ainda meio constipado, e d'onde voltei na mesma.

«A tal sepultura que lá me chamava pouco deu, a não ser o desgosto de a não ter explorado ha quatorze annos. Segundo affirmou o primeiro explorador (um homem que faz telhas) e que veio depôr em juizo, ha quatorze annos, andando elle em busca de terra secca para as suas telhas, e vendo-a por baixo do grande penedo, começou a encher e a levar cestos de terra para o telheiro que lhe não ficava longe, e eis senão quando começa a desenterrar ossos e caveiras. As caveiras eram oito, uma muito pequena e muito branca, que se desfez

[1] [Infelizmente, Sarmento não chegou a realizar este desejo].

[2] [A maior parte dos factos contidos nesta carta foram já por mim publicados em 1881 no artigo intitulado «Tradições populares da Serra da Estrella», in *Justiça Portugueza*, n.os 112 e 115. — Martins Sarmento publicou em 1883 um *Relatorio* da secção de archeologia da expedição].

[3] [A inscripção foi publicada na integra pelo proprio Sarmento, in *Revista Lusitana*, I, p. 236].

em pó, logo que foi exposta ao ar. Os craneos andavam aos pontapés e hoje ninguem sabe d'elles. Decidiram os espertos do logar que as ossadas eram de gente assassinada por um estalajadeiro que morava a meia legua do penedo, etc. A ultima exploração pouco deu e pouco podia dar, porque a grande fresta do penedo já não tinha terra quasi nenhuma. Total dos objectos encontrados: dois machados de diorite excellentemente afiados; duas facas de silex; duas pontas de setta idem, uma d'ellas sem ponta; e uma goiva tambem de pedra. Um unico caco muito grosseiro. Que quantidade de armas de pedra não deitariam fóra os lorpas!

«Mas velharias não faltam por alli. Quizesse ou podesse eu demorar-me! A um quarto de legua do Marco fica o logar do Freixo no topo d'um monte, que foi uma Citania. Além d'uma inscripção, de que eu já tinha conhecimento, encontrei outra n'uma pequena ara e que me embaçou. Diz:

«Na primeira linha falta-lhe só uma letra, decerto um G. Mas atraz de O N C O que diabo de letra se póde pôr? A terceira linha é quasi illegivel [1]. Trouxe de lá duas vasilhas inteiras, uma alampada; e, segundo me affirmaram, tem por alli apparecido muitas curiosidades e continuam a apparecer todos os dias. Felizmente tenho certeza que me virá parar á mão tudo o que d'ora ávante se desenterrar. Mais longe ha mais dois ou tres castros, uma inscripção, cuja copia me prometteram, etc., etc.

«A pena é não ter a gente botas de sete leguas.

«Remetto o terceiro artigo e ultimo. Se acharem que é muito comprido, que o cortem á sua vontade [2].»

14. De 24 de março de 1882 (Guimarães)

These defendida por Martins Sarmento, segundo a qual os Celtas são de raça germanica
O *Genius* do Freixo — Penedos dos casamentos

«Então eu disse-lhe que a parte do artigo que mandei para a *Revista Scientifica* era a ultima? Se disse, é que me ficou no tinteiro alguma coisa. O que eu tinha na mente é que, além do que foi, havia de mandar uma quarta e *ultima*. Mas parece-me que tambem isto não se verificará; porque, andando a passar a limpo o resto do artigo, desconfio muito que elle ainda não póde ir d'uma só vez. E no emtanto eu tenho-o encolhido o que posso. A ultima parte necessitava de maior desenvolvimento, porque é de saber eu resuscito a these que se diz desacreditada e que estabelece que os celtas são de raça germanica. Para mim isto é um ponto de fé.

«Deixemos os celtas em paz.

«O *genio* do Freixo é mais esdruxulo do que suppõe. A segunda linha é bastante clara para não admittir um genitivo, uma ligação com a terceira. O gravador parece mesmo que quiz prevenir esta objeção; começou o primeiro e segundo nome na aresta esquerda (do espectador), de sorte que, como os dois nomes são curtos, entre a ultima letra de cada um d'elles e a aresta direita da ara fica um espaço em vão onde podiam caber quatro letras á vontade. Conto apanhar a pedra e photographal-a.

[1] [Esta inscripção foi tambem publicada na integra por elle in *Rev. Lusit*, I, p. 237. Cfr. *C. J. L.*, II, 5564].

[2] [Este artigo era destinado á *Revista Scientifica* do Porto. Vid. tambem o extracto n.º 14].

«Ámanhã mando-lhe os numeros do *Pero Gallego*, que fallam do Suajo. Vem lá duas costumeiras, de que lhe fallei já, creio eu. Uma é um Penedo dos casamentos. No Marco, encontrei noticia d'outro. Fica na freguezia de Soalhães e chama-se Penedo «Cardil». Ha aqui uma novidade, que talvez contenha a farinha pura da tradição. Eu sempre embirrei com a facilidade que ha de atirar com uma pedra acima d'um penedo. O oraculo deve sempre responder affirmativamente. No «Cardil» a coisa é mais difficil; a pedra ha de ser atirada com o pé [1].»

15. De 22 de junho de 1882 (Briteiros)

Ainda o *Genius* da inscripção do Freixo

«Apanhei a ara da inscripção do Freixo. Não diz como eu li da primeira vez gENIO | ONCO. Diz, se me não engano, porque algumas letras estão bastante safadas: gENIO | ONCOBRI | CENSIVM. A inscripção contém alguma coisa mais; mas o que é que se não póde perceber. É possivel que antes do O da segunda linha houvesse uma outra letra; mas ha aqui com certeza um ethnico: (*oncobriga* ... *-ica*) *oncobricenses*. A maior duvida está na ligadura BR, e talvez no final VM. Mas penso que a leitura que dou é correcta. Mandei uma photographia da ara ao Hübner; mas, se mesmo em face do original, a leitura é só para olhos de lynce, pouco espero do exame d'uma photographia.»

16. Sem data: verão de 1882 (Briteiros)

Mamôas do Minho — Antiguidades da Citania: fibula de bronze; aqueducto

«Por aqui a fortuna na pesca de trutas e de antiguidades regula: pouca coisa. Umas seis mamôas que fui estripar lá para Pedralva não deram nada. Um padre que m'as descobriu, foi-me mostrar mais sete, a menos de meia legua do Bom Jesus do Monte; mas estão todas arruinadas e saqueadas.

«A Citania tem dado alguns objectos de bronze, mas só uma fibula de bronze que apresente novidade. A descoberta mais importante é a da continuação d'um aqueducto, que foi posto a descoberto o anno passado, suppondo-se que findaria onde parou a escavação. Nada. Vê-se agora que segue n'uma extensão consideravel. Encontrou-se o deposito, aonde ia parar a agua, coisa muito tosca, mas que tem de notavel ter ainda hoje representantes, e tanto em Briteiros, como em outros pontos, com o nome de Fontes. Enchido o deposito, a agua continuava a correr e vamos ainda atraz de novo aqueducto, que ninguem sabe ainda aonde irá parar. O aqueducto consiste em calceiras de pedra soffrivelmente bem trabalhadas. Infelizmente foi impossivel dar com o sitio da antiga nascente d'agua.»

17. De 4 de maio de 1883 (Guimarães)

Citania — Cividade — Cidadelhe

«Folgaria particularmente que chegasse á descoberta da etymologia da *Citania*. Os nossos auctores escrevem sempre *Citania*; o povo, pelo menos em Briteiros, diz *Citaina*.... [2] As Citanias que eu conheço entre nós, *de visu*, são: a de Briteiros, a de Paços de Ferreira (a tal com S) e da Sáia, e por tradição certa, a de Baião. A de Galliza é em S. Torquato não sei de quê. Falla n'ella o Bermudez, que não tenho agora á

[1] [Cfr. as minhas *Trad. pop. de Portugal*, §. 200, onde tambem tenho uma referencia a Sarmento].

[2] [D'esta etymologia me occupei, por exemplo, in *Revista Lusitana*, III, p. 31].

mão. Só um escriptor latino, que eu saiba, V. Maximo, falla d'uma *Cimiinia* (com variantes, parece) na Lusitania, mas a applicação d'este nome á Citania é uma pura arbitrariedade.

«*Cividades* conheço talvez uma duzia. A mais notavel que tenho visto é a de Ancora (mesmo typo que a Citania). Perto de Caminha ha uma bouça, cheia de cacos e outras velharias, com o mesmo nome; e em Joanne (concelho de Guimarães) um logarejo ainda com o mesmo nome.

«*Cidadelhes* não conheço nenhuma, a não ser por informação; mas, pelo que tenho ouvido, a differença entre os castros, citanias e cidadelhes materialmente é nenhuma [1].»

18. De 16 de agosto de 1883 (Povoa)

Cividades e castros — Outras antigualhas

«No raio de legua e meia tenho farejado tudo o que me pareceu digno de ser farejado. Em Tarroso ha uma cividade; mas os vestigios de povoação antiga foram-se. A povoação primitiva desceu, como de costume, para uma das vertentes do monte, onde a cada passo se encontram fragmentos de telha romana; mas, como a agricultura tomou conta d'estes terrenos, imagine o que será isto.

«Ha outra cividade em Bagunte e que tenciono ir vêr um d'estes dias. Dizem-me que ahi ha vestigios mais bem conservados que na de Tarroso.

«Ha tambem dois castros — um em Nabaes que já vi — um outeiro pequeno com vestigios que prestem, e ao pé a «Fonte do Castro», notavel por ser de abobada e, segundo creio, muito antiga. O outro castro é em direcção opposta, para os lados do Mindello. Ainda o não vi.

«Ninguem me dá noticia de mamôas. Penedos com *fossettes* tenho encontrado alguns. Ás leguas que tenho andado merecia ter feito melhores descobertas; mas póde ser que as faça ainda.»

19. De 19 de setembro de 1883 (Povoa)

Sepulturas abertas em rocha — Castros — Mamôas — Etymologia popular — Ditado — Antigualhas diversas

«Para mim as sepulturas em rocha já pertencem ao periodo post romano, ou pelo menos no periodo de transição para o christianismo; para o Filippe Simões ellas são pre-romanas.

«Eu tambem por aqui não tenho sido infeliz. Vi o monte de S. Felix (Laúndos — Lá úm dos (d'Amorim), na etymologia popular) do typo da Citania, com cinco mamoínhas em volta, todas estripadas, é claro; — a Cividade de Tarroso, a de Bagunte, ambas da raça da de Laundos; o *Crasto* de Santo Ovidio, em Vairão; o Crasto de Macieira da Maia; o Crasto da Retorta (freguezia do mesmo nome); o Crasto de Santo Agões (*sic*), onde ha «doze moradores e treze ladrões», sendo o treze o parocho [2]; duas formidaveis mamôas, que de certo cobriram antas em Tongues: outra ainda maior no Fulão (freguezia de S. Simão da Junqueira), e ao pé outra mais pequena; e ainda tenho mais alguma coisa a vêr, se a chuva se dignar deixar-nos. As «pedras de raio» tambem por cá não são raras. Já apanhei seis, uma d'um bello typo e uma goiva de pedra. Ando com esperanças de vêr, pelo menos, umas pontas de setta e uma «pedra exquisita», achadas n'essa mamôa de Tongues, e com maior esperança ainda de explorar uma mamoínha virgem proximo de Cavalleiros. Felizmente não tenho de ficar por tabernas [3]; mas as distancias são grandes e excellentes para estafarem

---

[1] [Cfr. sobre o assunto *Rev. de Guimarães*, I, p. 177].

[2] [Cfr. tradições analogas in *Revista Lusitana*, IV, p. 187].

[3] [Ha aqui uma allusão a uma carta minha em que eu lhe dizia que, numa excursão que tinha feito em Traz-os-Montes, eu dormíra uma noite numa taberna, por falta de hospedaria].

as pernas, e para vêr o que tenho visto tem sido necessario fazer eu mesmo o interrogatorio pelas aldeias que percorro, porque nem os ciceronios d'aqui, nem os de Villa do Conde sabem do que têm nos seus concelhos.»

20. De 8 de outubro de 1883 (Guimarães)

Esculpturas antigas de Baião

«Guimarães, 8 de outubro de 1883.

«Meu amigo.—Julguei que o encontrava aqui na minha volta da Povoa; mas, como se vê, desencontramo-nos. Estimava bem ouvil-o sobre a sua digressão; mas, já que não pôde ser, mande-me dizer, quando estiver para isso, que nomes têm as localidades de Baião, onde achou a estatua gallega ou lusitana e o quadrupede ambiguo.

«Para a primavera que vem tenho tenção de ir dar uma volta por Baião com um apparelho photographico que me permitte trazer a cópia fiel dos dois mônos e de outros que por lá haja. Agora vou vêr se assento e se dou cabo d'um estudo ácerca dos *Argonautas*, com que ando ha muito e que vae ficando para as kalendas gregas.

Seu amigo e obrigado

F. Martins Sarmento.»

21. De 15 de outubro de 1883 (Guimarães)

Ainda as esculpturas de Baião

«Agradeço as novas noticias sobre as velharias de Baião. Como lá tenho o Eduardo, primo, com a vara de juiz na mão, vou vêr se elle me arranja os dois monstrosinhos.»

22. De 8 de dezembro de 1883 (Guimarães)

Novamente as esculpturas de Baião

«Ha uns poucos de dias que ando para escrever-lhe, dando-lhe parte de que já tenho em casa os dois mostrengos de Baião. Incumbi de m'os arranjar o juiz da terra, que é o Eduardo Martins, meu primo, e a coisa fez-se n'um sôpro. Pena é que não possa descobrir-se a parte superior da estatua, porque, salvo o erro, ella é mais importante do que parece. Já no seu desenho o que parecia fibula e ponta de cordão de crina, era para mim coisa suspeita. Com o exame do original, o que me pareceu bastante claro é que *a ponta do cordão* é a extremidade do quer que seja e que em logar da fibula acima da tal ponta ha uma mão que segurava o tal quer que seja. Como a extremidade da coisa tem a fórma d'um corno, pensei logo que a figura segurava com a mão esquerda uma cornucopia. A verdade sabe-a a terra, onde a outra metade da estatua deve estar enterrada. Hei de fazer o possivel por que ella appareça, mas as esperanças de a encontrar não são grandes.»

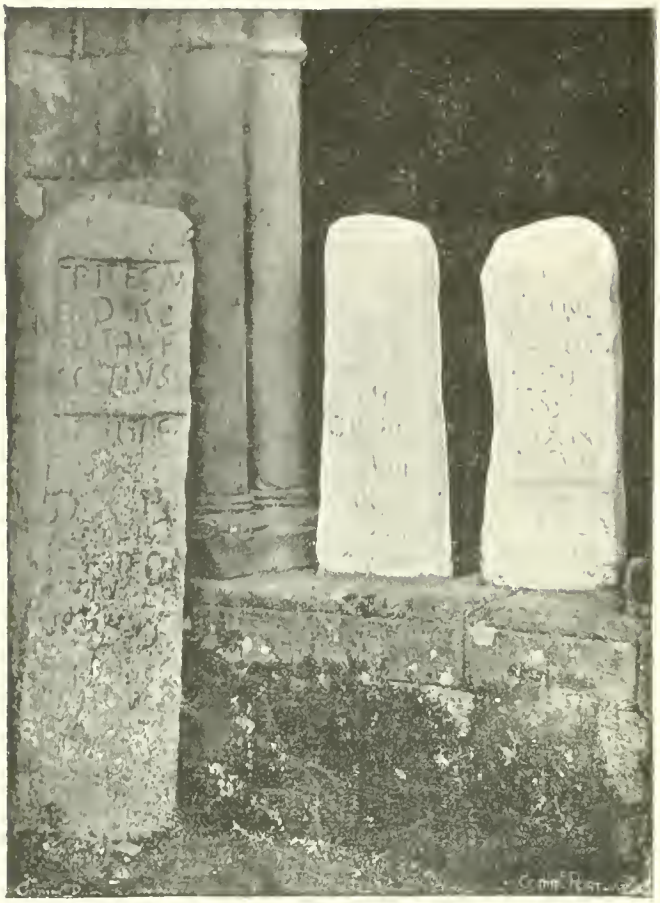
*
* *

Sarmento ia-me assim contando successivamente os seus prazeres archeologicos: noticias que lhe vinham, passeios que dava, descobrimentos que fazia. Como fruto eloquente de todo o seu afan, ahi estão os numerosos artigos e memorias que trouxe a lume, a restituição da Citania e de Sabroso, e o rico e valioso Museu de Guimarães, que, com a collaboração de dedicados amigos e conterraneos, teve a gloria de organizar.

Oxalá que o exemplo que elle legou aos vimaranenses lhes esteja, como é de esperar, sempre presente, e que a seára que o infatigavel archeologo semeou, não só não fique perdida, mas, pelo contrário, se melhore e augmente de dia para dia!

Lisboa, 14 de dezembro de 1899.

J. Leite de Vasconcellos.



DO MUSEU ARCHEOLOGICO DA SOCIEDADE MARTINS SARMENTO

Herculano e Sarmento

O parallelo entre estas duas grandes individualidades justifica-se plenamente.

Herculano arrancou do pó dos archivos documentos preciosos para a Historia de Portugal; Martins Sarmento arrancou do pó da terra documentos archeologicos, de alta valia, com que reconstituiu civilisações extinctas.

E esses dois intrepidos investigadores do passado conseguiram legar á sua patria uma herança inestimavel, á qual os seus nomes ficaram ligados por fórma tão brilhante, que jámais poderão ser esquecidos.

Oliveira Martins, escrevendo a biographia de Herculano, deixou lá estas palavras: «Robinson de nova especie, Herculano achou-se como n'um paiz deserto e teve de descobrir os materiaes, antes que pudésse pôr mãos á obra.»

Martins Sarmento teve igualmente de arrancar para a luz os signaes do passado e sobre elles architectou todo esse passado, com as luzes de um sabio e o enthusiasmo de um vidente.

A sua obra é como a obra de Herculano: — um prodigio de trabalho, de saber, de paciencia, de talento.

1900.

Bento Carqueja.

Senhores.[1] — Entramos oppressos n'este recinto de tristezas, n'este caudal de saudades amargas. Acompanhamos o dr. Francisco Sarmento á sua derradeira jazida.

N'esta hora solemne, em que a sciencia portugueza se reveste de crepes, em que a cidade de Guimarães sente estos de dôr, vimos dizer-lhe o ultimo adeus.

Vimos prestar esta homenagem melancolica e dolorida ao homem, que foi por muitos annos a gloria da sua terra, o amor proprio dos vimaranenses.

Que não é exclusivo de individuos esta paixão: as multidões tambem a alimentam.

E a individualidade eminente, da envergadura gigantesca de Sarmento, pelos seus talentos, pelas suas virtudes, pelo seu trabalho, pela rectidão inquebrantavel e amor da justiça, saliente, sempre manifesto amor de justiça, inspirou a nobre paixão da cidade.

A paixão de justo orgulho da cidade de Guimarães sentiu-se opprimida resvalando, em irreprimivel consternação, para a escuridão d'um tumulo, que traga a fonte viva d'este amor collectivo, d'este culto popular, geral e profundo pelo homem forte e rico de benemerencias intellectuaes e moraes, agora reduzido a pó.

É a consternação d'hoje, ultima scena perante a tragedia da vida individual d'um vulto grandioso.

Mas ámanhã, ao revêrmos monumentos immorredouros da obra grandiosa do morto illustre, a alma collectiva da cidade receberá conforto, sentirá renascer as expansões de antigo orgulho, o amor proprio da população ha de reviver pujante e intenso pelo nome, aureolado de gloria immarcessivel, do grande cidadão, que foi um guia seguro, um vivo exemplo de virtudes civicas, um trabalhador infatigavel, pelo bem, pelo bello, pela verdade.

---

[1] Discurso proferido no cemiterio em 12 d'agosto de 1899.

Sim, que para o sabio, e para o estudioso, os *Ora Maritima,* os *Argonautas,* e tantos productos do seu estudo indefesso, da sua critica viva e firme, não são epitaphios, mas monumentos de vida intellectual sempre pujante;

que para os patriotas, as conquistas de renascença vital vimaranense, para que tanto cooperou a sua acção directa, o seu influxo e prestigio, não se reduzem a cinzas das tremendas destruições, a pulverisação de ingentes cataclismos; mas continuam radicadas e seguras e a inspirarem novas conquistas, novos progressos nas evoluções futuras da vida collectiva;

que para os humildes, a Sociedade Martins Sarmento continuará viva, robusta pela dedicação dos seus consocios, soccorrendo, solicitamente com a actividade de ardentes patriotas, com o vigor de apostolos de caridade social, offerecendo gasalhado intellectual aos infelizes, fortalecimento aos pequeninos pelo pão, pelo sal, gerador de virtudes e riqueza, da instrucção geral e profissional.

Não, o Sarmento não morreu: apenas desappareceu; mas vive e viverá perpetuamente pela luz intensa e irradiante das suas obras scientificas, pela utilidade e benemerencia de instituições estabelecidas.

Vai, é certo, cerrar-se sobre o corpo a pedra sepulchral; mas abrem-se francos e illuminados novos capitulos de historia contemporanea.

Não vemos mais o homem: a morte tragou-o; a lei biologica inquebrantavel não soffre uma excepção; a familia — a esposa amantissima, a enfermeira extremosissima, os sobrinhos tão respeitadores e dedicados, os parentes, os amigos e admiradores perderam a sua tão caracteristica, tão amorosa, tão paternal, tão lhana, cavalheirosa, modesta, attrahente convivencia; mas o seu espirito lucidissimo, a sua cultura profundissima, a sua lição tão respeitada, continuam vivas na Revista de Guimarães, na Citania e no Sabroso, na Sociedade Martins Sarmento, nos *Ligures,* no *Ora Maritima,* nos *Argonautas,* nas centenas de estudos que illustraram numerosas publicações scientificas de Portugal, de Hespanha, de França e da Allemanha.

Um homem grande nunca morre: durante a vida organica, vive e illumina pelos seus feitos; paralysado o organismo, vive no fóco luminoso das instituições que fundou, que suggeriu, ou inspirou pelas collaborações em que como que se realisa a transmigração do seu espirito; para homens como Francisco Sarmento a morte é apenas o começo da vida gloriosa na historia geral da sciencia, na historia das altas devoções patrioticas, renascendo e revivendo na pureza e opulencia immaculadas e radicadas em monumentos immorredouros.

Senhores: deixemol-o em paz; continuemos o nosso culto no estudo e incremento das instituições que nos legou.

Como não raro succede com o heroe de batalhas, dirigindo um combate, prostrado, crivado de balas, quando os sons clamorosos da guerra, o fragor e a embriaguez da ingente pugna, o odio estonteante de luctas em vagalhões no terrifico marulhar humano... continua-se obedecendo aos ultimos dictames, realisando o plano delineado... assim, nós, vimaranenses, continuaremes a batalha travada, que viver é combater (*militia est vita hominis*), que o nosso querido extincto, heroe laureado de batalhas pelo justo, pelo bello e pelo bem, deixou nas instituições e monumentos creados, o luminoso plano e os derradeiros dictames.

Nós, os vivos, herdeiros d'um valiosissimo thesouro intellectual, façamos este voto á borda d'um tumulo: trabalhemos, luctemos, combatamos!

No cumprimento d'este voto, que traduz e continúa o seu culto fervoroso e constante pela Patria, pela Justiça, pela Sciencia — constituamos a melhor das homenagens, o preito mais elevado, a estatua mais duradoura, a mais brilhante florescencia da nossa alma collectiva offerecida ao grande nome do maior cidadão vimaranense d'este seculo!

Avelino Guimarães.

DO MUSEU ARCHEOLOGICO DA SOCIEDADE MARTINS SARMENTO

Depois das palavras de saudade que acabam de ouvir-se em face do muito querido e muito illustre Homem sobre quem se fecha agora a eterna lage tumular, e que representam levantada e justissima homenagem, nada mais venho trazer, meus senhores, para a illustre e funebre consagração; apenas a minima contribuição de algumas phrases de sincera e profunda magoa perante o desastre irreparavel que fere, mais do que todos, a sciencia nacional. Cada qual veio — e é enorme a multidão que se lamenta — pousar junto ao corpo inanimado, que foi de talentoso e nobre espirito, a sua offerenda de affectuosas condolencias [1].

Por mim, quedar-me-hia no singelo adeus silencioso ao querido mestre e bondoso amigo que ora desapparece do curto espaço das minhas mais intimas affeições.

Represento, porém, n'este momento uma empreza scientifica de patriotismo e de fé, á qual Martins Sarmento tinha generosamente prestado o concurso de todo o seu enthusiasmo, do seu puro e integerrimo patriotismo. Cumpro o dever de apontar mais este facto *in memoriam* do notavel morto.

Homem sabio, da mais santa dedicação pela sciencia nacional, viu na *Portugalia*, que tenho a honra de representar, a nova força de renascimento, applicando-se francamente em prol das tradições populares nacionaes, das tradições historicas do povo portuguez; e seduziu-o o nosso programma, que nos propômos cumprir como um destino, de trabalhar seguindo este rumo, pela grey portugueza. Logo collocou ao dispôr da iniciativa a sua obra inteira, todas as lucubrações da sua vida passada de tão pesado labor. E todos trabalhariamos de accordo, na mesma esperança de realisar a verdadeira renascença do fundo popular, espalhando luz e vida ao passado portuguez nas suas nascenças, condensando a esse fim os trabalhos de todos os nossos homens de saber.

---

[1] Discurso proferido no cemiterio de Guimarães no dia 12 do agosto de 1899.

Assim era, de resto, a sua missão de historiador; encontrou na audacia do nosso proposito elementos confortantes, algum apoio moral; nós tinhamos muito mais a lucrar, era toda a sabedoria de uma longa carreira de investigador, o concurso poderoso da sua profunda erudição. Falta-nos, meus senhores, nos primeiros passos, esse forte amparo; resta-nos a memoria inolvidavel das suas virtudes, como incentivo.

«Quem me dera a vossa mocidade», dizia-nos ha um anno o sabio amigo.

Tinha elle mais do que a nossa mocidade; e era, com dobrada idade, dobrado enthusiasmo, fé inabalavel na sciencia e no trabalho, que nos animava a proseguir a dura tarefa, crentes na sua douta experiencia de apostolo.

É nosso voto, em face da campa aberta para encerrar tão dedicado trabalhador, que o sentimento de magoa e apreço representado n'estas grandiosas manifestações, não se extinga da memoria dos que aqui estão presentes, representando collectividades a quem compete a guarda de toda a obra scientifica do illustre vimaranense dr. Francisco Martins Sarmento.

Esta terra foi o berço de tradições historicas muito antigas que se referem ás primeiras luctas pela nossa independencia. Viu nascer tambem o homem que actualmente mais ennobreceu esses pergaminhos, rebuscando as nossas mais vetustas origens. Toda a remotissima vida do nosso Minho condensa-se n'essas duas estações, de moldes caracteristicos, no Crasto de Sabroso e na Citania de Briteiros.

Cumpre proteger desveladamente por todos os meios possiveis estes padrões de antiquissima historia, que serão sempre os unicos e mais grandiosos monumentos á memoria do muito illustre historiador e patriota.

Perante o nosso querido morto, que santificado será no culto de todos os que lhe veneram a memoria, ahi fica expresso este voto; e assim me despeço com saudoso adeus do muito querido mestre e bondoso amigo.

Ricardo Severo.

CASA DE F. MARTINS SARMENTO

(ONDE FALLECEU AOS 9 DE AGOSTO DE 1899)

LEMBRANÇAS

«Não. . . . . estranha historia,
«Mas. . . . . dos meus a gloria».

CAMÕES — CANT. III. EST. III — *Lusiadas.*

I

LIGADO ao distincto compatricio vimaranense, o dr. Martins Sarmento, por intimidade affectuosa d'estudos patrios durante a vida; não podia quebrar-se agora, depois da morte, a solida cadeia d'extremosa amisade litteraria entre os dois.

E d'esta intimidade estudiosa deu testimunho pessoal á Sociedade de Geographia de Lisboa —«de que nos lisongeamos de ser socio»— o distincto cultor das lettras Luciano Cordeiro, em 1877, na sua curiosa lucubração d'occasião, com o tituto *Uma visita á Citania,* e no *Boletim* respectivo impressa.

II

Eis as proprias palavras do nosso laborioso consocio, visitando as ruinas da Citania:

«Encontrando em Braga o nosso consocio, snr. Gabriel Pereira — «que eu não sei se a nossa sciencia conhece já; que por ora a nossa Academia, sua representante, tem sido muda a tal respeito; mas que eu e muitos conhecemos por um dos archeologos mais scientificamente educados do paiz» — não poderia eu desejar melhor companheiro, como nós ambos não poderiamos encontrar mais amaveis, mais competentes, mais auctorisados guias; nem as velhas ruinas, quem melhor soubesse fazer as honras da casa, do que nos snrs. dr. Sarmento e dr. Pereira Caldas — ambos nossos consocios n'esta Sociedade, e cujos nomes estão tão ligados n'estes estudos e explorações archeologicas, que não ha separal-os no louvor e no reconhecimento, que lhes deve o paiz.»

III

Foi n'estas condições especiaes — no alvo saudoso de traçar os relevos capitaes do ininterrupto labutar archeologico do dr. Martins Sarmento — « com testimunhos inconcussos do dr. Emilio Hübner » — que eu me dirigira á dolorida viuva do finado amigo, a exc.ma snr.a D. Maria de Freitas Aguiar Martins Sarmento, solicitando-lhe o exame da constante correspondencia litteraria entre os dois alludidos antiquarios consummadissimos.

E eis-aqui o contexto fervoroso da minha solicitação:

« Respeitabilissima Senhora. — Não ignora certamente v. exc.a, o *quanto* me ligava estreitamente, no campo archeologico, ao pranteado marido de v. exc.a — a quem eu incitára e galvanisára, nos inicios das escavações da Citania, para levarmos a effeito uma *Conferencia Archeologica,* de que resultasse para o dr. Martins Sarmento — com gloria patria — o ser elle o inaugurador dos *Congressos Archeologicos* em Portugal.

« Por mais d'uma vez, dirigindo-se ao nosso paiz o dr. Emilio Hübner, consummadissimo epigraphista de Berlim, eu o acompanhei de Braga a conferenciar com o chorado Sarmento, ácerca das explorações momentosas da Citania e de Sabroso.

« Entre o saudoso marido de v. exc.a e o dr. Emilio Hübner, trocou-se uma serie de correspondencias litterarias de subidissimo prestimo archeologico.

« Empenhando-me por isso em escrever a *biographia litteraria* do meu extincto amigo, muito me convinha *passar pela vista* essa alludida correspondencia litteraria; porque n'ella abundarão testimunhos do dr. Emilio Hübner ácerca do alto saber, da judiciosa critica, e dos subidos esforços do dr. Martins Sarmento, nas dispendiosas explorações da Citania e de Sabroso — e de que ficaram maravilhados os *Sabios Congressistas,* que de Lisboa as vieram examinar, e que eu aqui recebêra em Braga festivamente em 1880 — por ordem do governo d'então — para d'aqui os acompanhar a essas ruinas esplendorosas.

« Dignando-se v. exc.a acceder a este meu pedido affectuoso; mais uma vez testimunhará v. exc.a o entranhado amor, e a dedicação extremosa, consagrados com fervor ao saudosissimo finado.

« Braga, 26 de agosto de 1899.

« De v. exc.a, respeitoso admirador — *Pereira Caldas.* »

IV

Em resposta a esta minha carta saudosa, dignou-se honrar-me a dolorida viuva do extremoso amigo, com a carta affectuosa que se transcreve:

« Exc.mo Snr. — Guimarães, 30 de agosto de 1899.

« Minha irmã, viuva de Francisco Martins Sarmento, encarrega-me de accusar a recepção da honrosa carta de v. exc.a — que muito agradece — assegurando que jámais esquecerá as referencias que v. exc.a n'ella faz ao seu chorado esposo.

« Encarrega-me mais de dizer a v. exc.a, que por emquanto não lhe é possivel procurar a correspondencia, a que v. exc.a se refere; e que mesmo mais tarde incumbirá esse trabalho á direcção da SOCIEDADE MARTINS SARMENTO.

« Digne-se v. exc.a permittir-me, que me assigne — De v. exc.a, respeitador e creado — *Manuel de Freitas Aguiar.* »

V

Na *previsão casual* d'uma impossibilidade d'esta ordem — « e para a supprir ao menos com a dedicação d'amigo intimo do pranteado extincto » — tive o cuidado de solicitar do dr. Emilio Hübner, (dadivoso modelo de hombridade litteraria em acudir generoso aos pedidos intimos dos estudiosos), um testimunho latino seu — « por limitado que fosse » — em merecida homenagem obituaria ao indefesso archeologo vimaranense.

E do consummadissimo sabio allemão, conhecido e respeitado em toda a parte, recebi para logo a valiosa *chave d'ouro,* com que decerto a direcção da SOCIEDADE MARTINS SARMENTO — briosa como é — não deixará de encerrar a REVISTA DE GUIMARÃES, consagrada exclusivamente ao saudoso extincto: — e é ella a meritosa *Memoriae Aeternae Francisci Martins Gouvea de Moraes Sarmento.*

VI

Resta-me por isso apenas — como remate d'estas linhas d'intimidade — offerecer cordialmente para o *jazigo* do dr. Martins Sarmento, « no cemiterio vimaranense », o *epitaphio* que eu passo a copiar das LYRICAS DE CAMÕES — e parece propheticamente inspirado para egregios vultos patrios, como era o finado archeologo amigo:

« Alma gentil, que á firme Eternidade
« Subiste clara e valorosamente:
« Cá durará de ti perpetuamente
« A fama, a gloria, o nome, e a saudade. »

VII

Se a benemerita direcção da SOCIEDADE MARTINS SARMENTO, escutando esses meus anhelos d'alma e coração, acceitar benigna a minha extremosa *offerta* obituaria — « em memoria saudosa aos restos mortaes do maior vulto archeologico dos nossos dias em nossa patria » — dirão d'essa direcção os visitantes do porvir á nossa necropole vimaranense, servindo-se de *Camões* nos *Lusiadas* (Cant. VIII. Est. III):

« Que alli quiz dar, aos já cançados ossos,
« Eterna sepultura e nome aos nossos. »

Braga, 9 de setembro de 1899.

O Decano do Lyceu Central,

Pereira Caldas.

MEMORIAE AETERNAE

Francisci Martins Gouvea de Moraes Sarmento

(1833 1899)

Valetudinem eius gravem ante paucos dies mihi nuntiaverat Albanus Bellino; hodie, dum in hac solitudine Alpium Helveticarum animi corporisque recreandi causa moror, iam eum non esse inter vivos certior factus sum amicitia doctoris Pereira Caldas, senis venerandi, qui corporis animique vigore admirabili praeditus studia cujusvis generis fovet.

Utinam Musae studiorum liberalium fautrices diu eum nobis conservent! Nam mortui sunt iam diu, qui in eadem studiorum arena desudaverant, amici mei Portugalenses paene omnes: Soromenho, Estacio da Veiga, Borges de Figueiredo.

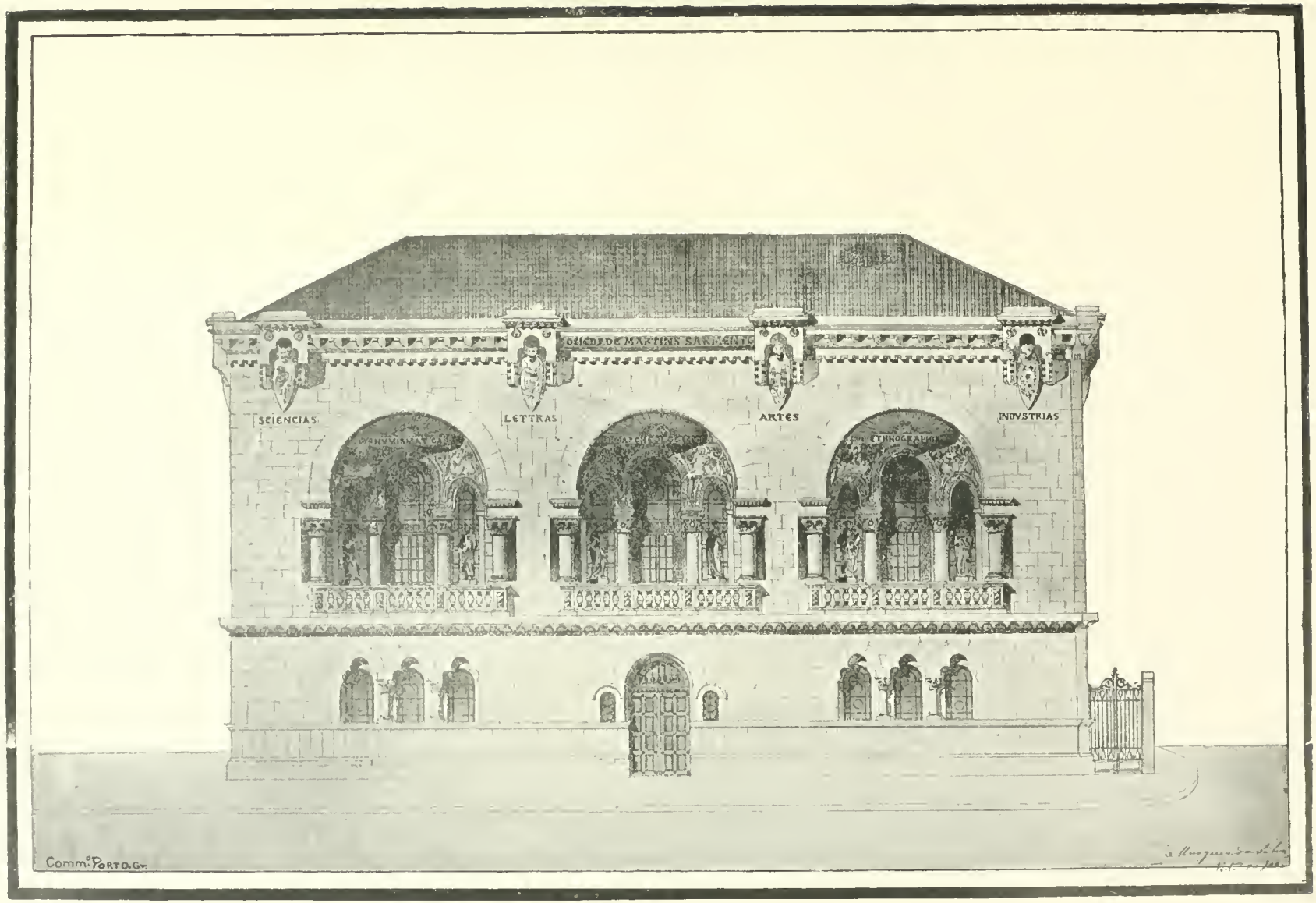
Mortuus est nuperrime, quem nunquam dolere desinemus, Franciscus Sarmento, investigator praeclarus Citaniarum, Avieni interpres sagax, Argonautarum in longinquas occidentis regiones, ubi ipse natus est vitamque degit omni bono honestoque dedicatam, dux intrepidus, historiae patriae nec non Musarum cultor felix, vir ingenio, doctrina, morum comitate, sermone eleganti facetiisque pleno insignis.

Vita ei concessa erat paene aequa, non longior certe, quam Marco Ciceroni, litterarum Latinarum luci; lux similis e scriptis Francisci Sarmento redundans Lusitanorum vetustatem illustrabit.

Mortuus quidem est, neque diutius fruemur animi eius candidi dotibus iucundis. Sed manet manebitque memoria viri praeclari non tantum inter cives suos, sed apud omnium gentium homines.

Vixit mihi amicissimus; amicitiae et admirationis testimonium hoc scripsi in vico Helvetiorum inter lacus duos sito (Interlaken), d. xix m. Augusti a. m dccc xcix.

Aemilius Hübner.

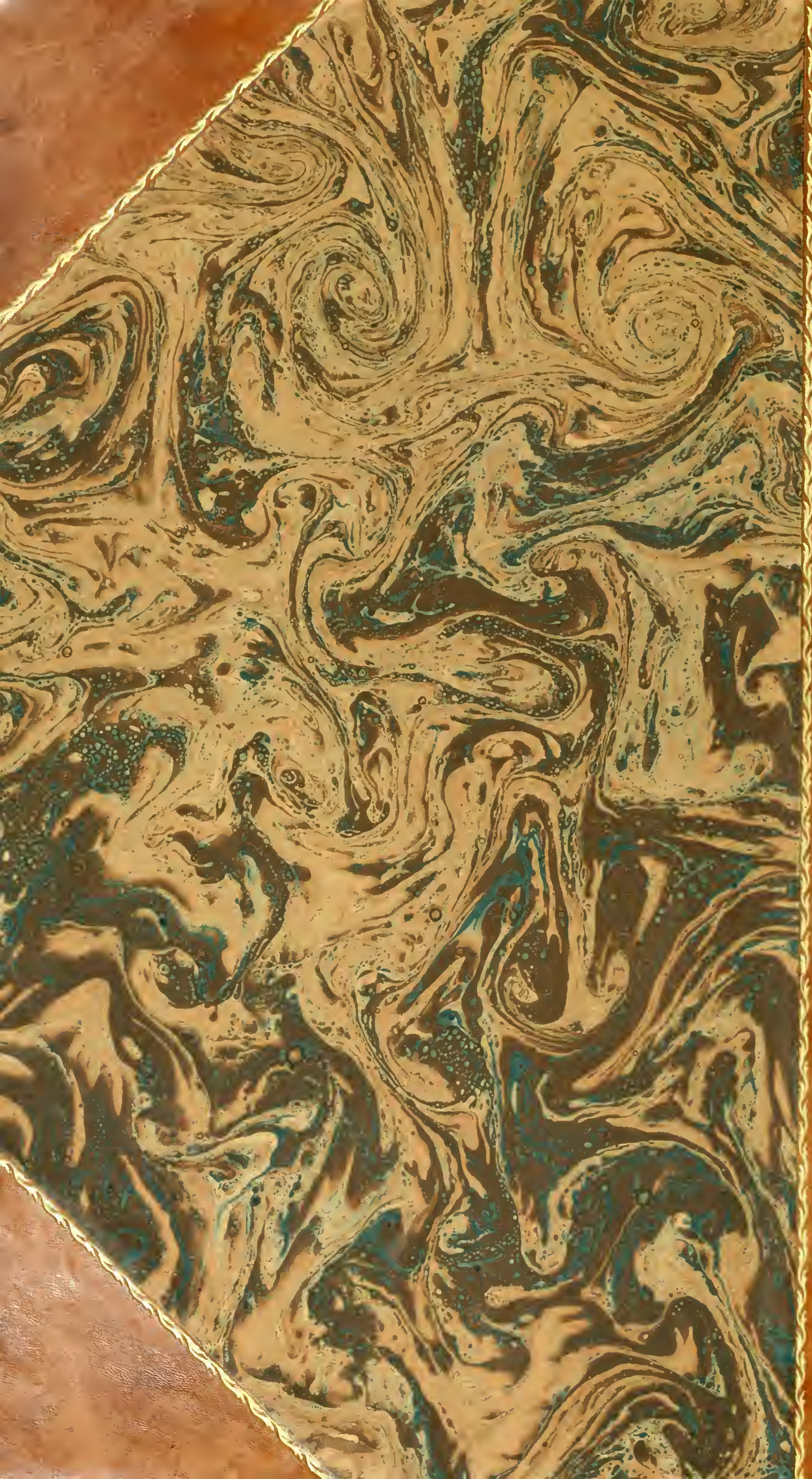


SOCIEDADE MARTINS SARMENTO

(PROJECTO PARA A FACHADA DO EDIFICIO)

Indice dos collaboradores

	Pag.
José Sampaio	1
O abbade J. G. de Oliveira Guimarães	14
Avelino Guimarães	24
Avelino Germano da Costa Freitas	25
Domingos Leite de Castro	27
Conde de Margaride	28
Rocha Peixoto	32
Theophilo Braga	35
M. Capella	36
Padre Gaspar Roriz	38
José Pessanha	39
Santos Rocha	40
Monsenhor Conego Pereira Botto	43
Albano Bellino	44
Luiz de Magalhães	46
Padre F. J. Patricio	48
Antonio Francisco Barata	50
Visconde de Pindella	51
Dom Prior Manoel d'Albuquerque	52
L. de Figueiredo da Guerra	54
Padre Abilio de Passos	55
Conde d'Arnoso	57
Gaspar de Abreu	58
A. Vieira d'Andrade	61
J. Candido	62
C. Sequeira	64
Henrique Ferreira Botelho	65
José Caldas	67
Henrique Cardoso M. de Menezes	69
Anthero Campos	70
Padre José Raphael Rodrigues	71
Raul Brandão	73
Pedro A. Ferreira	74
Sousa Viterbo	80
F. C.	82
J. Leite de Vasconcellos	83
Bento Carqueja	97
Avelino Guimarães	98
Ricardo Severo	101
Pereira Caldas	103
Aemilius Hübner	106

IX·III-MDCCCC

GETTY CENTER LINRARY
3 3125 00666 0159